



FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI  
LYGIA DE ALMEIDA MARQUES

**MANUTENÇÃO DO *GENIUS LOCI* COMO LUGAR DE REFORÇO E EXALTAÇÃO  
DA IDENTIDADE DO SUJEITO EM CONEXÃO COM O SER**

**RECANTO MAESTRO - RESTINGA SÊCA  
2025**

**LYGIA DE ALMEIDA MARQUES**

**MANUTENÇÃO DO *GENIUS LOCI* COMO LUGAR DE REFORÇO E EXALTAÇÃO  
DA IDENTIDADE DO SUJEITO EM CONEXÃO COM O SER**

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Graduação em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientadora: Profa. Dra. Clarissa Mazon Miranda

**RECANTO MAESTRO - RESTINGA SÊCA  
2025**

**LYGIA DE ALMEIDA MARQUES**

**MANUTENÇÃO DO *GENIUS LOCI* COMO LUGAR DE REFORÇO E EXALTAÇÃO  
DA IDENTIDADE DO SUJEITO EM CONEXÃO COM O SER**

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Graduação em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientadora: Profa. Dra. Clarissa Mazon Miranda

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Clarissa Mazon Miranda  
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso  
Faculdade Antonio Meneghetti

---

Profa. Dra. Annalisa Cangelosi  
Membro da Banca Examinadora  
Faculdade Antonio Meneghetti

---

Prof. Dr. Paolo Zenorini  
Membro da Banca Examinadora  
Faculdade Antonio Meneghetti

**Recanto Maestro, 11 de dezembro de 2025.**

## **DEDICATÓRIA**

Ao Maestro Antonio Meneghetti por seus ensinamentos e presença viva aqui e agora, e por fazer o resgate interior deste íntimo tema que é conhecer o próprio *genius loci* imenso, infinito e vital todos os dias, espiritualmente sempre novo e atual.

## **AGRADECIMENTOS**

À Grande Vida por esta bela experiência!

## *Epígrafes*

*“O genius loci ou o espírito do lugar  
foi reconhecido como a realidade concreta  
que o homem tem que enfrentar  
e chegar a um acordo em sua vida diária.”*

Arquiteto Christian Norberg-Schulz, 1979.

*“Saber personalizar o sacro,  
no qual todos respiramos, vivemos,  
e onde somos uma expressão, uma palavra,  
uma episteme de significância,  
tanto para si mesmo  
como para a expressão do lugar  
para o próprio bem estar  
e para muitos.”*

Filósofo Antonio Meneghetti, 2007.

## RESUMO

A presente pesquisa aborda o conceito de *genius loci* no âmbito do espaço existencial e metafísico, buscando identificar a sua manifestação no lugar e o seu emprego no ambiente humano. Indaga-se, como problema de pesquisa, se é possível constatar o que leva o arquiteto a buscar esse conceito para propor um ambiente mediador de realização existencial para o ser humano. Centra-se essa indagação como objetivo geral, desdobrado em três objetivos específicos: revisar historicamente o conceito desde os romanos até a Idade Contemporânea; realizar uma análise comparativa de dois autores que fizeram aportes basilares nessa temática — Christian Norberg-Schulz e Antonio Meneghetti —, bem como a contribuição de seus métodos e teorias, verificando a lógica racional aplicada; e colher, como resultado, benefícios não só estéticos, mas metafísicos na relação entre a pessoa e o ambiente. Na Fundamentação Teórica, analisam-se as contribuições do tema e sua aplicação no campo da Fenomenologia da Arquitetura e na Ciência Ontopsicológica, trazendo conceitos de arquitetura ontológica e a fenomenologia do Ser. Através do conhecimento do conceito de *genius loci* retratado por autores do século XX, amplia-se o escopo de contribuições científicas para o ser humano no âmbito existencial, fenomenológico e metafísico na relação do espaço arquitetônico. O estudo adota o método de pesquisa exploratório, do tipo qualitativo, com abordagem investigativa e bibliográfica sobre as definições do termo *genius loci* e seus modos de aplicação no espaço natural ou construído. Como resultado, alcançaram-se os objetivos propostos, concluindo-se que amplas contribuições podem ser obtidas a partir de paralelos epistêmicos entre Norberg-Schulz e Meneghetti, o que evidencia a necessidade de ampliar os estudos.

**Palavras-chave:** Genius loci. Arquitetura ontológica. Fenomenologia do espaço. Ontopsicologia. Arquitetura e urbanismo.

## ABSTRACT

This research addresses the concept of *genius loci* within the framework of existential and metaphysical space, seeking to identify its manifestation in places and its application in the human environment. It investigates, as a research problem, whether it is possible to verify what drives architects to pursue this concept to propose a mediating environment for human existential fulfillment. This inquiry is centered as the general objective, expanded into three specific goals: to historically review the concept from the Romans to the Contemporary Age; to conduct a comparative analysis of two authors who made foundational contributions to this theme — Christian Norberg-Schulz and Antonio Meneghetti — alongside the contribution of their methods and theories, verifying the applied rational logic; and to gather benefits as results, not only aesthetic but also metaphysical, within the person-environment relationship. In the Theoretical Framework, it analyzes the contributions of the subject and its application in the fields of Phenomenology of Architecture and Ontopsychological Science, bringing forth concepts of ontological architecture and the phenomenology of Being. Through the understanding of the *genius loci* concept depicted by twentieth-century authors, this study expands scientific contributions to human beings within existential, phenomenological, and metaphysical realms regarding architectural space. The study adopts an exploratory, qualitative research method, with an investigative and bibliographical approach to the definitions of the term *genius loci* and its methods of application in natural or built environments. As a result, the proposed objectives were achieved, concluding that broad contributions can be obtained from epistemic parallels between Norberg-Schulz and Meneghetti, thereby highlighting the necessity for further studies.

**Keywords:** *Genius loci*. Ontological architecture. Phenomenology of space. Ontopsychology. Architecture and urban planning.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 01 - Villa Capra, La Rotonda, Vicenza, Itália
- Figura 02 - Villa Capra, La Rotonda, Vicenza, Itália
- Figura 03 - Villa Foscari, La Malcontenta, Vêneto, Itália
- Figura 04 - Villa Foscari, La Malcontenta, Vêneto, Itália
- Figura 05 - Ara Pacis, Roma, Itália
- Figura 06 - Ara Pacis, Roma, Itália
- Figura 07 - Catedral de Chartres, França
- Figura 08 - Interior da Catedral de Chartres
- Figura 09 - Teto do interior da Catedral de Chartres
- Figura 10 - Materiais bibliográficos e informativos históricos do percurso acadêmico da autora (Capa de livro)
- Figura 11 - Materiais bibliográficos e informativos históricos do percurso acadêmico da autora (manuscrito)
- Cartaz sobre as aulas no Recanto Maestro escrito pelo Prof. Antonio Meneghetti.
- Figura 12 - *Folder* do seminário O Em Si da Arte e Criatividade, 1995, São Petersburgo, Rússia
- Figura 13 - Publicação sobre o seminário O Em Si da Arte na Revista Nuova Ontopsicologia
- Figura 14 - Cartaz do seminário O Em Si da Arte na Revista Nuova Ontopsicologia
- Figura 15 - Göbekli Tepe, Turquia
- Figura 16 - Ambiente de um espaço para o banho turco (Hamam), Turquia
- Figura 17 - Catedral de Amiens, França
- Figura 18 - Catedral de Bayeux, França
- Figura 19 - Catedral de Evreux, França
- Figura 20 - Catedral de Reims, França
- Figura 21 - Catedral de Rouen, França
- Figura 22 - Catedral de Notre Dame de Paris, França
- Figura 23 - Catedral de Chartres, França
- Figura 24 - Teto no interior da Catedral de Chartres, França
- Figura 25 - Mapa das 7 catedrais, França
- Figura 26 - Constelação da Virgem e mapa astronômico
- Figura 27 - Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, França
- Figura 28 - Gruta de Massabielle em Lourdes, França
- Figura 29 - Machu Picchu, Peru
- Figura 30 - *Dzong* de Trongsa, Butão
- Figura 31 - *Dzong* de Punakha e o rio Mo Chhu, Butão. Figura 32 - *Nuraghi*, Sardenha, Itália
- Figura 33 – Monumentos de pedra e paisagem da Córsega, França
- Figura 34 - Planta de Cromeleque II (Neolítico Médio), Almendres, Portugal
- Figura 35 - Dolmêns circulares de Cava dei Servi, Sicília, Itália
- Figura 36 - Menires 1 e 2 de Lavajo, Alcoutim, Portugal
- Figura 37 - Parque Arqueológico do Solstício, Calçoene, Amapá, Brasil
- Figura 38 - Stonehenge, Salisbury, Wiltshire, Inglaterra
- Figura 39 - Panorama urbano de Roma, Itália
- Figura 40 - Primeiros assentamentos, Cidade das 7 colinas/Roma, Itália
- Figura 41 - Vista aérea da cidade de Assis, Itália

- Figura 42 - Fortaleza de Rocca Maggiore, Assis, Itália
- Figura 43 - Templo Kiyomizu-Dera, Kyoto, Japão
- Figura 44 - Casa e jardim, Lagoa tradicional de Koi, Kyoto, Japão
- Figura 45 - Lugar do Imperador, Pequim, China
- Figura 46 - Cidade Proibida, Pequim, China
- Figura 47 - Tipologia das habitações nas montanhas de Yalta, Criméia
- Figura 48 - Yalta, Mar Negro, Criméia
- Figura 49 - Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro/RS, Brasil
- Figura 50 - Centro Ecobiológico Lizori, Umbria, Itália
- Figura 51 - Centro Ecobiológico Marudo, Itália
- Figura 52 - Centro Ecobiológico Bernia, São Petersburgo Rússia
- Figura 53 - Centro Ecobiológico Niotan, Ekaterimburgo, Rússia
- Figura 54 - Centro Ecobiológico Diostan, Magnitogorsk, Rússia
- Figura 55 - Centro Ecobiológico Vitolga, Kiev, Ucrânia
- Figura 56 - Centro Ecobiológico Lizari, Riga, Letônia

## LISTA DE QUADROS

- **Quadro 1** – Perspectiva teórica acerca do problema de pesquisa.....40
- **Quadro 2** – Categorias de análise do estudo.....43
- **Quadro 3** – Tipos de referência encontrada.....45
- **Quadro 4** – Glossário: definição de termos empregados pelos autores selecionados.....60
- **Quadro 5** – Método racional dos autores selecionados.....66
- **Quadro 6** – Centros ecobiológicos criados por Antonio Meneghetti no mund.....89
- **Quadro 7** – Emprego e manutenção do *genius loci* individual no miricismo cotidiano.....95

## SUMÁRIO

• <b>1. INTRODUÇÃO</b>	13
• <b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	16
○ 2.1 APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE O TEMA <i>GENIUS LOCI</i>	21
○ 2.2 O TERMO <i>GENIUS LOCI</i> ENTRE AUTORES SELECIONADOS NA LITERATURA	37
• <b>3. METODOLOGIA</b>	39
○ 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	39
○ 3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE DE DADOS	39
○ 3.3 REVISÃO DA LITERATURA	41
○ 3.4 NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA	43
• <b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	43
○ 4.1 NARRATIVA AUTO-BIOGRÁFICA: EXPERIÊNCIA DA AUTORA EM FORMAÇÕES LECIONADAS PELO ACADÊMICO PROFESSOR ANTONIO MENEGHETTI	48
○ 4.2 GLOSSÁRIO	57
○ 4.3 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE NORBERG-SCHULZ E MENEGHETTI USANDO O MÉTODO RACIONAL	62
○ 4.4 A VISÃO DO TERMO <i>GENIUS LOCI</i> ENTRE CULTURAS	65
• <b>4.4.1. Cases de <i>genius loci</i> ao redor do mundo</b>	66
○ 4.5 A IDENTIFICAÇÃO DO <i>GENIUS LOCI</i> NO LUGAR	81
○ 4.6 O CONCEITO DE <i>GENIUS LOCI</i> NO ÂMBITO DO ESPAÇO EXISTENCIAL	83
○ 4.7 O EMPREGO DO <i>GENIUS LOCI</i> NO AMBIENTE HUMANO	87
• <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	91
• <b>REFERÊNCIAS</b>	93
• <b>ANEXO I</b>	96

## 1. INTRODUÇÃO

O ambiente pode ser um lugar de valor, de mediação da inteligência e relação coordenada que leva, de modo transcendente ao íntimo da vida. Nossa existência é feita de fenomenologias. Nem mesmo o lugar - o ambiente, natural ou construído - é inerte. Há sempre um mover, uma causalidade que emite informação, uma intencionalidade que age, assim como o cosmos: é dinâmico, jamais imóvel. Os antigos romanos acreditavam que todos os lugares estavam protegidos por um espírito guardião que mantinha a harmonia do espaço. Conhecido como *genius loci*, este espírito marca os elementos característicos do lugar, determinando o que aquele espaço era, e o que poderia vir a ser.

O tema *genius loci*, historicamente, conduz à necessidade de compreensão do motivo pelo qual o lugar, ou alguns lugares, toca o humano e o faz sentir-se bem, nutrido pelo contato com o “espírito” daquela localidade. *Genius loci* é um termo latino e foi objeto de culto na religião romana. Segundo Sêrvio<sup>1</sup> (363-séc. IV), no comentário à Eneida<sup>2</sup> de Virgílio, “nenhum lugar é sem um gênio” (“*nullus locus sine gênio*”). Diante disso, questiona-se: somos capazes de colher a informação que o gênio do lugar emite?

Partindo dessa premissa sobre a essência de um lugar, ao compreender sua identidade e força, movimento e ação, percebe-se que nada é sem sentido ou fixo, mesmo que não seja visível. Porém, em um determinado momento da história em que aprendemos a medir o espaço de modo convencional, perdemos o conhecimento que algumas culturas ancestrais possuíam de perceber o lugar: o ato de aprendê-lo com a alma, de dimensioná-lo por meio da inteligência e dos sinais corpóreos, além de evidenciá-lo de modo natural e ontológico. Em suma, perdemos a possibilidade de saber o real e fazer contato com o íntimo do lugar, com a sua verdade ou presença espiritual.

A fim de compreender o ser humano, alguns teóricos das áreas de arquitetura e urbanismo buscaram fundamentação nas ciências humanas, incorporando contribuições da Filosofia e da Psicologia aplicada ao ambiente construído. Dessa forma perceberam que o

---

<sup>1</sup> Mário Sêrvio Honorato ou Mauro Sêrvio Honorato (363-séc. IV), mais conhecido como Sêrvio em latim: *Servius*), era um gramático pagão do final do século IV, com a fama em sua época de ser o homem mais instruído de sua geração na Itália. Foi autor de um livro de comentários sobre Virgílio, *In tria Virgilit Opera Expositio*, o primeiro manuscrito impresso em Florença, por Bernardo Cennini, em 1471.

Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio\\_S%C3%A9rvio\\_Honorato](https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_S%C3%A9rvio_Honorato). Acesso: 10 jul. 2024

<sup>2</sup> *Eneida*, obra-prima do poeta romano Virgílio, foi escrita no século I a.C., mais especificamente entre 29 a.C. e 19 a.C.. A composição durou cerca de 12 anos e a obra foi publicada postumamente, após a morte de Virgílio em 19 a.C.. *Eneida* é considerada um clássico da literatura mundial que inspirou diversos poetas posteriores como Dante Alighieri e Luís de Camões. Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/eneida/#:~:text=Eneida%20C3%A9%20um%20grande%20poema,Alighieri%20e%20Lu%C3%ADs%20de%20Cam%C3%B5es>. Acesso em: 10 jul. 2024

lugar possui valor e personalidade própria, e que os resultados do urbanismo moderno não promoviam o bem-estar e a satisfação humana. Ao contrário, constata-se que muitos espaços gerados por esse modelo oprimem o indivíduo, torna-os inabitáveis.

Inquietações teóricas serviram como fontes de inspiração para essa pesquisa. A partir dos métodos criados por tais teóricos, inspirados no conceito original de *genius loci*, questiona-se se é possível a realização existencial do ser humano no ambiente construído. Ademais, qual a contribuição que a Ontopsicologia aporta, por meio do seu método, para a construção do espaço humano quando se refere ao *genius loci*? É possível edificar um ambiente dotado de genialidade que traga valor existencial ao homem? Ou somente na natureza estes lugares são passíveis de serem encontrados?

Por fim, evidencia-se a questão central deste estudo, delineada a partir da perspectiva profissional e acadêmica da arquitetura. O problema de pesquisa configura-se na seguinte indagação: ao identificar quais elementos caracterizam um ambiente denominado *genius loci*, e quais critérios determinam a sua genialidade, é possível constatar o que leva um projetista a buscar este conceito para propor um ambiente mediador de realização existencial para o ser humano? Por este viés, essa pesquisa intenciona aproximar os modelos propostos por Norberg-Schulz (1926-2000) e por Meneghetti (1936-2013) para evidenciar tais fatores.

O objetivo principal deste estudo consiste em, a partir da identificação dos elementos que caracterizam um ambiente denominado *genius loci* e dos critérios aplicados para sua validação, constatar o que leva o projetista a buscar esse conceito para propor um ambiente mediador de realização existencial para o ser humano. Para tanto, pretende-se analisar a literatura dos autores que empregam o termo – desde a antiguidade clássica até a contemporaneidade – com o intuito de investigar seu conteúdo conceitual e sua aplicação no habitat humano.

Os objetivos específicos são:

- (1) Mapear a evolução histórica e a aplicação do conceito de *genius loci* nas civilizações clássica, oriental, moderna e contemporânea identificando as transformações conceituais e o impacto dessas abordagens na relação com o ser humano e com o espaço.
- (2) Analisar as convergências e divergências entre as proposições de Christian Norberg-Schulz e Antonio Meneghetti. Busca-se, especificamente, examinar os princípios metodológicos aplicados por Christian Norberg-Schulz ao abordar o *genius loci* e os fundamentos preconizados por Antonio Meneghetti na Ontopsicologia, afim de

investigar como tais modelos contribuem para a dimensão existencial humana e sua relação metafísica como reforço de identidade.

- (3) Propor parâmetros teóricos que elevem a poética do espaço humano, evidenciando os impactos estéticos e metafísicos na relação pessoa-ambiente. O intuito é estruturar um modelo analítico fundamentado nessas duas perspectivas, para que se alcance uma compreensão mais abrangente do fenômeno relativo ao *genius loci*.

Essa reflexão baseia-se no conceito de *genius loci*, considerado estimulante por diversos projetistas e pesquisadores da área do ambiente construído. Admite-se a viabilidade de aplicar esse conceito no planejamento espacial contemporâneo quando a intenção é projetar espaço em função de ser humano. Contudo, contribuir para a realização pessoal e para a construção de um lugar que represente a identidade de seu usuário constitui um desafio metodológico. Isso ocorre porque o escopo abrange desde a promoção da evolução individual por meio do ambiente habitado até a identificação de lugares na natureza que contenham atributos de genialidade capazes de revigorar o indivíduo, integrando-o ao seu próprio ser.

A investigação e a aplicação de metodologias orientadas à promoção do bem-estar humano no espaço urbano e arquitetônico constituem premissas fundamentais desta área do conhecimento. Nesse sentido, compreender o conceito de *genius loci* sob a ótica da Ontopsicologia, a partir das proposições de Antonio Meneghetti, abre perspectivas inovadoras para a concepção de ambientes alinhados a essa identidade, fornecendo subsídios teóricos e práticos para a atuação de profissionais do campo.

O resgate teórico do conceito de *genius loci* – surgido na antiguidade, sistematizado no século XX e discutido na atualidade – propicia avanços nos âmbitos, científico e acadêmico ao propor um novo olhar embasado na Ontopsicologia. Por meio de uma análise comparativa, investiga-se como esse conceito foi aplicado historicamente e de que maneira a abordagem ontopsicológica contribui para a realização existencial do ser humano. Dessa forma, o estudo evidencia o fortalecimento do intelecto, da vontade e o contato com a racionalidade ontológica do indivíduo na seleção dos elementos que configuram o lugar escolhido para sua restauração emocional e evolução intelectual.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ambiente habitado pelo ser humano deve configurar-se como um espaço de convergência íntima com a própria subjetividade, embora a totalidade das localidades não apresente tal característica. Constata-se, contudo, a busca individual por ambientes que resguardem a intimidade e possibilitem a conexão com o próprio ser. Para alcançar a harmonia de um espaço holístico<sup>3</sup>, faz-se necessário compreender os modos de reverberação da inteligência humana em consonância com a natureza, a qual também se comunica a essência do lugar em que se manifesta. Com o propósito de fornecer subsídios para o estudo do *genius loci* por profissionais de distintas áreas, esta seção delimita os principais conceitos que circundam a temática. O conceito de *holos*, portanto, remete à circularidade e a expansão centrífuga – força que converge do centro para fora –, a qual se soma a todas as partes e interage de modo integral com o todo.

Considerando a premissa de que o lugar produz informação<sup>4</sup> e o universo constitui-se como tal, o ser humano torna-se capaz de decodificar tais estímulos por meio de seu principal instrumento: o corpo, compreendido como o invólucro de sua dimensão espacial. A psique<sup>5</sup> e o intelecto configuram-se como a morada da intuição, o núcleo de onde parte a compreensão das coisas, o qual viabiliza a identificação das formas essenciais e o conhecimento de qualquer fenomenologia. Conseqüentemente, a manifestação do “espírito<sup>6</sup>” em um lugar pressupõe um movimento e uma ação causante que estruturam internamente a própria matéria. A forma<sup>7</sup>, portanto, é a “especificidade do ser no acontecimento”, cuja presença, “dá identidade distinta e faz a lei do comportamento” (Meneghetti, 2012, p. 118).

---

<sup>3</sup> Holístico: Gr. ὅλος κτίζω = feito redondo, inteiro. Harmonia esférica ou circular de um conjunto. Mais coisas ordenadas em um todo correlato ou sincrônico. Quando o indivíduo se uniforma ao iso universal. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>4</sup> Informação: Lat. *in actio formo, signo* = assinalar a ação, dar estrutura a ação. Introduzir nova causalidade. Moldar um quântico energético, um momento-vida, segundo um desenho, ou modo, para um determinado escopo. Introduzir novidade de fim no interior de um contexto dinâmico ou vital. Estabelecer novos módulos de comportamento e de referência dentro de uma conduta. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>5</sup> Psique: Gr. ψυχω = eu sopro, respiro (verbo). Gr. ψυχή = princípio vital, força vital. Energia causal individuada em unidade de ação (na verificação humana). Ato espiritual vital. Equipolente de alma. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>6</sup> Espírito: Lat. *spiritus* = sopro, gênio, ar, vida. Presença que emana ação, vitalidade, inteligência. Quando se faz existência (individual), especifica-se como alma; quando se reflete, especifica-se como mente ou inteligência; quando se determina processo histórico é vontade; quando é todo si mesmo, é Em Si. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>7</sup> Forma: Lat. *forma* = modelo, impressão, desenho, figura. Especificidade de modo em um quântico estático ou dinâmico. Modo interno que especifica e diferencia uma coisa de outra. Desenho intrínseco à coisa, que a configura e a faz ser daquele modo e não de outro. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

O corpo e o espaço constituem símbolos do Ser, configurando-se como expressões por meio das quais a dimensão essencial manifesta sua presença no plano externo, estabelecendo identidades distintas. Compreender a métrica tanto da estrutura corpórea quanto da espacial confere fundamentação teórica para identificar o valor simbólico de cada ação e estímulo proveniente do ambiente<sup>8</sup>. A habitação, por sua vez, caracteriza-se como o lugar onde o indivíduo reside e se reestabelece, desde que haja ordem e intencionalidade por parte do sujeito que edifica o espaço. Sob essa lógica, quando o Ser configura o lugar, manifesta-se uma ordenação que emana harmonia, bem-estar, relação unívoca no ambiente e informação vital.

As premissas aqui expostas fundamentam a intenção desta pesquisa. A revisão de literatura concentrou-se no conceito de *genius loci* e em sua aplicação nas matrizes teóricas de referenciados pensadores. Especificamente, conferiu-se atenção ao arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz<sup>9</sup> e ao filósofo italiano Antonio Meneghetti<sup>10</sup>, idealizador do movimento OntoArte. Ambas as perspectivas constituem a fundamentação e o ponto de partida desta investigação.

Na extensa bibliografia de Antonio Meneghetti, constatam-se menções ao *genius loci* em diferentes momentos de sua produção. O autor utilizava esses espaços na concepção dos chamados *residences*<sup>11</sup> ecológicos, estruturados como instrumento para ativar o contato do ser humano com a terra. Por meio da “sabedoria natural do lugar” (Meneghetti, 2005, p. 283), buscava-se potencializar a relação homem-ambiente com o propósito de permitir ao indivíduo

---

<sup>8</sup> Ambiente: “*Lat. ambitus entis* = o cerco ou espaço daquele ente. Colocação de sentido de uma individuação em um inteiro. Espaço territorial ou mental de uma individuação, de uma relação ou de uma asserção dinâmica. Espaço de interação de um sujeito: essa interação pode reforçar ou desagregar seja o sujeito que as suas relações. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>9</sup> Christian Norberg-Schulz (1926-2000), nascido em Oslo, Noruega, foi um arquiteto norueguês, autor, educador e teórico da arquitetura. Norberg-Schulz fez parte do Movimento Modernista na arquitetura e associado à fenomenologia arquitetônica. Seu trabalho teórico posterior das décadas de 1970 e 1980 passou das preocupações analíticas e psicológicas de seus escritos anteriores para a fenomenologia do lugar, e ele foi um dos primeiros teóricos da arquitetura a trazer Martin Heidegger para o campo. Ele é reconhecido como uma figura central no movimento da fenomenologia arquitetônica. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Christian\\_Norberg-Schulz](https://pt.wikipedia.org/wiki/Christian_Norberg-Schulz). Acesso em: 09 jul. 2024.

<sup>10</sup> Antonio Meneghetti (1936-2013), nascido em Avezzano, Itália, foi um cientista italiano de rara formação, fundador e expressão máxima da ciência Ontopsicológica. Sua busca científica, acadêmica e filosófica foi o problema crítico do conhecimento. Seu escopo sempre foi definir e abrir o significado, a presença do critério ontológico na existência. Disponível em: <http://www.antoniomeneghetti.org.br/home/>. Acesso em: 09 jul. 2024.

<sup>11</sup> O *residence* é um *stage full immersion* de três a sete dias dirigido a grupos selecionados de pessoas, durante o qual é efetuada uma verificação existencial. Fazer um *residence* segundo a metodologia ontopsicológica substancialmente significa *verificar se o próprio estado de ser e a própria produção de vida são ou não funcionais ao crescimento, ao bem-estar e à satisfação de toda a unidade de ação que se é* (Meneghetti, A., 2010, p. 361). Ver: Meneghetti, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Ontopsicológica Editora Universitária - 4. Ed - Recanto Maestro: 2010.

apreender-se em um espaço de alta vitalidade. Nessa perspectiva, “a inteligência do homem consente uma estrutura mediânica<sup>12</sup>” (Meneghetti, 2005, p. 283), entendida como “uma ligação sobre alguma coisa, e o lugar adquire referência de valor quando mediado de modo transcendental pela *nous*, pela mente-gênio daquele lugar” (Meneghetti, 2005, p. 283). O espaço do *genius loci* configura-se, portanto, como uma dimensão que confere critério ao crescimento do indivíduo, promovendo o reforço da identidade do sujeito.

Desse modo, um dos aspectos cruciais para a realização do *residence* ecológico assinalados por Meneghetti é a escolha do lugar, o qual “deve ser constituído por um ambiente naturalmente perfeito e com a presença do *genius loci*” (Meneghetti, 2005, p. 271). Segundo o autor, essa configuração possui “a capacidade de agir na interioridade sobre aquilo que é emotivo: o Em Si Ôntico” (Meneghetti, 2005, p. 271).

Para Norberg-Schulz, o lugar constitui parte integrante da existência, razão pela qual “não deveria ser tratado como uma localização abstrata” (Norberg-Schulz, 1980, p. 5). Na teoria do planejamento urbano e da arquitetura, esse conceito é comumente abordado sob uma ótica quantitativa e “funcional”, restringindo-se a implicações como distribuição espacial e dimensionamento. Porém, o autor adverte que tais “funções” não são homogêneas entre os seres humanos; mesmo as mais básicas, como dormir e comer se desenvolvem de maneiras muito diferentes e, conseqüentemente, “exigem lugares com propriedades diferentes, de acordo com diferentes tradições culturais e diferentes condições ambientais” (Norberg-Schulz, 1980, p. 5).

Nos estudos teóricos da arquitetura, Norberg-Schulz evidencia que “há uma tendência a desconsiderar o homem e discutir a geometria abstrata, embora se encontrem tentativas de substituir o espaço quantitativo por conceitos de espaços mais empíricos na arquitetura” (Norberg-Schulz *apud* Melo *et al.*, 2023, p. 4). Ainda sob essa perspectiva, constata-se que, mesmo quando o ser humano é incluído, o ambiente construído tende a ser reduzido a impressões, sensações ou relações de afeto. De acordo com o autor, “destas concepções surgem fartas teorias da percepção do espaço sensível e toda uma lógica da fruição estética que colocam o campo da arquitetura dentro do espectro das diversas formas de arte” (Norberg-Schulz *apud* Melo *et al.*, 2023, p. 4).

---

<sup>12</sup> ...mediânica se entende o meio que leva dentro da *nous*. Mediadora, mediador são termos genéricos, uma ligação com alguma coisa. Mediânico é, sem dúvida, *de modo transcendental, uma referência de valor, uma relação coordenada que leva de modo transcendente no íntimo da vida, da nous*. (Meneghetti, 2005, p. 283). Ver: Meneghetti, Antonio. **Residence Ontopsicológico**. Ontopsicológica Editrice, 1ª. Ed. Recanto Maestro, São João do Polêsine/RS, 2005.

Ao contrapor essa tendência por meio do conceito de espaço existencial, o teórico norueguês “busca interpretar o espaço mais como uma dimensão da existência humana do que uma dimensão do pensamento ou da percepção” (Melo *et al.*, 2023, p. 4). Desse modo, Norberg-Schulz elabora uma teoria da arquitetura que “determina as relações do ser humano com o meio que o cerca a partir de estruturas ontológicas e culturais” (Melo *et al.*, 2023, p. 4), o que lhe permite descrever a estrutura do espaço sob a perspectiva fenomenológica.

Christian Norberg-Schulz argumenta que os lugares, como totalidades complexas, não podem ser descritos por métodos científicos analíticos, criticando a abordagem funcionalista por ignorar o "mundo-da-vida" (Lebenswelt) cotidiano. O autor propõe a fenomenologia como abordagem necessária para a arquitetura, focando na singularidade e na experiência concreta do lugar.

Em oposição às abstrações e às construções mentais, a fenomenologia foi concebida como “um retorno às coisas mesmas”. No percurso de seu desenvolvimento teórico, Norberg-Schulz constatou que, “embora existam obras pioneiras de fenomenólogos que se preocuparam com ontologia, psicologia, ética e estética, poucas dão atenção à fenomenologia do ambiente diário, e dificilmente contêm qualquer referência direta à arquitetura” (Norberg-Schulz, 1980, p. 6). Sob esse prisma, o autor concluiu que “uma fenomenologia da arquitetura é urgentemente necessária” (Norberg-Schulz, 1980, p. 6).

A fenomenologia do lugar ocorre quando a teoria arquitetônica vincula modos básicos de construção à articulação formal, consolidando o fenômeno espacial pela relação entre forma e lugar. O caráter do edifício, determinado pela realização técnica ("por como as coisas são feitas"), evoca a *techne* grega, entendida como revelação criativa da verdade e pertencente à *poiesis*, ou o saber fazer.

Por outro lado, no que tange à conceituação de lugar, destaca-se a contribuição de Aldo Rossi<sup>13</sup>, o qual fundamenta a relevância do *locus* em sua produção teórica:

Já aludi várias vezes, no decorrer deste ensaio, ao valor do “**locus**”, entendendo com isso aquela relação singular mas universal que existe entre certa situação local e as

---

<sup>13</sup> Aldo Rossi (1931-1997), nascido em Milão, Itália, foi um arquiteto e urbanista, teórico da arquitetura italiana, designer, roteirista e professor universitário. Ficou conhecido pelo uso de formas puras: cubos, esferas, cones etc. Seus principais livros foram: *A Arquitetura da Cidade*, onde usou a expressão *genius loci*, e *Autobiografia Científica*. Não conseguindo “romper” totalmente com o passado como fizeram os arquitetos do Estilo Internacional, viu-se, portanto, obrigado a fazer sua construção “orgânica” dentro da cidade, desenvolvendo uma concepção totalmente nova de cidade. Em 1990 tornou-se o primeiro italiano a quem foi atribuído o Prêmio Pritzker pelo conjunto de sua obra. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Aldo\\_Rossi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Aldo_Rossi). Acesso em: 01 jun. 2025.

construções que se encontram neste lugar. A escolha do lugar tanto para uma construção como para uma cidade tinha um valor preeminente no mundo clássico: a “situação”, o sítio, era governado pelo “**genius loci**”, pela divindade local, uma divindade de tipo intermediário que presidia tudo o que ocorria naquele lugar (Rossi, 1966 *apud* Cadore, 2021, p. 1).

A perspectiva de Rossi reitera o elevado valor atribuído, no mundo clássico, à escolha do sítio para a implantação de complexos arquitetônicos ou urbanos. Sob essa ótica, a ocupação territorial era mediada por uma inteligência local que regia as dinâmicas e os acontecimentos do espaço. Como importante expoente do pensamento arquitetônico italiano, as produções literárias e projetuais do autor configuram-se como subsídios fundamentais para a compreensão morfológica e tipológica da cidade contemporânea.

Os pressupostos teóricos delineados por Rossi, Norberg-Schulz e demais expoentes da arquitetura e do urbanismo foram amplamente incorporados e difundidos no ambiente acadêmico do século XX. Tais conceitos fundamentavam as disciplinas teóricas e serviam como diretrizes metodológicas para a elaboração de projetos espaciais. Porém, a evolução do ensino e da prática profissional — pautada majoritariamente por critérios quantitativos em detrimento de análises qualitativas — distanciou a percepção do ser humano em sua dimensão transcendental e relacional com o lugar

A fundamentação acerca do *genius loci* será aprofundada na revisão histórica deste estudo, viabilizada pela articulação teórica das duas principais matrizes conceituais que estruturam esta investigação.

## **2.1 APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE O TEMA *GENIUS LOCI***

Iniciando esta seção, abordaremos primeiramente o trabalho de Norberg-Schulz, amplamente reconhecido como o primeiro a sistematizar e popularizar o conceito de *genius loci* especificamente no campo da teoria da arquitetura moderna. Sua obra fundamental referente ao "Espírito do Lugar – Uma Direção à Fenomenologia da Arquitetura" foi chamada em seu título original em italiano de *Genius loci: paesaggio, ambiente, architettura*, editada em 1979 pelo Grupo Editoriale Electa, em Milão. No ano seguinte, foi publicada em inglês sob o título de *Genius loci: Towards a Phenomenology of Architecture* (1980), pela Editora Rizzoli. Nessa obra, o autor aprofunda o tema e cria um método de aplicação com o objetivo de alcançar a concepção do trabalho de arte como uma concretização de uma situação de vida. Ele é o primeiro teórico na área de Arquitetura e Urbanismo que se aproxima categoricamente do pensamento fenomenológico, ampliando a possibilidade de compreender as sobreposições

das diversas variáveis que compõem os espaços habitados, a partir delas próprias, como fenômenos. Esse livro é um clássico na arquitetura e na filosofia da arquitetura, explorando a relação entre o ambiente, a paisagem e a experiência arquitetônica, e tornou-se muito influente na Europa e nas Américas, sendo traduzido para vários idiomas.

Para o autor, a fundamentação das situações de vida como experiências significativas constitui uma das necessidades básicas do ser humano, de modo que o propósito da arte reside em salvaguardar e transmitir tais significados (Reis, 2017). Conseqüentemente, seu constructo teórico concentra-se nos atributos qualitativos dos espaços habitados e na aplicação da fenomenologia como recurso metodológico apto a aprimorar a compreensão e a descrição da arquitetura.

Norberg-Schulz fundamentou seus estudos na fenomenologia de Martin Heidegger<sup>14</sup>, enquanto suas formulações teórico-historiográficas incorporaram as matrizes conceituais de Sigfried Giedion<sup>15</sup> e Bruno Zevi<sup>16</sup>, além dos estudos de psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget<sup>17</sup>. A partir desse arcabouço interdisciplinar, o autor investiga temas centrais que exploram os significados culturais e os valores simbólicos das formas, bem como suas implicações psicológicas. Desse modo, a análise abrange os processos de identificação com o espaço, além da continuidade meta-histórica do habitar e do construir nas diversas regiões do globo.

Para compreender a profundidade da teoria de Norberg-Schulz, torna-se indispensável resgatar o conceito de "habitar" (Wohnen) formulado por Martin Heidegger em sua célebre

---

<sup>14</sup> Martin Heidegger (1889-1976), nascido em Merskirch, Baden, foi filósofo, escritor, professor e reitor universitário alemão. É amplamente reconhecido como um dos filósofos mais originais e importantes do século XX. Em 1926 finalizou sua primeira obra principal *Being and Time* (Ser e Tempo), publicada em 1927. Nesse livro, tentou se afastar das questões ónticas sobre os entes e desenvolver o que seriam as questões propriamente ontológicas sobre o Ser. Ver: Martin Heidegger, *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. São Francisco: Wikimedia Foundation, 2026. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Martin\\_Heidegger](https://en.wikipedia.org/wiki/Martin_Heidegger). Acesso em: 09 ago. 2024.

<sup>15</sup> Siegfried Giedion (1888-1968), nascido na Boêmia, Praga, foi um influente historiador e crítico de arquitetura suíço, conhecido por seus livros *Espaço, Tempo e Arquitetura* e *A Mecanização Toma o Comando*. Foi co-fundador e primeiro secretário-geral do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) e lecionou em universidades como Harvard e MIT, deixando um legado importante na historiografia e compreensão da arquitetura moderna. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Sigfried\\_Giedion](https://en.wikipedia.org/wiki/Sigfried_Giedion). Acesso em: 20 mar. 2025.

<sup>16</sup> Bruno Zevi (1918-2000), nascido em Roma, Itália, foi um arquiteto, historiador, professor, curador, autor e editor italiano. Zevi foi um crítico ferrenho da arquitetura moderna "classicizante" e do pós-modernismo. Em 1944, ele fundou a influente Associação para Arquitetura Orgânica (APAO). No ano seguinte, a revista *Metron-architecture* revisou seu livro *Towards an Organic Architecture*, que lhe trouxe aclamação internacional. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Bruno\\_Zevi](https://en.wikipedia.org/wiki/Bruno_Zevi). Acesso em: 20 mar. 2025.

<sup>17</sup> Jean Piaget (1896-1980), nascido em Neuchâtel, Suíça, foi um psicólogo suíço conhecido por seu trabalho sobre o desenvolvimento infantil. A teoria do desenvolvimento cognitivo e a visão epistemológica de Piaget são chamadas juntas de epistemologia genética. Piaget criou o Centro Internacional de Epistemologia Genética em Genebra em 1955, enquanto fazia parte do corpo docente da Universidade de Genebra, e dirigiu o centro até sua morte em 1980. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Piaget](https://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Piaget). Acesso em: 20 mar. 2025.

conferência Construir, habitar, pensar (Bauen, Wohnen, Denken). Heidegger argumenta que o habitar não é uma mera atividade passiva de ocupar um espaço, mas sim a própria essência da condição humana na Terra, a maneira como os mortais se estabelecem e se relacionam com o mundo. O construir (Bauen), portanto, não se reduz ao ato técnico de erguer estruturas; sua verdadeira finalidade é fundar e preservar lugares que permitam esse habitar pleno. Norberg-Schulz absorve essa premissa existencial e a translada diretamente para a arquitetura, defendendo que o papel do arquiteto é materializar o *genius loci* para que o espaço geométrico abstrato se transforme em um "lugar" concreto, onde o homem possa, de fato, criar raízes e habitar.

O autor produziu mais de vinte títulos sobre arquitetura, o que conferiu uma sólida estruturação teórica às suas investigações. Dentre as suas principais produções, destacam-se obras como *Intentions in architecture* (1963), *Existence, space and architecture* (1971), *Meaning in Western architecture* (1975) e *Genius loci: towards a phenomenology of architecture* (1979). Essa trajetória o consagrou como um dos teóricos mais importantes do século XX, além de um grande colaborador no âmbito da fenomenologia da arquitetura e do espaço existencial.

Um dos pontos que se destacam e trazem inovação para a presente pesquisa é a inter-relação possível entre a fenomenologia do lugar, abordada por Norberg-Schulz, e a contribuição da ciência ontopsicológica, fundada por Antonio Meneghetti. Essa articulação visa compreender a concepção do trabalho de arte do arquiteto como uma concretização de uma situação de vida na existência humana, aplicando o método ontopsicológico. Com base no critério epistêmico do lugar e em função da pessoa que o habita, pretende-se aproximar e correlacionar o conceito de *genius loci* abordado pelos dois autores no âmbito da arquitetura.

Por sua vez, Antonio Meneghetti, de modo abrangente em suas obras, explora o campo da filosofia e da psicologia, versando sobre aspectos fenomenológicos e existenciais ao detalhar sua visão em relação à arquitetura. Na revisão do estado da arte, buscou-se como marcadores os termos "arquitetura ontológica", diferentes espaços com "conceito naturístico"<sup>18</sup> de lugar, e o *genius loci*. Tais conceitos foram localizados nas seguintes obras: *Projeto Terra* (2017), *Residence ontopsicológico* (2005), *Pedagogia ontopsicológica* (2014), *OntoArte: o em si da arte* (2003), *Criatividade e sensibilidade estética* (2018), *Arquitetura*

---

<sup>18</sup> [...] que tem a capacidade de agir interioridade sobre aquilo que é emotivo: o Em Si ôntico. A natureza já possui uma ordem intrínseca e a especificidade da Escola Ontopsicológica está em ensinar como vê-la. Ver: Meneghetti, Antonio. **Residence Ontopsicológico**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2005. Consultar também Terceiro Capítulo Ontopsicologia e Ecobiologia 1. Psicologia do encontro com a natureza. Meneghetti, A. **Projeto Terra**. Recanto Maestro/São João do Polêsine RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

*OntoArte no Brasil* (2020) e *A beleza como valor para o humano* (2021). Vale notar que o autor utiliza o termo *genius loci* como “o lugar de encontro espiritual com a própria alma do homem”, conforme proferido em suas conferências (informação verbal).

O autor elucida o respeito ao lugar, à natureza<sup>19</sup> e a si mesmo como princípio ao adentrar um espaço com alma<sup>20</sup> e identidade. Afirma que, para colher o mestre — o espírito do lugar —, é preciso conhecer o próprio corpo, símbolo do Ser, e ressalta que “é no processo do devir que o ser discorre a própria existência” (Meneghetti, 2014, p. 98). Nesse sentido, Meneghetti aponta que a última realidade da alma se baseia na palavra do corpo, sendo essa materialidade o primeiro ponto de todo saber legítimo do qual se origina o real. Sob essa perspectiva, é o real que determina a ética da situação. Por fim, o autor esclarece que “aprender sobre o corpo revela um campo maravilhoso de antenas que varia conforme as interpretações do ambiente” (Meneghetti, 2014, p. 99).

e esta realidade corpórea é o primeiro ponto de todo verdadeiro do qual principia todo real. É o real que determina a ética da situação. Aprender sobre o corpo é um campo maravilhoso de antenas que varia conforme as interpretações do ambiente (Meneghetti, 2014, p. 99).

Sobre conceber o *genius loci* individual, segundo Meneghetti, trata-se da possibilidade de dar garantia a um espaço verdadeiramente próprio, com ordem e função àquele que o habita (o sujeito). Saber vivê-lo como próprio, em uma extrema relação íntima e pessoal, é o que o torna personalíssimo e atraente para a alma. “O lugar possui uma sua personalidade” (Meneghetti, 2005, p. 299), com a qual o próprio dono convive; além disso, esse cuidado com o lugar determina constante novidade, mudança e um “contínuo egoísmo funcional” (Meneghetti, 2005, p. 299). Ademais, o autor assevera que “é preciso construir um lugar que permaneça simbiótico à própria exaltação pessoal” (Meneghetti, 2005, p. 299), promovendo uma interação unívoca entre lugar e pessoa, entre espaço e valor qualitativo do ente — daquilo que ele é por natureza, como projeto vital, segundo a própria verdade.

A lealdade e o zelo ao próprio lugar mantêm a casa permanente na interioridade do sujeito. Esse lugar, a “cada vez que se faz um impacto, antecipa-se sempre o outro em

---

<sup>19</sup> Natureza: o que surge por nascimento. O que é e faz por nascimento de leis universais aplicadas a um contexto preciso. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>20</sup> Alma: Gr. *ἄνεμος* = sopro, movimento. Ecceidade formal da semovência psíquica e de tudo que a semovência psíquica implica. Constituinte do ato, presença da forma que especifica a inteligência do organísmico-homem (Cf. *Em Si ôntico*, do qual é sinônimo). Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

qualquer situação” (Meneghetti, 2005, p. 299); ou seja, enquanto se estrutura a simbiose com o ambiente, “se faz determinismo psíquico no comportamento do sujeito” (Meneghetti, 2005, p. 299), daquele que o habita. Manter a ordem do lugar é manter a ordem de si mesmo para qualquer ação. Quando o sujeito perde algo de si, sua alma ou a direção do projeto, desvia-se do que é vida e função para si mesmo. Nesse cenário, a própria casa representa **essa** perda de intimidade, porque foi abandonada pelo seu patrão. O lugar demonstra que algo foi perdido pela percepção de mudança na atmosfera do ambiente e pelas sensações corpóreas. Parece não ser mais o seu lugar, pois está sem a presença do gênio.

Portanto, intenciona-se demonstrar que não é a ordem pela ordem, mas sim que um profundo respeito ao *genius loci* pessoal, ao mestre do lugar, “mantém o caráter, a coerência, a fidelidade a tudo o que é crescimento” (Meneghetti, 2005, p. 299) do próprio sujeito. Ser fiel a si mesmo é não trair também seu próprio lugar, seu santuário de prazer<sup>21</sup>, de alegria<sup>22</sup> e bem-estar. O belo faz novidade agradável de erotismo e contemplação, enquanto o sujeito se sente seguro em estar em um lugar próprio, somente seu.

Ambos os autores que esta pesquisa propõe conhecer mais profundamente apoiaram suas teorias investigando, na filosofia e na psicologia, respostas para a compreensão do homem para, a partir dele, poder agir no espaço segundo sua imagem e identidade, como fenômeno. Cabe lembrar que, na escola filosófica, a fenomenologia<sup>23</sup> é um método de investigação fundado e formalizado originalmente pelo filósofo Edmund Husserl<sup>24</sup>, que estabeleceu princípios e métodos amplamente utilizados por outros pensadores. Sobre a concepção da fenomenologia, seu desdobramento, suas diversas elaborações conceituais e o espaço que ocupado por ela na história<sup>25</sup>, Reis resume o conceito da seguinte forma:

---

<sup>21</sup> Do latim: *placere, planum iacere* = estar no plano. Situação a pleno regime por intrínseca gratificação. Harmonia com ressonância viscerotônica. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>22</sup> Ser alegre é a sétima característica do Em Si ôntico: *Alegre*: age por exercício de inteligência e se move se garantido por uma novidade agradável de erotismo e contemplação. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>23</sup> Gr. φαίνω Latin: *ens*, Gr. λόγος = o ente discorre por imagens, discurso das aparências. O que é, de qualquer forma, mensurável ou verificável por critérios sensitivos e racionais. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>24</sup> Edmund Husserl (1859-1938), nascido em Prostejov, República Tcheca, foi um filósofo e matemático alemão, fundador da escola da fenomenologia. O pensamento de Husserl influenciou profundamente todo o cenário intelectual do século XX e XXI. Ele rompeu com a orientação positivista da ciência e da filosofia de sua época e elaborou críticas ao historicismo e ao psicologismo na lógica. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund\\_Husserl](https://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund_Husserl). Acesso em: 15 abr. 2025.

<sup>25</sup> A literatura filosófica demonstra que é possível encontrar idéias que acabariam se tornando parte da fenomenologia em pensadores que, de certa forma, precederam seu surgimento formal. Há, portanto, noções fenomenológicas nos trabalhos de Henri Bergson (1859-1941), Franz Brentano (1838-1917), Wilhelm Dilthey (1833-1911) e William James (1842-1910). Porém, o primeiro filósofo a tratar do assunto sob esse título foi Edmund Husserl (1859-1938), durante a década de 1890, na Alemanha. Além disso, estudiosos também

A literatura histórica demonstra que a fenomenologia foi concebida como um *retorno às coisas*, como oposto às abstrações e construções mentais, como uma possibilidade de questionamento ao habitual modelo positivista como maneira hegemônica de ver o mundo, sendo conceituada e sistematizada no contexto das revoluções sociais e da crise ideológica e cultural, na passagem do século XIX para o século XX. Como Escola Filosófica formalizada, foi originalmente concebida pelas inquietações do filósofo Edmund Husserl (1859-1938)<sup>8</sup>, sendo desdobrada, posteriormente, através das contribuições de diversos outros filósofos, dentre eles: Martin Heidegger (1889-1976), Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Dessa forma, podemos falar de diferentes concepções fenomenológicas. Contudo, apesar das elaborações conceituais diversificadas, há algo em comum entre todas essas elaborações que repousa no fato da fenomenologia se ocupar das abordagens que incluem o mundo vivido pela perspectiva da experiência humana (Reis, 2017, p.10).

Diante desse panorama histórico compreende-se que “o mundo vivido pela perspectiva da experiência humana” evocado pela fenomenologia rejeita qualquer tentativa de reduzir o espaço urbano ou arquitetônico a meras coordenadas métricas e geométricas. Para o arquiteto buscar o *genius loci* significa sintonizar-se com essa dimensão existencial descrita por Reis (2017). Na prática projetual, isso se reflete no abandono de fórmulas genéricas ou puramente comerciais, exigindo do profissional uma postura de escuta e sensibilidade em relação ao sítio físico. O fazer arquitetônico, portanto, passa a atuar como um mediador que traduz as memórias, as sensações corpóreas e a identidade cultural do usuário em formas concretas. É por meio dessa imersão na experiência do sujeito que o arquiteto consegue desvelar a alma do lugar, garantindo que a nova construção não seja um elemento estranho, mas uma continuidade legítima do próprio ambiente habitado.

Em seu texto “O Fenômeno do Lugar” (1988), Norberg-Schulz defende a importância de a arquitetura se afastar da ciência e tomar sua posição como arte. O autor busca em Heidegger fundamentos para sua teoria e, finalmente, mostra o papel da arquitetura desligada da ciência (Ruas, 2006). Para Norberg-Schulz, a estrutura de um lugar, seja ele natural ou construído, é composta por duas categorias: o espaço (terra) e o caráter (céu). Essas

---

argumentam que pensadores hindus ou budistas ao escreverem ou falarem sobre diferentes estados de consciência, já atuavam com a prática fenomenológica. Da mesma forma, quando Descartes, Hume ou Kant tentaram identificar os estados de percepção, ou nossa capacidade de pensar ou de imaginar, eles também estavam praticando fenomenologia. Portanto, podemos afirmar que a fenomenologia surgiu como escola com Husserl, mas também que ela já existia como prática há muito tempo. (Reis, 2017, p.10). Ver: Reis, Elisabeth. **Lugar do sentido**. Artigo, Rev. Nufen: Phenom. Interd. Belém, 2017. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912017000200008](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200008). Acesso em: 14 abr. 2025.

categorias, ao serem analisadas pela percepção e pelo simbolismo, permitirão ao homem o suporte existencial, ou seja, a capacidade de habitar.

Para Norberg-Schulz, o "espaço" representa a dimensão tridimensional e a extensão física que se relaciona com a "terra", funcionando como a base material e o suporte onde as atividades humanas acontecem. Trata-se da estrutura geométrica, dos limites e das direções que organizam o ambiente construído e o conectam ao solo. Por outro lado, o "caráter" está vinculado ao "céu" e define a atmosfera, a identidade e a qualidade expressiva de um lugar. Enquanto o espaço dita as relações de orientação e posicionamento, o caráter evoca a luz, as texturas, as cores e a variação temporal do clima, determinando o modo como o ambiente é percebido sensorialmente. É da síntese equilibrada entre essas duas forças — a solidez tangível da terra e a intangibilidade poética do céu — que emerge o *genius loci*, conferindo um sentido de pertencimento e permitindo que o espaço físico se torne um lugar de morada existencial.

Por sua vez, para Meneghetti, a natureza tem uma ordem. Não se pode inventar a natureza, porque esta já possui “uma estrutura, relações técnicas segundo o dado pela *nous*, pela mente” (Meneghetti, 2018, p. 161) do lugar, do ser, do universo. Por "mente"<sup>26</sup>, o autor entende “aquele ser humano produzido pelo Deus da vida, construído à imagem e semelhança da ordem da vida, de Deus, [...] que tem o interior nexos ôntico com o em si da vida, da natureza, do ser” (Meneghetti, 2018, p. 161). O ser humano é conexo com a alma, com a essência da vida. Dessa forma, para produzir uma arquitetura ontológica, o arquiteto deve “ter um fundo de húmus integrado com essa global espiritualidade autêntica da vida, [...] com algo que restitua o sentido dos pés na terra, na realidade” (Meneghetti, 2018, p. 161), pois cada indivíduo é fenomenologia do ser<sup>27</sup> e possui um critério de realidade. A esse respeito, Meneghetti costumava dizer que se deve “ser o céu com os pés fincados na terra”.

Meneghetti manifesta, em sua obra *Criatividade e sensibilidade estética*, a necessidade de recuperar o adjetivo “ontológico<sup>28</sup>”, ou seja, abre o discurso sobre a aplicação da lúdica ou lógica do ser na circunstância, seja no indivíduo ou no problema em análise. Essa lógica consente em “unir a própria história com a alegria do metafísico, do que é eterno”

---

<sup>26</sup> *Lat. Mensurare* = mensurar, o mensurante. O ser no lugar. O formalizante, o verificador, aquele que vê, o projetista, o analisador. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>27</sup> Princípio universal do quanto existe ou é real. O ser é o primeiro simples geral que consente a lógica apriórica entre ser e não ser. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>28</sup> Gr. *λόγος* = estudo, análise. Discurso, racionalidade, critério atinente ao real, ao ser e a qualquer fenômeno seu. Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

(Meneghetti, 2018, p. 162) na experiência. Portanto, o autor evidencia a necessidade de recuperar o nexu ontológico do homem vivente para que a casa, o ambiente e todo o lugar onde se habita possam estar em conformidade com o projeto ôntico de cada sujeito. O lugar coletivo e os espaços públicos — que, para Meneghetti, são lugares que se tornam interespaços — também devem ter a possibilidade de oferecer o elemento transcendente ao homem, pois “devem ser espaços nos quais o homem aprende a tornar-se eterno” (Meneghetti, 2018, p. 164). Esse seria um modo qualitativo superior de habitar: tornar eterno aquilo que é real no espaço, formalizado por uma técnica com função positiva ao homem.

No prefácio do livro *Genius loci: towards a phenomenology of architecture*, Norberg-Schulz cita o arquiteto Louis Kahn<sup>29</sup>, relatando que, quando projetava, este perguntava ao edifício: “O que o edifício quer ser?” (Norberg-Schulz, 1980, p. 6). Kahn coloca o problema da arquitetura na sua forma essencial, na dimensão existencial que recupera sua verdadeira importância. Nessa linha, o autor complementa que “a dimensão existencial, entendida como 'verdade', se manifesta na história, mas seus significados transcendem a situação histórica” (Norberg-Schulz, 1980, p. 6).

Ao trazer os conceitos de Meneghetti sobre “existência” — “ser fora no lugar” ou “extraposição do ser em situação” — e sobre “verdade” — “a força que corre naquele lugar” —, intui-se que Norberg-Schulz percebeu que existir no ambiente possui um sentido que está além da matéria e do tempo, transcendendo o fenômeno histórico. O autor intui que viver aquela situação remete a experimentar o eterno, e que, ao existir no determinado lugar, a experiência e a vivência jamais serão iguais ao momento anterior naquela relação com o ambiente. Portanto, percebe-se que, além da variável ambiental, há a variável individual. O que significa para um sujeito não possui o mesmo significado para outro; o que é verdade para um, não é para o outro. Do ponto de vista da ontopsicologia, cada sujeito, na sua dimensão existencial, vive a sua eternidade naquele lugar, experimenta a sua verdade naquela situação e a colhe por evidência.

Louis Kahn aprofundou seus ensaios textuais na intenção de descobrir a essência da arquitetura, intrínseca à essência do ser humano, como definidora da solução arquitetônica. Para tornar compreensível o conceito de caráter, o autor escreveu sobre as propriedades concretas da arquitetura, as quais definem o caráter de um lugar: a estrutura, a iluminação natural, os materiais, a forma e o modo como as obras são feitas. Além disso, o arquiteto

---

<sup>29</sup> Louis Kahn (1901-1974), nascido em Ilha de Saaremaa, na Estônia, foi um arquiteto americano do século XX, famoso pelo seu estilo monumental, que integrou as formas clássicas com o modernismo, usando a luz como elemento central e os materiais de forma expressiva, principalmente o concreto. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Louis\\_Kahn](https://pt.wikipedia.org/wiki/Louis_Kahn). Acesso em: 15 abr.2025.

reforça que, “para o arquiteto, a luz natural é fundamental para que um edifício possa ser o que ele quer ser, uma vez que revela os estados de ânimo das horas do dia e das estações do ano, propriedades relacionadas à essência do lugar” (Kahn *apud* Melo *et al.*, 2023, p. 8).

A partir da perspectiva de Kahn, compreende-se que a luz natural deixa de ser um mero componente físico ou funcional da edificação para se tornar a linguagem manifesta do próprio *genius loci*. Ao interagir com a estrutura, os materiais e as formas arquitetônicas, a variação da luminosidade ao longo do dia revela a mutabilidade e a identidade viva de um lugar, conferindo-lhe o "caráter" essencial descrito por Norberg-Schulz. Essa dinâmica luminosa conecta ciclicamente o interior construído à imensidão do céu e ao tempo cósmico, permitindo que o habitante experimente o espaço não como algo estático ou inerte, mas como um ambiente dotado de alma e de estados de ânimo. Portanto, ao projetar considerando a luz natural, o arquiteto atua como um revelador do espírito do sítio, transformando a matéria tangível em uma experiência fenomenológica contínua e imersiva para o sujeito.

Por sua vez, Norberg-Schulz, em seu livro *Existência, espaço e arquitetura*, através da integração entre a filosofia, a psicologia e a teoria da arquitetura, alcança as respostas às perguntas do urbanismo moderno, trazendo dois conceitos: 1. “espaço existencial”, como um conjunto psicológico que denota esquemas que o homem desenvolve em sua interação com o entorno ou ambiente para progredir satisfatoriamente; 2. “espaço arquitetônico”, que pode se definir como uma concretização do espaço existencial (Norberg-Schulz, 1980, p. 11). O autor, ao criar esses dois conceitos, destaca a importância que o arquiteto deve dar à noção de experiência do indivíduo, do espaço como experiência concreta e vivência, na esperança de que esta abordagem possa ser a base para o planejamento urbano de espaços públicos. Este propósito tem como objetivo regressar ao homem como centro, nascendo de qualquer escala humana e de suas necessidades.

Cabe a pergunta sobre qual critério o autor empregou para chegar à verdadeira medida do homem e colocá-lo no centro de todas as coisas — ou no centro da arquitetura. Norberg-Schulz demonstra sua preocupação em alcançar uma arquitetura que seja uma verdade para o homem e o realize existencialmente ao habitar nela.

Sua obra *Genius loci* foi reeditada em 2023 pela Editora Electa. Norberg-Schulz centra a discussão na compreensão do lugar sob a perspectiva da fenomenologia da arquitetura e, a partir disso, busca definir o que é o lugar e a maneira como se habita o ambiente natural e o artificial. No capítulo 1, o autor explica o que é o lugar e como este é percebido, caracterizando-o a partir de dois termos: o espaço e o caráter. Essas categorias têm por

finalidade estruturar um método de localização da edificação para o homem. Assim, segundo o autor, o indivíduo é capaz de entender o espaço e sentir-se parte dele. No segundo capítulo do livro, aborda-se o tema do lugar natural, compreendendo os elementos que o compõem e suas características, o que resulta na definição de cinco formas de compreender o lugar natural e na classificação da paisagem pelo modo como se habita. No terceiro capítulo, toma-se como premissa que “o homem sempre reconheceu que criar um espaço significa expressar a essência do ser” (PAT6: Contexto, 2021, 05:50).

É possível evidenciar que Norberg-Schulz buscava, fundamentalmente, solucionar o problema da arquitetura como essência humana, inserindo-a em uma dimensão existencial. Em sua afirmação de que “qualquer edifício tem que processar o tipo de identidade e não somente o conteúdo”, o autor expressa que a arquitetura necessita de um valor simbólico equivalente ao do ser humano, com ideias que se aproximem mais da essência do lugar, da natureza e do próprio homem. Por outro viés, Meneghetti argumenta que a arquitetura, para ser considerada como tal em resposta às demandas humanas, necessita do nexos ontológico para se tornar verdade do ser e, por conseguinte, emancipar aquele que a habita. No percurso desta pesquisa, propõe-se a seguinte indagação: o que falta para a arquitetura ser palavra do Ser, ser símbolo do Ser?

No passado, havia povos que possuíam arquitetos capazes de identificar e manifestar um *genius loci*. Alguns deles experimentaram essa vivência e sabiam eleger os lugares ideais para construir oásis de inteligência para os imperadores da China, por exemplo. Tratava-se de ambientes habitados por homens sábios, onde os grandes mestres arquitetos intuía onde encontrar o espírito do lugar. Segundo Meneghetti, “se não existia o *genius loci*, o arquiteto era capaz de construí-lo” (Meneghetti, 2020, p. 141), ao se referir às práticas desses sábios.

Muitos autores contribuíram com teorias para encontrar o significado dos lugares, como Alexander<sup>30</sup> e Salingeros<sup>31</sup>, desenvolvendo padrões e analisando comportamentos. Estudos sobre a vivência das pessoas nos espaços e seus sentimentos de interiorização e

---

<sup>30</sup> Christopher Alexander (1932-2022), nascido em Viena, Áustria, foi um arquiteto, matemático e urbanista austríaco. Era professor emérito da Universidade da Califórnia em Berkeley. Foi um dos críticos da arquitetura moderna apontando a desagregação social causada por ela. Seus estudos contribuíram para a utilização de padrões geométricos e matemáticos no urbanismo e arquitetura. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Christopher\\_Alexander](https://pt.wikipedia.org/wiki/Christopher_Alexander). Acesso em: 15 abr. 2025.

<sup>31</sup> Nikos Angelos Salingeros (1952), nascido em Perth, Austrália, é um matemático e polímata conhecido por seu trabalho em teoria urbana, teoria da arquitetura, teoria da complexidade e filosofia do design. Tem sido um colaborador próximo do arquiteto Christopher Alexander, com quem Salingeros compartilha uma análise crítica severa da arquitetura moderna convencional. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Nikos\\_Salingeros](https://en.wikipedia.org/wiki/Nikos_Salingeros).

exteriorização, como os desenvolvidos por Relph<sup>32</sup> (1976), foram se somando às teorias da arquitetura. Para esses pesquisadores, o sentido de lugar e o *genius loci* podem ser definidos como “a coleção de significados, crenças, símbolos, valores e sentimentos que indivíduos e grupos associam a uma localidade específica” (Farshadi, 2017, p. 1). Contudo, ainda se trata de uma discussão sobre o fenômeno na existência. Toda a busca e a interpretação desses estudiosos constituem criações de padrões baseados no fenômeno do comportamento — ou seja, no efeito do que existe.

Ao contrário de Norberg-Schulz — que utiliza o conceito de *genius loci* voltado à análise de lugares que auxiliem no processo de projetar, considerando a experiência vivida pelo usuário em detrimento do sítio físico —, o arquiteto italiano Aldo Rossi apresenta outra perspectiva. Em sua afirmação, ele aponta que “o *genius loci* ou simplesmente *locus* é a relação singular que existe entre certa situação local e as construções que estão nesse lugar, mas não é o sítio geográfico, tampouco o ambiente” (Inoue, 2022, p. 10). Neste aspecto, Rossi valoriza a relação do local e da edificação em uma situação específica e particular, na qual denomina como *locus* ou *genius loci* todo o complexo arquitetônico e o seu conjunto.

Sob uma perspectiva histórica, a origem do termo *genius loci* remonta à Antiguidade, e Rossi apresenta dados fundamentais a esse respeito:

“O conceito de *locus* sempre esteve presente na tratadística clássica, antes em Palladio e depois em Milizia seu tratamento toma cada vez mais um aspecto de tipo topográfico e funcional; mas nas palavras de Palladio há ainda em forma viva o estremecimento do mundo antigo, o segredo desta relação que é mais evidente, por cima da cultura específica arquitetônica, em certas obras suas como em Malcontenta ou a Rotonda, as quais devem precisamente à ‘situação’ algumas das condições para sua compreensão” (Rossi, 1966, *apud* Inoue, 2017, p. 11).

Lendo a citação de Rossi, percebe-se que “situação”, neste caso, refere-se ao “sítio” — o lugar de implantação da casa fora da cidade. As casas de campo situavam-se em locais afastados, e cada complexo recebia o nome de vila, normalmente rodeado por vegetação e belas paisagens. A esse respeito, nota-se que, “como nos exemplos apresentados por Rossi, o sítio é um “gênio” determinante e inseparável da arquitetura que o ocupará; no fundo, é já a

---

<sup>32</sup> Edward "Ted" Relph (1944), nascido em País de Gales, é um geógrafo canadense, mais conhecido pelo livro *Lugar e Ausência de Lugar* (2016). Escreveu diversos artigos acadêmicos e capítulos de livros que investigam os fundamentos fenomenológicos e experienciais da geografia, além de outros que elaboram o senso de lugar e as formas como as experiências de lugar estão sendo transformadas atualmente. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Edward\\_Relph](https://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Relph). Acesso em: 07 jun. 2025.

gênese da arquitetura” (Lamas, 2011, *apud* Inoue, 2017, p. 11); ou seja, o gênio é o princípio que faz nascer a obra arquitetônica e não se separa dela naquele lugar.

Neste aspecto, Aldo Rossi parece reconhecer o conceito já trazido por Plínio, o Velho, no século I. Este autor em sua obra *História natural* — uma enciclopédia de 37 volumes na qual se debruçou por anos —, descreveu tudo o que via, contemplava e vivenciava segundo os registros da realidade da época. Plínio registrava conteúdos no âmbito da matemática, física, geografia, etnografia, antropologia, fisiologia, zoologia, botânica, agricultura, horticultura, farmacologia, veterinária, mineralogia, arte, escultura e pintura. Em algum desses volumes, o autor escreveu sobre a vida do romano e a prática da religião romana naquele período, relatando que, para aquele povo, existia uma relação de respeito ao lugar, considerava-se que todo espaço possuía um gênio. Essa mesma relação foi mencionada por Virgílio na obra *Eneida*, ao versar sobre o *nullus locus sine genio*.

Plínio<sup>33</sup>, o Velho (23 d.C.–79 d.C.) — tio de Plínio, o Jovem —, nasceu na Península Itálica e não foi contemporâneo de Virgílio<sup>34</sup> (70 a.C.–19 a.C.), tampouco de Vitrúvio<sup>35</sup> (80 a.C.–15 a.C.). O autor menciona Vitrúvio no sumário de sua *História natural*<sup>36</sup>, especificamente no capítulo sobre as técnicas de mosaico. Vitrúvio, por sua vez, foi autor do tratado *De architectura, libri decem* — hoje conhecido como *Os dez livros da arquitetura* —, escrito em latim e dedicado ao imperador Augusto. Essa produção influenciou, mais tarde, artistas, pensadores e arquitetos renascentistas no início da Idade Moderna, como Leon Battista Alberti (1404–1472), Leonardo da Vinci (1452–1519) e Michelangelo (1475–1564).

---

<sup>33</sup> Caio Plínio Segundo (23 d.C.–79 d.C.), em latim: *Gaius Plinius Secundus*; conhecido também como Plínio, o Velho, foi um naturalista romano, escritor, historiador, gramático, administrador e oficial romano. De todas as suas obras, a única que sobreviveu foi um tratado denominado *História Natural*, uma imensa compilação composta de 37 volumes, que contém algumas passagens originais sobre o destino do homem na natureza e oferece um excelente panorama da geografia, zoologia e botânica na Antiguidade. Para alguns, o maior erudito da história imperial romana, e que deixou uma obra considerável e fundamental para o "saber científico" subsequente. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pl%C3%ADnio,\\_o\\_Velho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pl%C3%ADnio,_o_Velho). Acesso: 11 dez. 2025.

<sup>34</sup> Públio Virgílio Maro (70 a.C.–19 a.C.), em latim: *Publius Vergilius Maro*; foi um poeta romano, por vezes reconhecido como o maior poeta da Roma Antiga. Sua *magnum opus*, a epopeia *Eneida*, que narra o ato de fundação de Roma pelo herói Eneias, é considerada o épico nacional de Roma. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vitr%C3%BAvio>. Acesso em: 15 jul. 2025.

<sup>35</sup> Marcos Vitruvius Pollio (80 a.C.–15 a.C.), foi arquiteto e engenheiro militar romano do século I a.C. conhecido pela sua obra em vários volumes intitulada *De architectura*. Como o único tratado sobre arquitetura que sobreviveu da antiguidade, foi considerado desde o Renascimento como o primeiro livro sobre teoria da arquitetura, bem como uma importante fonte sobre o cânone da arquitetura clássica. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vitr%C3%BAvio>. Acesso em: 11 dez. 2025.

<sup>36</sup> A *História Natural* (em latim: *Naturalis historia*) é uma enciclopédia ou compêndio do conhecimento humano escrito pelo naturalista romano Plínio, o Velho durante muitos anos e que, finalmente, foi publicada entre os anos 77 d.C. e 79 d.C. (considerada a enciclopédia mais antiga), que atualmente consiste em trinta e sete livros; o primeiro contém um prefácio característico e um índice. A obra é dedicada ao imperador romano Tito, filho do amigo de Plínio, o imperador Vespasiano, no primeiro ano do reinado de Tito. É a única obra de Plínio que sobreviveu e a última que ele publicou. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_Natural\\_\(Pl%C3%ADnio\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_Natural_(Pl%C3%ADnio)). Acesso: 11 dez. 2025.

Vitrúvio defendia que uma estrutura deveria exibir três qualidades fundamentais: solidez (*firmitas*), funcionalidade (*utilitas*) e estética (*venustas*). Além disso, demonstrava atenção às construções saudáveis e à consideração do clima ao localizar a edificação no terreno, relacionando-a à posição solar, aos ventos, à umidade, à proximidade de pântanos e aos odores do ar que poderiam prejudicar a saúde. Plínio, por sua vez, escreveu sobre as árvores e a valorização da vegetação, destacando suas qualidades no fornecimento de alimento e abrigo, razão pela qual deveriam ser preservadas. O naturalista também descreveu o trabalho de alguns artistas da época, sendo a sua enciclopédia a única fonte remanescente que contém tais informações sobre a vida no século I d.C. Esses dados históricos sobre a relação do homem com o ambiente, e da construção com a natureza, fazem compreender, nesta pesquisa, que a presença de um espírito no lugar e o respeito ao *genius loci* remontam a tradições bastante remotas.

Ao observar as obras Villa Rotonda e Villa Malcontenta, projetadas pelo arquiteto italiano Andrea Palladio<sup>37</sup>, percebe-se que estas eram casas de campo construídas por famílias nobres em zonas rurais, onde o que almejavam era respirar ar puro, desfrutando da proximidade com a natureza. Normalmente, tais residências eram construídas próximo de cursos d'água ou pequenos rios, em meio a uma natureza exuberante. Contratar Palladio conferia às famílias nobres um prestígio ainda maior. Refletindo os valores humanistas renascentistas, o arquiteto tinha seu próprio método de criação e construção. Ao projetar a Villa Rotonda, rotacionou-a em 45 graus no terreno, de modo que nenhuma fachada ficasse sem receber luz solar, como se pode observar nas Figuras 01, 02, 03 e 04:

---

<sup>37</sup> Andrea di Pietro della Gondola (1508-1580), vulgo Palladio, nasceu em Pádua, Itália. Foi um arquiteto renascentista italiano, ativo na República de Veneza, influenciado pela arquitetura romana e grega, principalmente de Vitrúvio, e é amplamente considerado um dos indivíduos mais influentes na história da arquitetura. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Andrea\\_Palladio](https://pt.wikipedia.org/wiki/Andrea_Palladio). Acesso em: 10 jul. 2025.

Figura 01  
Villa Capra, La Rotonda, Vicenza, Itália (1550-1559).



Fonte: <https://www.villalarotonda.it/en/visita/>

Visão da casa implantada no terreno e seus ambientes externos.

Figura 02  
Villa Capra, La Rotonda, Vicenza, Itália (1550-1559).



Fonte: <https://stock.adobe.com/br/search?k=villa+rotonda>

Visão da casa no terreno e sua relação com a paisagem e vegetação.

Figura 03  
Villa Foscari, La Malcontenta, Vêneto, Itália, 1550.



Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Villa\\_Foscari](https://en.wikipedia.org/wiki/Villa_Foscari)

Fachada da casa e sua relação com os elementos que compõem a paisagem.

Figura 04  
Villa Foscari, La Malcontenta, Vêneto, Itália, 1550.



Fonte: <https://www.archweb.com/pt/galeria/villa-foscari-a-foto-malcontenta/>

Visão da implantação da casa no terreno e sua relação com o entorno.

Sobre o conceito de lugar, o arquiteto Norberg-Schulz busca na filosofia grega uma reflexão, dizendo que “para os gregos cada lugar era regido por um deus, *genius loci*, ou o espírito do lugar” (Norberg-Schulz *apud* Alves, 2007, p. 5), e se refere ao termo *genius loci* como “um conceito romano, do latim, que significa Espírito do lugar. Segundo os gregos cada ser “independente” tinha o seu *genius*, o seu espírito guardião, que dava vida às pessoas e aos lugares, os acompanhava desde o nascimento até a morte e determinava as suas características e essência” (Norberg-Schulz *apud* Alves, 2007, p. 5).

O geógrafo Yi-Fu Tuan<sup>38</sup> relata que os homens, a princípio, não conceberam os deuses como divindades zeladoras de toda a raça humana; pelo contrário, acreditavam que cada divindade pertencesse a um determinado povo e localidade. Nas religiões que vinculam o povo firmemente ao lugar, as divindades parecem ter em comum as características do ambiente, conferindo a sua personalidade a este. Tais entidades não possuíam poderes além dos arredores de seu domicílio particular; recompensam e protegem o seu próprio povo, mas fazem mal aos estrangeiros (Tuan *apud* Alves, 2007, p. 5).

Tuan desenvolveu com mais propriedade seus trabalhos na Universidade de Minnesota a partir de 1968, sistematizando e organizando a geografia humanística<sup>39</sup>, corrente que surgiu em meados dos anos 1960. Propôs-se a encontrar os elementos universais das percepções e valores sobre o ambiente por vários caminhos, apresentando em sua obra *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1980), como identificar as respostas psicológicas comuns a todas as pessoas, as quais derivam da evolução biológica e da estrutura básica do cérebro. Em sua pesquisa, o autor mostra que esses mesmos tipos de respostas se manifestam na cultura dos povos. Afirma que “a mente humana parece estar adaptada para organizar os fenômenos [...] em pares de opostos” (Yi-Fu Tuan, 2025) e relata em seus estudos que “todas as culturas pensam os fenômenos por oposições binárias entre macho e fêmea, terra e céu, montanha e mar, etc.” (Yi-Fu Tuan, 2025). Sua teoria também é muito empregada no campo da arquitetura e do urbanismo para compreender a relação do homem com o ambiente.

Ao analisar a proposta de Tuan (1980) sobre a organização mental em pares de opostos, percebe-se uma convergência direta com a estrutura conceitual formulada por Norberg-Schulz. As oposições binárias ancestrais entre "terra" e "céu" deixam de ser meras abstrações geográficas e passam a se materializar na arquitetura por meio das categorias de "espaço" e "caráter". Sob essa perspectiva, a "terra" de Tuan corresponde ao "espaço" de Norberg-Schulz: a base física, a topografia e a extensão bidimensional que ancora a construção ao solo. Em contrapartida, o "céu" correlaciona-se ao "caráter": a dimensão

---

<sup>38</sup> Yu-Fu Tuan (1930-2022), foi um geógrafo sino-americano, publicou um dos livros mais importantes para a expansão da geografia humanista, intitulado *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Um objetivo central dessa obra é estudar os sentimentos de apego das pessoas ao ambiente natural ou construído. *Topus* é uma palavra grega que significa “lugar”, enquanto *filo* significa amor, amizade, afinidade. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Yi-Fu\\_Tuan](https://pt.wikipedia.org/wiki/Yi-Fu_Tuan). Acesso em: 10 jul. 2025.

<sup>39</sup> Corrente da geografia que pesquisa a experiência das pessoas e grupos em relação ao espaço com o fim de entender seus valores e comportamentos. Alguns autores preferem designá-la como *geografia humanística*, pois argumentam que, como todos os trabalhos de geografia humana enfocam comportamentos do homem, aquela expressão serve para enfatizar que o objetivo dos geógrafos humanistas é pesquisar os elementos mais particularmente humanos da relação dos homens com o espaço e o ambiente, que são os valores, crenças, símbolos e atitudes. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia\\_humanista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_humanista). Acesso em: 10 jul. 2025.

intangível da atmosfera, da incidência da luz e das variações climáticas que dão identidade sensorial ao ambiente. Essa mútua dependência entre o físico e o imaterial demonstra que a mente humana necessita da síntese desses opostos para codificar o entorno, transformando a extensão puramente geográfica em um lugar dotado de significado existencial e cultural.

Em vários lugares do mundo, encontramos representações que remetem à presença de espíritos em ambientes ou edificações, e cada cultura demonstra seu modo de respeito em referência à inteligência, ao gênio ou deus que atua como o "patrão" daquela localidade. Por exemplo, na crença ou mitologia romana, os Penates<sup>40</sup> eram os deuses do lar, adorados tanto pelos romanos quanto pelos etruscos. Eram divindades responsáveis pelo bem-estar e pela prosperidade das famílias. Outros protetores do lar e da família eram os Lares<sup>41</sup>, divindades da religião romana antiga. Além da casa, o espaço exterior também precisava de proteção, e os Lares assumiam o papel de proteger o campo, os caminhos, as batalhas, os cruzamentos, os encontros em praças e demais áreas externas. Os romanos tinham o hábito de contratar arquitetos para definirem o local de construção de suas casas, determinando a melhor disposição para cada ambiente — desde os dormitórios até as salas de estar, salas de jantar e os altares destinados às ofertas para as divindades.

No ano 9 a.C., o imperador Augusto construiu a *Ara Pacis*, um altar dedicado à deusa da Paz para celebrar o período da *Pax Romana*. O local escolhido para consagrar a celebração das suas vitórias foi o pomério<sup>42</sup>, uma zona do Campo de Marte localizada a 1.472 metros dos limites sagrados da cidade de Roma. Essa zona era onde os cônsules, ao retornarem de uma expedição militar, perdiam os poderes militares (*imperium militiae*) e assumiam os poderes civis (*imperium domi*). O monumento *Ara Pacis Augustae*, considerado uma obra-prima da arquitetura romana, representa um dos testemunhos artísticos mais significativos da Era de Augusto, conforme ilustrado nas figuras 05 e 06. Fragmentos desse altar foram encontrados a partir do século XVI, soterrados sob outras edificações. Após várias tentativas históricas de recuperação e uma reconstrução no século XX, a administração municipal decidiu, no final dos anos 1990, construir um novo pavilhão para abrigá-lo, promovendo uma minuciosa

---

<sup>40</sup> Penates vem da palavra *penus* (despensa). Isto por que os bens, a despensa, da família eram consagrados aos deuses do lar. A eles eram oferecidas suas partes nas refeições diárias. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Penates>. Acesso em: 10 jul.2025.

<sup>41</sup> É mais comum a forma no plural, “os Lares”, em referência direta ao latim *Lares familiares*, como nome coletivo para indicar os espíritos que poderiam proteger ou prejudicar uma *familia romana* (conjunto de pessoas), incluindo os servos e os escravos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lares#:~:text=Lares%20s%C3%A3o%20divindades%20da%20religi%C3%A3o,os%20servos%20e%20os%20escravos>. Acesso em: 10 jul.2025.

<sup>42</sup> Pomério (em latim: *pomerium* ou *pomoerium*; lit. "após o muro"), na Roma Antiga, era uma designação para a fronteira simbólica da cidade de Roma. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pom%C3%A9rio> Acesso em: 11 dez.2026.

salvaguarda do monumento. Em 2006, foi inaugurado em Roma o Museu da *Ara Pacis*, uma estrutura moderna de vidro, aço e mármore travertino projetada pelo arquiteto americano Richard Meier<sup>43</sup>, edificada especificamente para proteger e exibir o altar original.

Figura 05  
Recinto externo do Altar Ara Pacis Augustus, 9 a.C., Roma, Itália.



Fonte: Revista Nuova Ontopsicologia, Ano XXVII, n. 1-2009/2-2010, p. 37.

Considerado uma obra prima da arquitetura romana, representa um testemunho da arte da época de Augusto, simbolizando o período de paz e prosperidade vivido durante a *Pax Romana*.

Figura 06  
Painel em mármore do altar Ara Pacis Augustus, 9 a.C., Roma, Itália.



Fonte: Revista Nuova Ontopsicologia, Ano XXVII, n. 1-2009/2-2010, p. 37.

No painel da fachada oeste em relêvo de mármore estão representados três flâmines<sup>44</sup> com seus característicos chapéus pontiagudos, agrupados no centro de um painel do Ara.

Meneghetti, em visita ao Museu da *Ara Pacis* em 2009 para uma aula no local, asseverou que, embora tenha sido criado um ambiente para controlar a luz natural a fim de valorizar o monumento, a “*Ara Pacis* permanece na sombra” (Meneghetti, 2010, p. 38). Durante a visita guiada, o professor Antonio Meneghetti aconselhou os presentes: “subam os degraus do *Ara Pacis*, parem sob o arco, fixem o olhar, com os olhos desfocados, no centro geométrico do topo do altar e ouçam a si mesmos” (Meneghetti, 2010, p. 38). Esse é um

<sup>43</sup> Richard Meier nasceu em 12 de outubro de 1934, em Newark, New Jersey, EUA. É um artista abstrato e arquiteto norte-americano cujos desenhos geométricos fazem uso proeminente da cor branca. Foi vencedor do prêmio Pritzker de Arquitetura em 1984. Projetou vários edifícios icônicos, incluindo o Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (1995), o Getty Center em Los Angeles (1997), Haia, The Netherlands City Hall (1995) e a Prefeitura de San Jose (2005), entre outras obras. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard\\_Meier](https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Meier). Acesso em: 18 dez.2025.

<sup>44</sup> Flâmine (em latim: *Flamen*) era, na religião romana, um sacerdote a quem era designado um dos deuses ou deusas patrocinados pelo Estado. Havia quinze flâmines na República Romana, dos quais os mais importantes eram os flâmines maiores (*flamines maiores*; "sacerdotes principais"), que serviam os três principais deuses romanos da chamada Tríade Arcaica; os doze restantes, dois dos quais são desconhecidos hoje em dia, eram os flâmines menores (*flamines menores*; "sacerdotes menores"). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fl%C3%A2mine>. Acesso em: 18 dez.2025.

exemplo significativo de um *genius loci* romano e de uma experiência que faz colher o verdadeiro original: a “*Ara Pacis* que está lá, em Roma” (Meneghetti, 2010, p. 38).

Sobre a nova espacialidade expositiva do altar *Ara Pacis*, Meneghetti ensinou aos alunos:

[,,] foi transformado em um sarcófago por obscenidades arquitetônicas, em detrimento de uma jóia que é a espacialidade da luz perfeita. No entanto, apesar disso — pelo que observei — o gênio italiano ainda está vivo. Ele ainda jorra hoje. É um *genius loci*: um lugar que anseia, reúne e liberta. Liberta vitalidade e uma presença espiritual, não religiosa, mas que a natureza simplesmente coloca em certos lugares e não em outros por meio de uma série de inúmeras variáveis. [...] um *genius loci* que pode ser apreendido, física e conscientemente, por meio de um contato mais experiencial do que visual. Produz efeitos de leveza, maior criatividade no intelecto, uma sensação positiva em todo o corpo e bem-estar, especialmente para o sistema nervoso autônomo (Meneghetti, Revista Nuova Ontopsicologia, n. 2-2009/1-2010, p. 38). (tradução da autora).

A constatação de que a *Ara Pacis* "permanece na sombra", mesmo sob o invólucro de uma arquitetura contemporânea e tecnologicamente controlada, explicita o limiar entre o espaço geométrico e o lugar fenomenológico. Richard Meier projetou uma estrutura que prioriza a visibilidade e a apreensão racional do monumento; contudo, a crítica ontopsicológica de Meneghetti (2010) desloca o eixo da discussão para a primazia do corpo e do sistema nervoso. Ao orientar que o observador desfoque o olhar e ouça a si mesmo, o autor demonstra que o verdadeiro *genius loci* não se revela na espetacularização visual da forma, mas na ressonância silenciosa que a ancestralidade daquele sítio físico opera no complexo psicossomático do vivente. Assim, a verdadeira luz da *Ara Pacis* não advém dos grandes panos de vidro do museu modernista, mas da capacidade do sujeito de imergir na experiência sensorial daquela espacialidade e colher, por evidência imediata, a vitalidade que emana do lugar.

Esse fenômeno revela que a interação entre o sujeito e a *Ara Pacis* opera por meio de um arranjo indissociável entre variáveis ambientais e respostas biológicas. Enquanto a arquitetura de Richard Meier manipula variáveis externas tangíveis — como a modulação da luz natural, a escala do travertino e a transparência do vidro —, o *genius loci* atua em uma dimensão intangível que reverbera diretamente no sistema nervoso autônomo do visitante. Quando o ambiente consegue salvaguardar a identidade do sítio original, essas variáveis físicas deixam de ser meros estímulos visuais e passam a desencadear reações psicossomáticas reais, manifestadas por sensações corpóreas de leveza, bem-estar e expansão cognitiva. Portanto, a experiência sensorial no monumento demonstra que o espaço

arquitetônico não é neutro; ele funciona como um campo dinâmico onde as forças do ambiente encontram ressonância na biologia humana, provando que a apreensão do espírito do lugar depende da capacidade do corpo de codificar fisicamente a verdade contida naquela situação.

No século XVIII, Alexander Pope<sup>45</sup> tornou-se um expoente do paisagismo na Inglaterra, transformando o modo de construir os jardins na época. O escritor introduziu o conceito de “o gênio do lugar”, salientando a necessidade de saber ouvir e respeitar o sítio físico. Muitas das percepções atuais derivam da teoria e da prática de Pope, que influenciaram as formas de conceber jardins e propriedades rurais naquele país. Considerado o principal expoente literário de sua época, o autor foi o poeta mais importante de sua geração. Os versos de Alexander Pope na *Epístola IV* — dedicada a Richard Boyle, Conde de Burlington — representam como o *genius loci* do idealismo romano se tornou um princípio relevante no projeto de jardins e paisagens, demonstrando como as composições devem ser adaptadas ao se consultar o espírito do lugar, conforme expresso na seguinte citação:

Consulte o gênio do lugar em tudo;  
Que diz às águas se devem subir ou descer;  
Ou ajuda a colina ambiciosa a escalar os céus,  
Ou escava o vale em teatros circulares;  
Chama o campo, captura clareiras que se abrem,  
Une bosques receptivos e varia sombras de sombras,  
Ora quebra, ora dirige, as linhas intencionais;  
Pinta enquanto você planta e, enquanto você trabalha, projeta.  
(Fundação Casa Wabi, 2025, tradução nossa)

A metáfora de Pope, sintetizada no comando de "pintar enquanto se planta e projeta", oferece uma chave analítica preciosa para a prática contemporânea da arquitetura. Ao equiparar o ato de projetar ao ato de pintar sobre a paisagem, o autor estabelece que, o arquiteto não deve impor uma geometria rígida ou arbitrária sobre o terreno, mas sim atuar como um leitor atento das forças preexistentes no sítio físico. A ideia de "pintar" evoca uma sensibilidade artística e intuitiva, na qual o traço do profissional se molda de forma flexível às nuances da luz, da topografia e da vegetação local. Na busca pelo *genius loci*, esse princípio se traduz em um fazer arquitetônico simbiótico, onde cada elemento inserido — seja uma

---

<sup>45</sup> Alexander Pope (1688–1744) foi um poeta, tradutor e satírico inglês da Era do Iluminismo, considerado um dos autores ingleses mais proeminentes do início do século XVIII. Como expoente da literatura augustana, Pope é mais conhecido por sua poesia satírica e discursiva, incluindo *An essay on criticism* (1711), *The rape of the lock* (1712–1717) e *The dunciad* (1728–1743), além de suas traduções de Homero. Ver: Alexander Pope, In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. São Francisco: Wikimedia Foundation, 2026. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander\\_Pope](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander_Pope). Acesso em: 18 dez.2025.

parede, uma abertura ou um percurso — funciona como uma pincelada consciente que não anula a natureza, mas a potencializa. Projetar sob essa ótica significa compreender que o edifício e a paisagem devem constituir uma unidade indissociável, revelando que a verdadeira obra de arte arquitetônica nasce da escuta e do respeito ao gênio que já habita o lugar.

As obras literárias de Pope demonstram que, para qualquer intervenção na paisagem — seja em jardins ou em construções —, deveriam ser respeitadas, realçadas e trabalhadas as características naturais do terreno, observando a natureza. O autor posicionava-se de forma contrária à simetria, pois considerava as formas rígidas e geométricas como elementos artificiais. Sua teoria desempenhou um papel fundamental na transição do paisagismo formal para um estilo mais naturalista, tornando-se precursora do que hoje é chamado de "jardim inglês". Esse estilo favorece a simplicidade, a assimetria e a própria natureza, além de defender um *design* que evoque sentimentos e contemplação, inspirado no mundo clássico romano. Deste modo, nasceu o conceito do “gênio do lugar” no paisagismo.

Na sua incessante pesquisa teórica Norberg-Schulz considera crucial dotar a vida humana de significado existencial. Para o autor, o lugar determina algo conhecido e concreto, sendo um espaço do qual nos apropriamos — um lugar vivido, feito nosso mediante o seu uso. Ao se aproximar da teoria de Heidegger, o arquiteto denomina essa vivência como lugar existencial. Trata-se de um ambiente onde cada um se identifica e se relaciona com o mundo, o qual se encontra envolto em caráter e símbolos (Reis, 2017, p. 7).

Essa conceituação de "lugar existencial" estabelecida por Norberg-Schulz encontra uma ressonância profunda e uma expansão científica na abordagem ontopsicológica de Antonio Meneghetti. Enquanto o arquiteto norueguês, fundamentado em Heidegger, define o lugar existencial como o espaço de apropriação e identificação onde o homem se relaciona com o mundo, Meneghetti avança ao propor que essa relação não é meramente psicológica ou comportamental, mas sim ôntica. Para a ontopsicologia, o lugar existencial atinge sua plenitude quando se alinha ao "Em Si do ser" do indivíduo, transformando a arquitetura em uma extensão viva e saudável do próprio projeto vital do sujeito. Portanto, onde a fenomenologia da arquitetura identifica a necessidade humana de criar raízes e decodificar símbolos, a ontopsicologia oferece o critério prático para que essa espacialidade atue como um espelho fiel da verdade interior do homem, potencializando sua realização na existência.

A partir desses breves apontamentos teóricos e históricos sobre a relação do homem com o ambiente e sua conexão com a presença de uma inteligência que informa e age no lugar, infere-se que o conhecimento da ciência ontopsicológica pode avançar nesta

investigação, encontrando respostas às perguntas de muitos arquitetos em relação à arquitetura como fenomenologia do ser. A indagação reside em compreender por que o conceito de *genius loci*, na visão da ontopsicologia, poderia contribuir para a realização existencial do homem no seu lugar, na sua arquitetura.

Constatou-se que, ao longo do tempo, o termo *genius loci* vem sendo aplicado em vários setores como conceito que define o “espírito do lugar” de um empreendimento, de espaços turísticos, de atividades educacionais ou da valorização do patrimônio cultural e histórico de uma cidade ou região. Porém, não foi evidenciada, na leitura dos artigos, teses e dissertações consultados para este estado da arte, a presença do termo *genius loci* com o mesmo sentido empregado pelo autor Antonio Meneghetti. Isso revela a importância de resgatar o nexos ontológico para se concretizar a arquitetura ontológica como fenômeno do ser e a preservação do *genius loci* como lugar de reforço e exaltação da identidade do sujeito em conexão com o Ser.

Na continuidade desta pesquisa, dar-se-á ênfase aos autores selecionados para esta investigação.

## 2.2 O TERMO *GENIUS LOCI* ENTRE AUTORES SELECIONADOS NA LITERATURA

Ao relacionar as teorias, conceitos e abordagens dos pesquisadores selecionados com as contribuições de outros autores, objetivou-se compreender como cada um explora o campo da fenomenologia para chegar ao entendimento do conceito de lugar como fenômeno e à aplicação mais aproximada possível do termo original *genius loci*, trazido pela cultura ancestral. No confronto entre as teorias, pretende-se evidenciar o emprego do termo *genius loci* e de outros conceitos a ele relacionados na versão que valida o espaço humano e a arquitetura para o ser. O Quadro 1 representa essa perspectiva teórica do problema de pesquisa.

Quadro 1 – Perspectiva teórica acerca do problema de pesquisa

Conceito	Relação com o problema	Referência
Arquitetura ontológica	Como recuperar o nexos ontológico do homem para que o lugar onde habita possa estar em conformidade com o	MENEGHETTI, A. Residence

	projeto ôntico de cada sujeito.	ontopsicológico, 2005.
A expressão do próprio lugar Transcendentalidade do espírito	“Saber personalizar o sacro, no qual todos respiramos, vivemos, e onde somos uma expressão, uma palavra, uma epísteme de significância, tanto para si mesmo como para a expressão do lugar para o próprio bem estar e para muitos.”	MENEGHETTI, A. Projeto terra, 2017.
A poética do espaço	Abordagem do autor sobre os conceitos de espaço, poética e fenomenologia.	BACHELARD, G. A poética do espaço, 1957
Espaços Existenciais Caráter do Lugar	A base de um espaço público nasce de qualquer escala do homem e de suas necessidades. Regressar ao homem como centro.	NORBERG-SCHULZ, C. Existência, espacio y arquitectura, 1975.
Essência, lugar e alma Habitar, espaço e tempo	“O lugar como essência, como psique e alma.” “Habitar é a domesticação do espaço e do tempo.”	PALLASMAA, Juhani. A imagem corporificada, 2013.
Fenomenologia do lugar	Baseado nas obras de Edmund Husserl e Martin Heidegger o autor desenvolve conceitos de fenomenologia do lugar e fenomenologia da arquitetura.  “Defende que a Arquitetura se afaste da ciência e tome sua posição como arte; Busca em Martin Heidegger fundamentos para sua teoria e finalmente consegue mostrar o papel da arquitetura desligada da ciência.”	NORBERG-SCHULZ, C. O fenômeno do lugar. 1988.  RUAS, E. D. Resenha do livro: O Fenômeno do Lugar. Cosac Naify, São Paulo, 2006.
<i>Genius loci</i>	Compreensão e identificação do lugar desde a perspectiva da fenomenologia da arquitetura e do lugar, caráter, espaço, identificação e função.	NORBERG-SCHULZ, C. Genius loci: towards of phenomenology of architecture, 1980.
<i>Genius loci</i>	A seleção do lugar gênio a fim de manter o caráter, a coerência, a fidelidade a tudo o que é crescimento do próprio sujeito.	MENEGHETTI, A. Criatividade e sensibilidade estética, 2018.
Habitar	Abordagem do autor sobre a arte de habitar.	BENJAMIN, W. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica, 1935.
Lugar Mestre	Conceito de <i>genius loci</i> como sentido virgíneo, lugar mestre. A metafísica entre ser e existência: como o metafísico se presencia de modo especial, de modo nascente, de modo	MENEGHETTI, A. Concerto Sito Maestro, Itália, 2000.

	generativo ao homem, à pessoa que desfruta da presença do <i>genius loci</i> . O homem sendo partícipe do lugar gênio.	
Sacralidade naturística	“Alcançar a consciência global da sacralidade naturística, da qual todos somos fenomenologia, facilita a responsabilidade unívoca e inderrogável de cada homem perante a sua alma.”	MENEGHETTI, A. Projeto terra, 2017.
Ser e Tempo	“O ser existe no espaço dando origem ao próprio espaço”. O autor enfatiza o sentido existencial do Ser, relevando o individualismo à importância do habitar, abordando conceitos de fenomenologia, metafísica, ontologia, e mundo-da-vida.	HEIDEGGER, M. Ser e tempo, 2015.

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Por meio desta miríade de estudiosos, obtém-se um apanhado geral dos termos ligados ao problema de pesquisa. Sem o intuito de exaurir o tema, esses referenciais auxiliam a leitura do item 4 deste trabalho, no que tange à análise dos resultados. Cabe notar que aqui os temas foram abordados a partir da perspectiva de diferentes teóricos, utilizados em momentos diversos da investigação como subsídios que auxiliam a compor o arcabouço teórico que ampara este estudo.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O tipo de pesquisa caracteriza-se como exploratória com uma abordagem qualitativa. A investigação é conduzida a partir de um ensaio teórico sobre os preceitos e os modelos relativos ao termo *genius loci*, bem como seus modos de aplicação no ambiente nos períodos históricos em que se evidencia o seu uso. Dessa forma, realizam-se comparações da acepção que envolve o tema entre os autores selecionados, seus respectivos métodos ou teorias, e as aplicações que foram realizadas com o intuito de certificar a evidência da fenomenologia no espaço arquitetônico.

### 3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE DE DADOS

Por meio do conhecimento da lógica racional aplicada na teoria de cada pesquisador selecionado, investigar-se-á o método aplicado no espaço realizado por esses teóricos, a fim de perceber a ausência ou a presença do nexa ontológico, bem como identificar a vertente fenomenológica à qual se chegará como resultado, com função benéfica ao humano ou não.

O Quadro 2 representa as categorias de análise propostas neste estudo.

Quadro 2 – Categorias de análise do estudo

<b>Categoria de análise</b>	<b>Descrição</b>	<b>Referência</b>
Lógica racional do método de Norberg-Schulz	Verificar a lógica racional empregada no método e se é possível o nexa ontológico.	NORBERG-SCHULTZ, C. <i>Genius loci: towards of phenomenology of architecture</i> , 1980.
Lógica racional do método de Meneghetti	Verificar a contribuição do método ontopsicológico para a identidade do sujeito no âmbito existencial e fenomenológico da arquitetura e do ambiente como lugar.	MENEGHETTI, A. <i>Manual de ontopsicologia</i> , 2010.
Fenomenologia do lugar de Norberg-Schulz e instrumentos de aplicação	O método fenomenológico aplicado para estudar o lugar e identificar o <i>genius loci</i> , com o objetivo de encontrar qualidades gerais, significado e caracteres para fenômenos específicos que descrevam exatamente a natureza dele nas vidas e experiências concretas dos seres humanos.	NORBERG-SCHULZ, C. <i>O fenômeno do lugar</i> , 1988. NORBERG-SCHULTZ, C. <i>Genius loci: towards of phenomenology of architecture</i> , 1980.
Fenomenologia do lugar de Meneghetti e instrumentos de aplicação	O corpo como palavra do ser e as evidências obtidas através do campo semântico na identificação do <i>genius loci</i> como lugar e fenômeno, através da aplicação do método ontopsicológico.	MENEGHETTI, A. <i>Pedagogia ontopsicológica</i> , 2014. MENEGHETTI, A. <i>Campo semântico</i> , 2015.
Resultados Ontologia e Metafísica	<i>Genius loci</i> como relação metafísica e fenomenologia do ser. A arquitetura ontológica como resultado da fenomenologia do ser.	MENEGHETTI, A. <i>Criatividade e sensibilidade estética</i> , 2018. MENEGHETTI, A. <i>Da consciência ao ser</i> , 2014. MENEGHETTI, A. <i>OntoArte: o Em Si da Arte</i> , 2003.

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Por meio das informações estruturadas no Quadro 2, as categorias de análise tornam-se mais compreensíveis, facilitando a sua visualização. Na aplicação dessas variáveis na seção 4, referente aos resultados, não se indica individualmente quando cada critério é utilizado, visto que essa correspondência já se encontra explicitada no referido quadro.

### 3.3 REVISÃO DA LITERATURA

A revisão da literatura consistiu em uma pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, com a finalidade de compreender o tema, aprofundar os conhecimentos teóricos e fundamentar o escopo desta investigação. Para tanto, aplicou-se o seguinte procedimento:

1) seleção de autores referenciais ao tema *genius loci*, escolhidos em função da relevância ou atualidade de seus pensamentos. Adotou-se como critério um arquiteto que publicou um livro inteiramente sobre o assunto, escrevendo sobre suas percepções no campo da fenomenologia e da vivência no espaço arquitetônico — obra esta amplamente utilizada nas academias de ensino de arquitetura e urbanismo —, e um filósofo que aborda, em suas obras, conceitos sobre fenomenologia, ontologia, evidência, constante H, campo semântico e *genius loci* em relação ao espaço, explicitando como identificá-lo no ambiente, visto que ambos os pensadores utilizam um método racional de aplicação para alcançar os resultados de suas pesquisas;

2) levantamento de fontes primárias em bibliotecas e repositórios institucionais físicos e virtuais;

3) tradução de trechos para o português de algumas fontes, quando necessário;

4) interpretação dos textos e anotações em planilha de dados e fichas catalográficas, extraíndo as principais contribuições na expectativa de consolidar a abordagem da teoria da fenomenologia da arquitetura e o conceito *genius loci* na identificação de lugares.

Em termos de estado da arte, encontrou-se somente uma publicação internacional especificamente escrita sobre o tema, a já citada nesta pesquisa, *Genius loci: towards a phenomenology of architecture*, do arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz. Foram encontradas cinco dissertações e uma tese no repositório da Capes (Plataforma Sucupira), em âmbito nacional, as quais utilizam o conceito de Norberg-Schulz na aplicação de estudos de caso de vilas habitacionais, de espaços infantis, no futebol como “espírito do lugar” na cidade, em experiências cinematográficas e em paisagens urbanas, apropriando-se do conceito como

método de aplicação ou investigação. No âmbito internacional, foi encontrada uma dissertação de mestrado que explora o conceito de *genius loci*, formulado por Norberg-Schulz, na área de arquitetura paisagística.

Foram encontrados vários artigos em periódicos nacionais, como a revista virtual *Arquitextos* (Vitruvius), e em outras revistas acadêmicas, os quais abordam o conceito de lugar de Norberg-Schulz como “o sentido de lugar” e “o fenômeno do lugar”, sempre citando o precursor da temática na área da arquitetura e seu método. Em periódicos internacionais, localizou-se um artigo citando uma pousada como modelo de *genius loci*, considerando o “espírito do lugar” como fenômeno e relatando a experiência do autor do artigo na vivência e aplicação do método de Norberg-Schulz. Outros exemplos podem ser localizados em sítios nacionais e internacionais, aplicando sempre o conceito de *genius loci* empregado na teoria de Norberg-Schulz e as características que definem o lugar, delimitam o espaço, dão caráter, projetam luz e sombra e criam atmosferas que geram fenômenos à arquitetura e, conseqüentemente, efeitos às pessoas. O Quadro 3 representa os tipos de referências encontradas em relação ao estado da arte.

Quadro 3 – Tipos de referência quanto ao estado da arte

<b>Tipo de Referência</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Qtde %</b>	<b>Média</b>
Artigo internacional	3	7,14%	0,66
Artigo nacional	12	28,57%	1,66
Livro	20	47,62%	0,35
Relatório	0	0	0
Teses e dissertações	7	16,67%	0,77
Legislação	0	0	0
Notícias	0	0	0
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100%</b>	<b>3,44</b>

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Os materiais que compõem o Quadro 3 foram todos levantados pela autora ainda na etapa de pré-projeto. Cabe dizer que, como ocorre com as produções teóricas não citadas

diretamente no corpo do texto, esses estudos não constam da lista de referências bibliográficas do presente trabalho. Porém, para aqueles que desejarem consultá-los, esses dados se encontram no Anexo A.

### **3.4 NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

Utiliza-se, no item 4.1 deste trabalho, a narrativa autobiográfica. Tendo em vista o uso dessa metodologia, a escrita em primeira pessoa do singular far-se-á presente nesse trecho do trabalho. De acordo com Silva e Carvalho (2025) “a pesquisa narrativa autobiográfica se apoia em conceitos-chave da teoria narrativa e da sociologia interpretativa. A teoria narrativa propõe que as pessoas atribuem sentido às suas vidas e experiências por meio das histórias pessoais” (Silva e Carvalho, 2025 *apud* Galvão, 2026, p. 21), reconhecendo o sujeito como parte integrante da construção do conhecimento e da pesquisa. Dessa forma, adota-se essa abordagem na presente investigação para narrar a experiência da autora em vivências relacionadas à prática acadêmica, oportunidade na qual presenciou o trabalho de um dos principais teóricos do referencial teórico, Antonio Meneghetti. Dado o relevante valor de conteúdo dessas experiências, a autora utiliza o relato pessoal para trazer esse conteúdo para o trabalho.

Segundo Marçal, Melo, Amorim e Oliveira (2026), “as narrativas autobiográficas podem ser uma ferramenta poderosa para investigar e compreender diversos fenômenos sob a perspectiva do sujeito, oferecendo uma compreensão mais profunda e significativa da experiência individual” (Marçal, *et al.*, 2026, p. 2). A escrita do subitem 4.1 em modo autobiográfico, em termos de estilo textual, confere ao presente trabalho uma característica de narrativa híbrida, em que se vê o uso da terceira pessoa e da primeira pessoa convivendo no mesmo texto. Cabe notar que esse trecho recorre também a citações de autores do referencial teórico, assim como ocorre no restante da seção 4.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O termo gênio, em seu étimo latino *genius*, significa "o inteligente", sendo inteligente aquele que compreende. Logo, gênio é o que gera o inteligente. Esse radical *gen* vem de uma fonte indo-europeia que significa gerar, engendrar ou fazer nascer. Segundo os romanos, o gênio era uma divindade particular de cada pessoa, que nascia com ela, sobre ela velava e

com ela desaparecia, sendo que a esse gênio individual se atribuíam certas capacidades proféticas. A partir do século XVII, o substantivo gênio passou a adquirir o sentido de "talento ou inteligência inatos". Por sua vez, *loci* vem do latim e significa "do lugar". Frequentemente, observa-se a substituição do vocábulo gênio por espírito. Esta última palavra provém do latim *spiritus*, que remete a sopro, gênio, ar ou vida, e significa uma “presença que emana ação, vitalidade e inteligência” (Meneghetti, 2012, p. 97).

*Genius loci* é uma entidade espiritual de força e virtualidade, pertencente à natureza universal e em diálogo com a ordem do cosmos. A associação entre espírito e lugar originou-se, talvez, da assimilação do gênio aos Lares a partir da Era de Augusto (27 a.C.–14 d.C.). De acordo com o *Movimento Tradizionale Romano*, o *Genius loci* não se confunde com os Lares — os quais são os gênios (*genii*) do lugar que o homem possui ou por onde ele passa —, enquanto o *Genius loci* é o gênio do lugar habitado e frequentado pelo homem (Wikipédia, 2025). Para alguns estudiosos, o conceito designa uma atmosfera única, com identidade e características que tornam o lugar especial e distinto. Para além de sua origem na mitologia romana, hoje o conceito se refere à essência intangível de um local, englobando aspectos relativos à topografia, geografia, história, cultura e tradições de uma região, bem como a forma como esses elementos se manifestam nos produtos e no modo de vida dos seus habitantes. Essa convergência contribuiu para transformar o lugar em um patrimônio cultural, seja na gastronomia, no artesanato ou na arquitetura (Wikipédia, 2025).

Ainda sobre as referências a respeito do termo *genius loci*, constata-se uma ampla diversidade nas literaturas consultadas, o que justifica o fato de o conceito ser empregado de diferentes formas. Diante disso, apresentam-se, a seguir, as definições e as origens da palavra *genius*:

No *Dictionary of Classical Antiquities* e no *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*, *genius* é o espírito protetor semelhante aos anjos da guarda da Igreja Católica. A crença em tais espíritos, ou *genii*, parecia ser comum na Grécia e em Roma desde tempos imemoriais. Os Romanos podem ter recebido sua teoria sobre os *genii* dos Etruscos ainda que a palavra *genius*, singular de *genii*, tenha origem no latim *geno* significando “nascido” ou com relação ao sentido de que o nascimento e a vida deviam-se aos *dii genitales*, força que produz e sustenta a vida. Possui relação com *genitus*, cujo significado é similar a “genitor” ou “pai”. Todo ser vivo, assim como cada lugar, tinha o seu *genius*. O *genius* de um lugar – *genius loci*, *genius* significando “espírito”, e *loci*, também do latim, como singular de *locus*, “lugar” – era representado como uma serpente (Costa, 2008, p. 3).

É perceptível a divergência entre os arquitetos e a comunidade institucional sobre o conceito de *genius loci*. Certamente, os preceitos que depois são usados pelas instituições

nascem desses grandes teóricos e pesquisadores que influenciam os caminhos da arquitetura e sua aplicação no ambiente humano. Para alguns autores, há a possibilidade de mudança em um *genius loci* quando se faz referência à cidade e seus sítios, bairros ou praças. Observa-se essa dimensão de mudança, por exemplo, presente no conceito de *genius loci* quando apontado como um dos pontos da Declaração de Québec, documento do *International Council on Monuments and Sites (ICOMOS)* sobre *spiritus loci*:

Como o espírito do lugar é um processo em permanente reconstrução, que corresponde à necessidade por mudança e continuação das comunidades, nós afirmamos que pode variar ao longo do tempo e de uma cultura para outra, em conformidade com suas práticas de memória, e que um lugar pode ter vários espíritos e pode ser compartilhado por grupos diferentes (ICOMOS, 2008, online *apud* Inoue, 2022, p. 15).

O conceito de caráter, na visão de Norberg-Schulz, é intercambiável pelo de *genius loci*, o qual está mais ligado ao sentido de lugar da tradição e, por consequência, mostra-se mais propenso a uma não mutação. Para o caso de permanência, o autor utiliza o termo *stabilitas loci*. Sob outra ótica, “para Conzen<sup>46</sup>, a concepção *genius loci* carrega um sentido de contínuo incremento de mudança urbana (*concept of ongoing incremental urban change*)” (Inoue, 2022, p. 19). Desse modo, conclui-se que a maior parte dos comentários dos autores é propensa a atribuir uma dimensão de mudança ao termo *genius loci* do modo como aplicam o conceito na dimensão da arquitetura, como fenômeno.

O conceito de *genius loci*<sup>47</sup> para Meneghetti remete a uma dimensão metafísica, de encontro com o verdadeiro espírito do lugar, constituindo uma dimensão superior e de alta cultura. A mudança, nesse caso, ocorre por meio da participação evolutiva do homem, o qual, na medida em que cresce, busca sempre um novo contato com o *genius loci* espiritual para exaltar-se e fazer-se mais. Desse modo, a mudança acontece primeiramente no sujeito; na sequência, o ambiente o engrandece, assim como o homem sadio qualifica o próprio entorno. Sob essa ótica, o autor assevera que “o ambiente nos causa, e nós causamos o ambiente” (Meneghetti, 2017, p. 26).

---

<sup>46</sup> Michael Robert Günter Conzen (1907-2000), nascido em Berlim, Alemanha, foi um geógrafo, fundador da escola anglo-germânica de morfologia urbana. O trabalho mais influente de Conzen é um estudo morfológico detalhado da cidade mercantil inglesa de Alnwick. Seu trabalho é conhecido, entre outros, pelo estudo em micro-escala da evolução de parcelas. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/M.\\_R.\\_G.\\_Conzen](https://en.wikipedia.org/wiki/M._R._G._Conzen). Acesso em: 10 jul.2025.

<sup>47</sup> *Genius loci* = gênio do lugar: significa a mente do lugar, o deus do lugar, é como se houvesse uma presença pessoal, particular. Sente-se uma presença com capacidade de autonomia e reação. Meneghetti, Antonio. **OntoArte: O Em Si da Arte**. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice, 2003.

As grandes e belas obras arquitetônicas permanecem pelo fato de ter nascido, a partir daquele lugar, uma ordem espiritual. Como fenômeno de expressão dessa ordem, destaca-se a Catedral de Chartres, considerada uma expressão "virgínea" do Ser e uma obra-prima da vida. Tais produções monumentais, ao gerarem êxtase, erotismo e alegria, fazem do humano uma manifestação de amor que produz eternidade interior e se consolida como uma epifania do Ser.

Durante um concerto de música realizado no *Sito Maestro*, na Itália, em setembro de 2000, Meneghetti descreve essa relação da seguinte forma:

Este é um discurso de sabedoria estética: sempre do coração branco da Ontoarte, nasce neste lugar (Sito Maestro), um pequeno *genius loci*, que reporta à constelação de tantos *genius loci* que põem em contraponto este nosso planeta, a nossa grande mãe terra. Da recente memória da conferência realizada na UNESCO, em Paris, se alarga a memória onde grandes homens desenharam relações com os vários neurônios do corpo-mãe desta terra, o *genius loci*. No entanto, nesta noite, me agrada recordar a Catedral de Chartres, a basílica de Chartres, do maravilhoso vitral com aquele azul de Santo Apolinário, uma vez em 15 de agosto<sup>48</sup> é um dia universalmente dedicado ao conceito da mulher, da mãe. Talvez as mulheres, em vez de se apelaram àquele estúpido, desgraçado 8 de março, fariam bem em escavar nas profundidades das antigas memórias da nobreza da mulher no dia 15 de agosto. Encontrariam raízes extraordinárias que passam também por Ísis<sup>49</sup>, por Cibele<sup>50</sup>, se configuram na Virgem Maria. E, de fato, em Chartres, uma das seis catedrais, mas talvez a melhor que sobreviveu até nós, do vitral de Santo Apolinário, uma vez era no dia 15 de agosto, hoje me parece que seja 15 de junho, depende das variáveis dos equinócios com base no eixo terrestre que varia em prospectiva às próprias constelações.

Daquele vitral, se existe um sol, neste azul límpido, um pequeníssimo raio de sol atinge um azulejo. Um azulejo que não é central, no corredor de entrada, na arcada principal, não está ali. Talvez a coincidência de um número? Não, não é nem mesmo isso. O ensinamento deste azulejo que se ilumina, mais ou menos no dia 20, ou 25 de junho, hoje está a indicar, isto é, uma coincidência entre o *genius loci* e a localização do nosso planeta com as constelações que vemos no nosso firmamento.

---

<sup>48</sup> Data que celebra A Assunção da Virgem Maria, na Itália — chamada, de modo mais simples, apenas A Assunção — é, segundo a tradição da Igreja Católica Apostólica Romana, da Igreja Ortodoxa, das Igrejas Ortodoxas Orientais e também de alguns setores do Anglicanismo, o mistério pelo qual a Virgem Maria foi elevada ao Céu em corpo e alma ao término de sua vida terrena. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Assun%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Maria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Assun%C3%A7%C3%A3o_de_Maria). Acesso em: 10 jul.2025.

<sup>49</sup> Ísis (em egípcio: Aset; em grego clássico: Ἴσις) foi uma das principais divindades na religião do Antigo Egito cuja veneração espalhou-se também para o mundo greco-romano. Ela foi mencionada pela primeira vez no Império Antigo como uma das personagens principais do mito de Osiris, em que ressuscita seu marido, o rei Osiris, e produz e protege seu herdeiro, Hórus. Acreditava-se que Ísis ajudava os mortos a entrarem no pós-vida da mesma forma que tinha feito com Osiris, também sendo considerada como a mãe divina do faraó, que por sua vez estava ligado a Hórus. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dsis>. Acesso em: 10 jul.2025.

<sup>50</sup> Cibele era uma deusa originária da Frígia. Designada como "Mãe dos Deuses" ou Deusa mãe, simbolizava a fertilidade da natureza. O seu culto iniciou-se na região da Ásia Menor e espalhou-se por diversos territórios da Grécia Antiga. Sob o antigo título grego, Potnia Theron, também foi associada à deusa-mãe minoica, cujo culto remonta ao período neolítico da "Senhora dos Animais". Cibele tornou-se uma divindade do ciclo de vida-morte-renascimento ligada à ressurreição do filho e amante Átis. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cibele>. Acesso em: 10 jul.2025.

Por exemplo, traçando verticais a partir desses lugares, dessas catedrais, em particular Chartres, coincide exatamente com a constelação da Virgem. E então retorna o sentido virgíneo do *genius loci*, como produtor através da própria virgindade, do próprio sacerdote, do próprio guerreiro, do próprio homem verdadeiro. E esse homem verdadeiro é o azulejo que o sol total deste universo terrestre ilumina, sem que ele esteja espetacularmente sobre o altar, sobre a zona de ingresso, sobre o arco principal, onde a solaridade do metafísico do ser encontra o aparente pequeno homem, mas que é eceidade desta relação, dessa coincidência, dessa correspondência entre existência e ser, lá se ilumina o significado da parturiente virgindade que a mulher virgem imaculada gera o próprio filho. Essas são conquistas que são raramente conquistadas por algumas almas.

Bem, a Catedral de Chartres permanecerá incompreensível a todos os espeleólogos, arqueólogos, historiadores, etc, etc... Mas é simples leitura para qualquer homem que alcança a visão ôntica, e que escolhe lugares privilegiados porque aqueles lugares são neurônios privilegiados que dão a relação direta com aquilo que é o metafísico e como aquele metafísico se presencia de modo especial, de modo nascente, de modo generativo ao homem, ao passante, ao viajante no pequeno arco de poucos dias, poucos anos, um átimo e mil anos diante da eternidade são a idêntica coisa (Meneghetti, 2000, DVD Concerto em Sito Maestro).

Antes de iniciar o concerto musical, Meneghetti realiza uma abertura, apresentando aos ouvintes as seguintes considerações:

Quero fazer um pequeno concerto para consentir a cada um de vocês, do próprio Em Si ôntico provisório, provisório *genius loci* subjetivo, solipsístico, como uma novidade de canto, de coralidade que nos reúne nestes significados que, historicamente, da antiguidade da civilização hiperbórea à nossa atual globalização sempre em ato, mas obviamente é uma experiência exclusiva de quem sabe repristinar metanoicamente aquele que é seu verdadeiro aqui e agora (Meneghetti, 2000, DVD Concerto em Sito Maestro, introdução).

Nas Figuras 07, 08 e 09, busca-se elucidar a obra arquitetônica referida pelo professor Antonio Meneghetti:

Figura 07  
Catedral de Chartres, França.



Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto/the-gothic-cathedral-in-chartres-imagem-royalty-free/159952679?phrase=catedral%20de%20chartres&adppopup=true>

Elencada como um dos grandes exemplos da arquitetura gótica francesa, a Catedral de Chartres, também chamada de Notre-Dame de Chartres, é uma catedral católica, localizada na cidade de Chartres a noroeste da França.

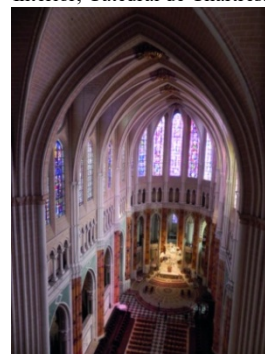
Figura 08  
Interior, Catedral de Chartres.



Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto/nave-of-chartres-cathedral-imagem-royalty-free/542699503?phrase=chartres%20catedral%20interior&adppopup=true>

A catedral de Chartres possui o mais importante conjunto de vitrais do século XIII, em excelente estado de conservação.

Figura 09  
Interior, Catedral de Chartres.



Fonte: <https://francetoday.com/culture/architecture/chartres-the-famous-cathedral-is-newly-restored/>

Pela quantidade de vitrais e esculturas que possui é chamada de “a Bíblia feita de pedra”. São 176 vidraças que constituem a maior superfície do mundo, 2 600 m<sup>2</sup> de vitrais dos séculos XII e XIII.

Desta forma, compreende-se que cada autor usa o termo de um modo diverso. Do mesmo modo, cada observador percebe o lugar e conceitua a identidade segundo sua interpretação pessoal ou seu estado psíquico — envolvendo a espiritualidade, a tensão emocional, a bagagem técnica e cultural, ou as fontes do intelecto e do saber. A seção 4.1 deste trabalho, conforme indicado na metodologia, foi escrita em primeira pessoa do singular.

#### **4.1 NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: EXPERIÊNCIA DA AUTORA EM FORMAÇÕES LECIONADAS PELO ACADÊMICO PROFESSOR ANTONIO MENEGHETTI**

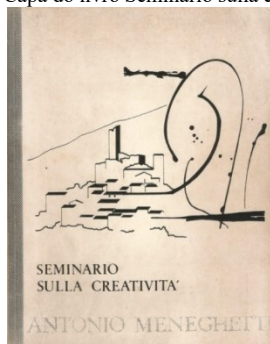
Conheci o professor Antonio Meneghetti em 1991, em Roma. A consultora de autenticação que me atendia na época falou sobre o XIII Congresso Internacional de Ontopsicologia: Imagem e Atividade Psíquica, que aconteceria na capital italiana. Eu já havia viajado para vários países e, naquela ocasião, selecionei Madri, Barcelona, Mônaco e Roma para visitar, finalizando minha viagem de lazer e estudo com a participação nesse congresso. Era a minha primeira vez em Roma quando o conheci, e nosso primeiro encontro foi marcado pela *OntoArte* do autor. Ao visitar a Exposição de *OntoArte* do artista Antonio Meneghetti,

anexa ao evento, perguntei-lhe como eu poderia estudar naquela escola. Ele me fez algumas perguntas, pediu-me para descrever um quadro de sua autoria composto por linhas pretas e fundo branco, e me dirigiu à sua secretaria para pegar as informações de estudos, cursos e livros. O primeiro livro que comprei foi *Seminario sulla creatività* (1989), de Antonio Meneghetti. Desde esse momento, realizei vários cursos, *residences* e seminários no Brasil, na Rússia e nas *summer sessions of Ontopsicology* anuais, as quais eram ministradas pelo professor Meneghetti na Itália, presenciando inúmeros concertos musicais e exposições de arte de sua autoria como artista.

Quando ouvi o professor Meneghetti falar sobre *genius loci*, eu já conhecia o termo por ter estudado na faculdade de Arquitetura e Urbanismo. A novidade estava em saber identificá-lo, colhê-lo, individuá-lo e formalizá-lo na concepção do Em Si naturístico, como projeção para a arquitetura ontológica, tendo como mestre-mediador e princípio ordenador o Em Si ôntico do homem.

Apresento, neste relato, os momentos de aprendizado com o professor Antonio Meneghetti em que, de algum modo, foi abordada a temática da arquitetura e que, por conseguinte, foi pertinente a este trabalho. Houve outros momentos de aprendizado com o autor nos quais participei, mas cujos temas das aulas não foram pertinentes à arquitetura. Tive a oportunidade de participar como aluna, em diferentes ocasiões, de cursos ministrados pelo professor Antonio Meneghetti no Recanto Maestro (Brasil), em Lizori (Itália) e em São Petersburgo (Rússia), além de visitar obras arquitetônicas com a explicação oferecida por ele.

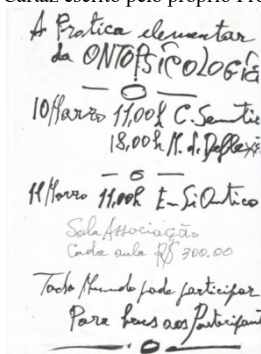
Figura 10  
Capa do livro *Seminario sulla creatività*, 1989, Roma, Itália.



Fonte: acervo pessoal da autora.

O livro publicado pela Psicologica Editrice em Roma é um compêndio de várias aulas ministradas pelo Acadêmico Antonio Meneghetti na *Summer Session of Ontopsicology* de 1988.

Figura 11  
Cartaz escrito pelo próprio Professor Meneghetti, Recanto Maestro, Brasil



Fonte: acervo pessoal da autora.

O cartaz escrito a próprio punho pelo Professor Meneghetti descreve o nome do evento “A prática elementar da Ontopsicologia”, e as datas 10 de março às 11h aula sobre Campo Semântico; às 18h aula sobre Monitor de Deflexão, e dia 11 de março às 11h aula sobre Em Si ôntico, local e valor de cada aula. O evento ocorreu na última década do século XX.

Lembro de uma aula sobre o espaço territorial, no Recanto Maestro, em 1993, na qual o professor pediu que cada aluno participante do curso escolhesse um lugar num determinado campo onde fomos levados pela manhã. Era uma área gramada em declive, onde existiam árvores, pedras e um córrego mais abaixo, em um dia de sol e natureza exuberante. Cada um ficou um tempo em seu respectivo espaço, buscando delimitar seu próprio território. No período da tarde, o professor se encontrou novamente com os alunos e pediu para quem quisesse mostrar o lugar que havia escolhido pela manhã. Para cada um, o professor explicitava a relação daquele sítio com sua identidade pessoal e o modo como o indivíduo realizava a escolha, de acordo com sua função ou não. Falou sobre a escola peripatética e o modo como os filósofos gregos ensinavam a seus alunos. Cada um dizia o que construiria naquele local e para qual função. Eu disse que construiria uma casa com vista para o horizonte. Lembro que ele comentou: “Lygia, para você, como arquiteta, artista e professora, este lugar seria muito bom para escrever suas poesias”. Perguntei se aquele tipo de exercício seria positivo para ensinar na faculdade de arquitetura, ao que ele respondeu que sim, pois despertava a percepção do lugar, o ato de escolher onde construir e, posteriormente, desenvolver o projeto arquitetônico, além de permitir a compreensão do espaço territorial do cliente.

Na mesma ocasião, o professor pretendia construir um anfiteatro no *genius loci* — um lugar de forte vivacidade na mata, junto a um riacho, muitas árvores e pedras —, onde hoje se localiza o espaço denominado “Recantinho”. Havia um grupo de homens italianos que trabalharam na execução do anfiteatro. O professor orientou como seria, com platôs de grama escalonados, formados pelas pedras do local.

Anos depois, estive presente em uma aula do professor Fausto Pieroni, contador italiano que participou da construção desse anfiteatro no *genius loci* do Recanto Maestro. A partir dessa aula, da qual possuo uma gravação em áudio, apresento a transcrição da fala do ministrante a seguir:

O *genius loci* é um ambiente que tem uma energia diversa. Se o indivíduo permanece ali, consegue perceber aquela atmosfera; então, é um lugar diferente dos outros. Se vocês já fizeram lições ali, aulas ali, sabem que tem uma grande pedra no *genius loci*. Aquela pedra estava toda embaixo da terra. O professor Meneghetti disse: “aqui tem a pedra, e nós devemos revelar esta pedra”. E nós rimos, dizendo:

“como assim revelar esta pedra? Para nós é muito trabalho!”. Então veio o amigo Pivetta, que escavava, e nós movíamos aquela pedra ali. Não era fácil movê-la; nós tirávamos a terra ao redor para facilitar, mas, mesmo assim, foi um pouco difícil. Havia umas quinze pessoas. Depois, no momento quando a pedra começa a vir para fora da terra, e ali tem o rio que passa perto, e na hora que a pedra vem para fora, começa a se tornar muito preto o céu! E então começa a vir uma chuva muito, muito forte. E o professor Meneghetti disse: “ninguém se mexe daqui. É um problema para quem se mexer daqui”. Então, se vem um raio, queima todo mundo! Mas o professor disse que não deveríamos nos mexer dali. O rio veio para fora. Estava dentro do *genius loci*. E até o Pivetta queria ir embora, porque ali era perigoso. E o professor disse: “ninguém se mexe, vamos revelar esta pedra!”. Nós continuamos, continuamos, e a pedra veio totalmente livre. E quando a pedra saiu totalmente livre, saiu aquela nuvem escura. Isso tudo levou uns quarenta minutos. Então, depois de quarenta minutos, já tinha sol, o rio brilhava no sol, e a pedra estava ali, e o trabalho estava feito. Pronto! Porém eu vivi isso! Cada um de nós teve uma experiência, e pensamos assim: não tem uma explicação racional, porém eu fiz, nós vivemos e resolvemos. Existem estas situações. [...] Então, digamos que, aquela vez, o *genius loci* foi sistematizado, foi feito tudo, e é muito bonito visitá-lo às vezes. Não se vai lá por turismo. Uma vez você pega um livro de Ontopsicologia e pode ir lá passear para ler, fazer uma lição ou uma aula. Não é habitual, não se deve fazer disso um hábito, senão você o irá arruinar. Então Lizori, como o Recanto Maestro, não é um lugar geográfico. É um lugar que tem uma energia para o ser humano. Então, nós podemos construir um próprio Recanto Maestro, ou um próprio Lizori dentro da nossa própria casa. Nós podemos colocar com isso fazendo coisas que gostamos, fazendo nosso espaço, pouco a pouco com as coisas que nós gostamos. Então podemos construir um Recanto Maestro dentro da própria casa. Isto é misticismo cotidiano, diria o professor Antonio Meneghetti. Atenção às pequenas coisas cotidianas, because, dando atenção às pequenas coisas na nossa vida, nós podemos ganhar grandes coisas, realizar grandes coisas. (Pieroni, 2024, aula especial, gravação feita com celular, tradução nossa).

Cabe acrescentar que muitos concertos, imagogias e atividades de *residences*, são realizados nesse *genius loci* no Recanto Maestro, conforme narrado pelo professor Fausto Pieroni, como lugar de reforço para a identidade dos participantes — um encontro de alma com alma, onde o “espírito do lugar” soma e amplia o espírito do sujeito.

Lizori, na Itália, é um burgo medieval sobre uma colina na Umbria. Era um lugar abandonado, no qual o professor Antonio Meneghetti identificou a genialidade do lugar — o *genius loci* — e o reconstruiu com sua equipe, seguindo as legislações do local, respeitando as ordens arquitetônicas, os materiais locais, o bosque de oliveiras, as casas de pedra e as portas e janelas de madeira. Hoje, o espaço é uma expressão de vida, um lugar elevado, de dinâmica superior, onde a vida vê, é, e o ser humano se refaz ali, porque o lugar é igual a ele, promovendo isocronia. Conheci Lizori em 1994, quando, na ocasião, participei pela primeira vez da *Summer University of Ontopsychology*. As aulas eram com o professor Meneghetti no final da tarde, e, durante o dia, tínhamos atividades livres para conhecer o local e estudar. O professor era muito presente durante o dia e lançava atividades, gincanas, jogos, teatros, concertos e exposições de arte, além de aplicar seu método nas atividades das aulas como

cinelogia, hidromúsica solar e imagogia, além das entrevistas abertas nas aulas e entrevistas privadas para quem desejasse. O tempo todo, o professor trabalhava e estava sempre muito atento a todos e a tudo.

No XIV Congresso Internacional de Ontopsicologia, realizado em Salvador, Bahia, em 1995, apresentei meu primeiro trabalho como arquiteta com a contribuição da ontopsicologia, intitulado *Se arquitetura, qual arquitetura? Arquitetura para o sinal, arquitetura para a existência*. Nessa ocasião, contei ao professor Meneghetti meu interesse em participar de um seminário promovido pela Associação de Ontopsicologia da Rússia, ministrado por ele, que iria acontecer no segundo semestre daquele ano, em São Petersburgo.

Quando fui à Rússia pela primeira vez, visitei São Petersburgo em 1995 e participei do Seminário *O Em Si da Arte e Criatividade*, realizado entre 23 de setembro e 8 de outubro. Nessa ocasião, o professor Meneghetti ministrou aulas com argumentos extraídos da teoria ontopsicológica para delinear uma nova visão e experiência da arte, demonstrou a prática da psicoterapia de grupo, pintou e explicou a realização de seus quadros aos alunos, além de realizar uma exposição de suas obras de arte no local do evento. Nas Figuras 12, 13 e 14, apresentam-se o *folder* e o cartaz de divulgação do seminário, bem como uma matéria sobre o evento divulgada na época.

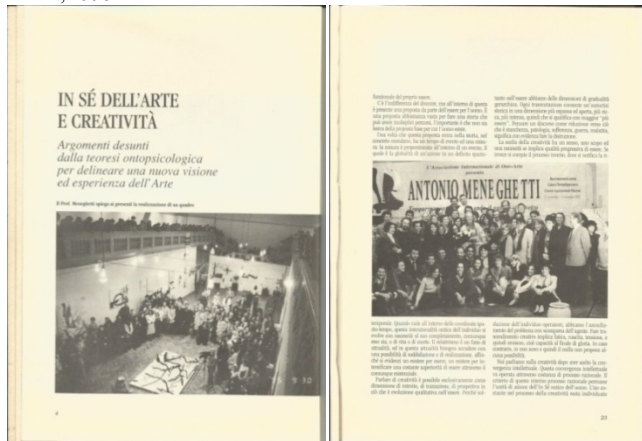
Figura 12:  
Folder do Seminário O Em Si da Arte e Criatividade, São Petersburgo, Rússia, 1995.



Fonte: acervo da autora (1995)  
Folder escrito em russo com programa do curso e desenhos das obras de Antonio Meneghetti.

Figura 13

Publicação sobre o Seminário O Em Si da Arte e Criatividade, São Petersburgo, Rússia, 1995.



Fonte: Revista Nuova Ontopsicologia. 1996, p. 04.

Figura 14

Cartaz do Seminário O Em Si da Arte e Criatividade.



Fonte: Revista Nuova Ontopsicologia. 1996, p.20.

Uma edição completa sobre o evento foi publicado na revista, onde o Professor Meneghetti ministrou aulas teóricas e práticas, desde a base técnica da Ontopsicologia até a OntoArte com a produção de obras artísticas *in vivo*.

O evento se realizou no Salão do Artista, na cidade de São Petersburgo, Rússia.

Dois anos depois, em 1997, estive em Moscou para participar do XV Congresso Internacional e I Congresso Mundial de Ontopsicologia, que reuniu várias nações do mundo com conferências de Antonio Meneghetti e diversos trabalhos científicos apresentados. Por várias vezes, atuei como comunicadora oral em congressos de ontopsicologia, apresentando a perspectiva de como perceber, identificar e diferenciar a arquitetura ontológica da arquitetura como objeto. Nessas ocasiões, estabeleci como escopo fundamental o “para quem” quando se projeta: se a serviço do humano ou não, especificando o que serve ou não serve como função no espaço arquitetônico do homem. O acervo de partes da minha pesquisa no âmbito da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo, em conexão com os estudos sobre a ontopsicologia, pode ser encontrado na forma de artigos<sup>51</sup> publicados, por exemplo, na coleção *Ontopsicologia: ciência interdisciplinar*<sup>52</sup> e nos anais do III Congresso Internacional

<sup>51</sup> Artigo “Habitação e lugar: a casa saudável como dimensão humana e vital” da autora Lygia de Almeida Marques encontra-se no acervo da Biblioteca *Humanitas* da Faculdade Antonio Meneghetti. Ver: Bregatto, P./Antonio Amado... [et al]. **Documentos de arquitetura: traços & pontos de vista**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

<sup>52</sup> A publicação mencionada refere-se à pesquisa “Contribuições da Escola Ontopsicológica ao Processo de Projeto de Arquitetura de Interiores”, fruto do Trabalho de Conclusão de Curso do MBA – Business Intuition – Identidade Empresarial, 2015, da Faculdade Antonio Meneghetti, e pode ser lido na página 171 da obra **Ontopsicologia: ciência interdisciplinar** – volume III/Fundação Antonio Meneghetti (Org.) – Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

Uma Nova Pedagogia Para a Sociedade Futura<sup>53</sup>, do *VI Congresso Internacional Ontopsicologia e Desenvolvimento Humano*<sup>54</sup>, apresentados como comunicadora oral, e na *Revista Brasileira de Ontopsicologia*<sup>55</sup>, como fruto de pesquisas no curso de Bacharelado em Ontopsicologia.

Em outra ocasião, em outubro de 2001, após as aulas na Universidade Estatal de São Petersburgo, na qual eu cursava a Especialização em Ontopsicologia, fomos a um lugar fora da cidade, distante sessenta quilômetros, para uma imagogia naturística<sup>56</sup> embaixo de um grande carvalho — um *genius loci* exuberante —, onde hoje se localiza o Centro Ecobiológico de Bernia, na região de Vyborg, entre o golfo da Finlândia e o lago Ladoga. Foi uma experiência viva, de contato com a força do lugar, sendo que essa amplificação de força também remete o sujeito àquela energia, caso esteja aberto para receber. O professor Meneghetti fez um convite aos presentes para realizar uma imagogia em um *genius loci*. Cito, a seguir, um trecho da obra do professor Antonio Meneghetti, na qual ele narra esse dia do qual fui participante. Acredito que, ao citar esse fragmento, explico melhor os detalhes desta experiência:

Peço a vocês que saibam colher a alma deste espaço, extremamente natural, mas também com uma particular presença de arquitetura inteligente. Vocês todos conhecem já a teoria e a existência dos *genius loci* em diversos pontos do nosso globo terrestre. A atmosfera, a cor, as dimensões, aquilo que este lugar faz escutar em primeiro plano é a particular posição, crescimento e desenvolvimento de um carvalho. [Indicando o carvalho nas suas costas]. Aqui, no princípio, havia um carvalho, que depois morreu, mas se subdividiram cinco troncos. Talvez no princípio houvesse um somente que se encontrava mais ou menos naquele ponto médio entre mim e aquele carvalho maior [indicando um carvalho à sua frente], que com os milênios morreu e renasceu alargando-se.

As histórias infinitas que podem ter acontecido neste lugar, sem dúvida, serão interessantes, mas, como todos os *genius loci*, é sempre um lugar de vida ou de morte, de modo pronunciado, mais incisivo, mais energético.

Mas não estamos aqui para entender a alma deste *genius loci*. Creio que a situação destas cores de outono, o prado, as folhas e tantas coisas que com reality poética

---

<sup>53</sup> Artigo “A Arquitetura Como Ambiente Humano na Puberdade: lugar de pedagogia para formar o homem-pessoa na função social” publicado nos anais do III Congresso Internacional Uma Nova Pedagogia Para a Sociedade Futura, 2018. Disponível em: <https://ciodh.emnuvens.com.br/novapedagogia/article/view/438>

<sup>54</sup> Artigo “A inteligência espacial artificial e a identificação do “espírito do lugar”: o desafio de evidenciar o *genius loci* no ambiente” publicado nos anais do VI Congresso Internacional Ontopsicologia e Desenvolvimento Humano, 2024. Disponível em: <https://ciodh.emnuvens.com.br/atos/article/view/893/690>

<sup>55</sup> Artigo “A Informação da Cor no Ambiente: efeitos psíquicos na pessoa”, publicado na Revista Brasileira de Ontopsicologia, 2025. Disponível em: <https://ciodh.emnuvens.com.br/novapedagogia/article/view/438>

<sup>56</sup> No conceito de *imagogia naturística*, ou *imagogia em genius loci*, a Ontopsicologia alcança a experiência superior das meditações, da alma da natureza, em suma, todas aquelas filosofias que vão do budismo em todos os tempos aos xamãs, a todos os cultores poéticos da profundidade da alma da natureza, entre os quais se faz eminente o conceito dos antigos romanos sobre o sentido do *genius loci*. Meneghetti, A. **A Beleza Como Valor Para o Humano**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2021.

cada um de vocês percebe e goza, tudo isso faça deste lugar um local propício para realizar uma das nossas imagogias, isto é, do nosso Em Si ôntico entrar na percepção do Em Si ôntico deste *genius loci* e colher o que pode narrar à nossa raiz e à nossa ocasião de estar aqui. Tudo isso, independente daquilo que nascerá em seguida (Meneghetti, 2021, p. 181).

Nesse momento da imagogia, o professor Meneghetti assevera que “certamente aqui surgirá um centro de atividade e de cultura ontopsicológica<sup>57</sup>” [...] “são tantas as pessoas curiosas em compreender a alma do mundo, a realidade viva de si mesmas” (Meneghetti, 2021, p. 185). Dando continuidade à técnica da imagogia em *genius loci* no ambiente do carvalho, o professor Meneghetti fornece as últimas orientações aos presentes:

Agora há uma ocasião, para cada um de nós, para compreender o que sou eu aqui, agora, in relação a mim mesmo, ao mundo, aos outros, à história da humanidade. Portanto, depois de ter fechado os olhos, permanecendo isolados para cada um em si mesmo, pediria para entrar na história, não digo deste lugar, mas deste espaço, desta parte do mundo. Há uma especificidade, uma originalidade, neste lugar aberto? (Meneghetti, 2021, p. 187).

Por fim, foi pedido aos participantes daquela imagogia naturística que colhessem três aspectos: “1) a beleza, a sanidade de mim mesmo; 2) a beleza, a sanidade, a alma de todo este lugar, aberto, reluzente; 3) e, se há uma história, qual história ocorreu, ao longo dos milênios, nesta parte do mundo” (Meneghetti, 2021, p. 187). O palestrante solicitou que fizessem seu isolamento individual, fechando os olhos, e que só voltassem quando os chamasse. As intervenções livres feitas pelo professor Meneghetti para cada pessoa que quis relatar sua experiência na imagogia em *genius loci* podem ser consultadas em sua obra *A beleza como valor para o humano*.

No *XVI Congresso Internacional Ontopsicologia e Memética*, realizado em 2002 em Milão (Itália), apresentei um trabalho que analisou os conceitos de *Arquitetura Ontopsicológica* e *Arquitetura Memética*, publicado nos anais<sup>58</sup> do evento, promovendo o contraponto dessas expressões como fenomenologia da arquitetura.

O *genius loci* sempre foi um tema que me chamou a atenção, despertou minha curiosidade em compreendê-lo e saber usá-lo na arquitetura de modo a realizar a mim e ao meu cliente. Saber identificá-lo, respeitá-lo e também construí-lo segundo a identidade de

---

<sup>57</sup> No ano seguinte, “em 2002, foi fundado o Centro Internacional Científico Humanista “Bérnia”, primeiro projeto ecobiológico realizado pelo Prof. Meneghetti em território russo”. Meneghetti, A. **A Beleza Como Valor Para o Humano**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2021.

<sup>58</sup> O trabalho apresentado no XVI Congresso Internacional de Ontopsicologia em Milão (Itália) no ano de 2002 com o título “Architettura Memética ed Ontopsicologica” da autora Lygia de Almeida Marques pode ser lido no livro Meneghetti, A. Autori Vari. **Ontopsicologia e Memética**. Psicologica Editrice, Roma, 2003.

quem o habita, para gerar prazer e alegria em comunhão com o Ser. Na faculdade de arquitetura, aprendi a observar o espaço de uma forma muito técnica, sem aplicar a sensação corpórea. Quando havia manifestações sobre o espaço que traziam as fantasias e o imaginário pessoal sobre o sentir do lugar, tais abordagens eram consideradas “senso comum” e não eram aceitas pela ciência. O método ontopsicológico me proporcionou outro olhar sobre as percepções espaciais, permitindo-me valorizar as próprias evidências e usar o corpo como instrumento para colher a realidade. Aprendi a identificar primeiro o que é valor para mim e, a partir disso, identificar o que é melhor para o meu cliente, fazendo a leitura da identidade dele e, assim, ser capaz de projetar seu próprio *genius loci*.

Ao realizar a pesquisa deste estudo sobre o *genius loci*, comecei a compreender as sensações que eu tinha quando me sentia pertencendo a algumas cidades que visitei. Logo após me formar em Arquitetura e Urbanismo, morei alguns meses no interior do Canadá, próximo a Toronto (1986), e alguns meses em Budapeste, na Hungria (1988), estagiando na Universidade Estatal de Budapeste. Nessa época, tive a oportunidade de visitar várias localidades, como Dubrovnik, na antiga Iugoslávia; Praga, na antiga Tchecoslováquia; Cracóvia, na Polônia; Berlim, Hannover e Londres. A Europa Ocidental ainda era dividida da Europa Oriental pelo Muro de Berlim. No final da década de 1990, também conheci Tóquio, Quioto, Hong Kong — que ainda pertencia à Inglaterra — e algumas cidades da costa do Pacífico, nos EUA. Como arquiteta, essas jornadas internacionais foram culturalmente muito importantes para mim. Eram sempre viagens de estudo, percepção e investigação sobre outras culturas, com muitas fotografias em formato *slides*, que depois eu utilizava em minhas aulas na faculdade de arquitetura. Eu ensinava aos alunos a importância de sair do seu próprio meio e conhecer novas fronteiras, vivenciar pessoalmente as obras que estudávamos através dos livros, como os jardins da *Villa d'Este*, as praças urbanas de Roma, além da bela Florença e sua arquitetura, berço de grandes artistas-arquitetos.

Sobre as sensações ao conhecer cada entorno, hoje aprendi, estudando ontopsicologia, que não se trata de apenas “sentir” o espaço, e sim de colher a informação daquele sítio. Significa metabolizar o lugar, fazê-lo tornar-se parte de mim, integrante da minha unidade. Consiste em receber a informação, individuar a forma, metabolizar a identidade e, através do meu *organísmico* como critério, colher a alma daquele território. Se não vibra, não reverbera, não pertence a mim. Esta pesquisa me deu a certificação disso: a evidência de como ser partícipe de um lugar, pertencer àquele *genius loci in vivo*, sabendo compreendê-lo.

## 4.2 GLOSSÁRIO

A seguir, apresenta-se, no Quadro 4, como os autores Norberg-Schulz e Meneghetti definem alguns termos aplicados na arquitetura, na filosofia e na psicologia, bem como os conceituam em seus respectivos métodos.

Quadro 4 – Glossário: definição de termos empregados pelos autores selecionados

<b>Termos</b>	<b>Arquiteto Norberg-Schulz</b>	<b>Filósofo Antonio Meneghetti</b>
Arquitetura	<p>“É a concretização do espaço existencial” (Norberg-Schulz, 1980, p. 02).</p> <p>“Significa visualizar o <i>genius loci</i> e o trabalho do arquiteto é produzir lugares significativos auxiliando o Homem a habitar” (Norberg-Schulz <i>appud</i> Costa, 2008, p. 04).</p>	<p>“Colocar o lugar segundo como o princípio urge” (Meneghetti, 2003, p. 255).</p> <p>“Indica o princípio que põe a forma” (Meneghetti, 2018, p. 145).</p>
Arquitetura ontológica		<p>“O fazer em conformidade ao projeto ôntico que cada homem possui” (Meneghetti, 2018, p. 163).</p>
Campo		<p>“Espaço convencionalizado de relações entre dois ou mais pontos-força” (Meneghetti, 2012, p. 36).</p>
Caráter	<p>“Denota a “atmosfera” geral que é a propriedade mais abrangente de qualquer lugar” (Norberg-Schulz, 1980, p. 11).</p> <p>“É determinado por como as coisas são e dão à nossa investigação uma base nos fenômenos concretos do nosso mundo da vida cotidiano” (Norberg-Schulz, 1980, p. 11).</p> <p>“É a forma e a substância concretas dos elementos que definem o espaço (Norberg-Schulz, 1980, p. 13).</p>	<p>“Modelo incidido. Modo constante a cerca de um proceder ou comportamento. Faz supor a presença de uma forma psico-histórica que codifica o tom emocional e o modo de percepção e reação” (Meneghetti, 2012, p. 44).</p>

Caráter ambiental	“É a essência do lugar” (Norberg-Schulz, 1980, p. 05).	
Emoção		“Dinâmica psíquica que configura o sujeito como objeto sensório” (Meneghetti, 2012, p. 83).
Energia		“Presença de força. Ecceidade da possibilidade. Semovência de um quântico. Capacidade de efetuar” (Meneghetti, 2012, p. 93).
Espaço	“Denota a organização tridimensional dos elementos que compõe um lugar” (Norberg-Schulz, 1980, p. 11).	
Espaço existencial	“É um termo que compreende as relações básicas entre o homem e seu ambiente, entre o espaço e o caráter, de acordo com as funções psíquicas básicas de orientação e identificação” (Norberg-Schulz, 1980, p. 02).	“Existência = o ser quando é configurado e especificado em tempo e espaço com outras individualizações” (Meneghetti, 2012, p. 112).
Espírito do lugar	“É o determinante importante de qualquer cultura” (Norberg-Schulz, 1980, p. 19).	“Espírito = presença que emana ação, vitalidade, inteligência. Quando se faz existência (individual), especifica-se como alma; quando se reflete, especifica-se como mente ou inteligência; quando se determina processo histórico é vontade; quando é todo si mesmo, é Em Si” (Meneghetti, 2012, p. 97).
Estrutura do lugar	“Se manifesta como totalidades ambientais que compreendem os aspectos de caráter e espaço.” “São propriedades formais de um sistema de relações” “A estrutura do lugar deve ser descrita em termos de “paisagem” e “assentamento”, e deve ser analisada por meio das categorias “espaço” e “caráter”” (Norberg-Schulz, 1980, p. 11).	

Fenomenologia	“A fenomenologia foi concebida como “um retorno às coisas”” (Norberg-Schulz, 1980, p. 06).	“Fenomenologia = O que é de qualquer forma, mensurável ou verificável por critérios sensitivos e racionais. Qualquer discurso, análise ou contato sobre o que aparece de um sujeito, de um ambiente, de uma coisa” (Meneghetti, 2012, p. 117).
Fenomenologia da Arquitetura	“Uma teoria que entende a arquitetura em termos concretos e existenciais” (Norberg-Schulz, 1980, p. 03).	
Gênio	“Denota o que uma coisa é, ou o que ela “quer ser” (Norberg-Schulz, 1980, p. 03).	“Gênio é aquele que gera a ordem ôntica da existência, isto é, sabe formalizar o ser na existência histórica” (Meneghetti, 2003, p. 109).
<i>Genius Loci</i>	<p>“Desde tempos antigos, o <i>genius loci</i>, ou “espírito do lugar”, tem sido reconhecido como a realidade concreta que o homem tem que enfrentar e chegar a um acordo em sua vida diária” (Norberg-Schulz, 1980, p. 03)</p> <p>“Os antigos o reconheciam como aquele “oposto” com o qual o homem tem que chegar a um acordo, para ser capaz de habitar” (Norberg-Schulz, 1980, p. 11).</p> <p>“Todo ser “independente” tem seu gênio, seu espírito guardião. Esse espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento à morte e determina seu caráter ou essência. Até os deuses tinham seu gênio” (Norberg-Schulz, 1980, p. 11).</p>	“ <i>Genius loci</i> = gênio do lugar: significa a mente do lugar, o deus do lugar, é como se houvesse uma presença pessoal, particular. Sente-se uma presença com capacidade de autonomia e reação” (Meneghetti, 2003, p. 269).
Habitação	“Ponto de apoio existencial.” “O homem habita quando pode se orientar dentro e se identificar; quando ele vivencia o ambiente como significativo” [...] “implica algo a mais que “abrigo”, “proteção””	

	(Norberg-Schulz, 1980, p. 03).	
Habitar	<p>“Implica que os espaços onde a vida ocorre são lugares, no verdadeiro sentido da palavra” (Norberg-Schulz, 1980, p. 03).</p> <p>“estar em paz em um lugar protegido” (Norberg-Schulz, 1980, p. 23).</p>	
Homem		<p>“Homem = unidade de ação histórico-espiritual constituída por um projeto ôntico em acontecimento terrestre, com faculdades e funções inteligentes, racionais, emocionais, biológicas” (Meneghetti, 2012, p. 128).</p>
Identidade	<p>“A identidade do homem depende de sua pertença a lugares” (Norberg-Schulz, 1980, p. 04).</p>	<p>“É a forma que especifica em si o objeto ou indivíduo e o distingue de qualquer outro” (Meneghetti, 2012, p. 130).</p>
Informação		<p>“Introduzir novidade de fim no interior de um contexto dinâmico ou vital” (Meneghetti, 2012, p. 137).</p>
Lugar	<p>“Um lugar é um espaço que tem um caráter distinto” (Norberg-Schulz, 1980, p.03).</p> <p>“O lugar representa a parcela da arquitetura na verdade”.</p> <p>“O lugar é a manifestação concreta da habitação do homem” (Norberg-Schulz, 1980, p. 04).</p> <p>“O lugar é evidentemente parte integrante da existência” (Norberg-Schulz, 1980, p. 05).</p> <p>“Lugar é uma totalidade composta de coisas concretas com substância material, forma, textura e cor. Juntas essas coisas determinam o “caráter ambiental”” (Norberg-Schulz, 1980, p. 05).</p> <p>“É um fenômeno qualitativo, “total”, que não podemos</p>	<p>“O lugar adquire referência de valor quando mediado de modo transcendental pela <i>nous</i>, pela mente-gênio daquele lugar” (Meneghetti, 2005, p. 271).</p> <p>“O lugar deve ser constituído por um ambiente naturisticamente perfeito e com a presença do “<i>genius loci</i>”, que tem a capacidade de agir interioridade sobre aquilo que é emotivo: o Em Si ôntico” (Meneghetti, 2005, p. 271).</p>

	reduzir a nenhuma de suas propriedades, como relações espaciais, sem perder sua natureza concreta de vista” (Norberg-Schulz, 1980, p. 05).	
Morada	Usa o termo para indicar o relacionamento total homem-lugar: “Quando um homem mora ele está simultaneamente localizado no espaço e exposto a um certo caráter ambiental” (Norberg-Schulz, 1980, p. 19).  “Morar = pertencer a um lugar concreto” (Norberg-Schulz, 1980, p. 22).	
Ontologia		“Trata-se de colher a primeira causa que depois faz a <i>certeza</i> , a exatidão, a repetição constante daquele efeito” (Meneghetti, 2015, p. 27).  “A lógica do que o ser é” (Meneghetti, 2018, p. 153).
Ontológico		“Discurso, racionalidade, critério atinente ao real, ao ser e a qualquer fenômeno seu” (Meneghetti, 2021, p. 190).
Sensação		“Percepção das ações orgânicas. Ação dos sentidos. Ação dos reflexos perceptivos neurológicos” (Meneghetti, 2012, p.242).
Sentido do espírito do lugar	Relação entre indivíduo e espaço: “movendo-se através dos espaços, a pessoa pode frequentemente reviver emoções relacionadas a eles de encontros anteriores, ou aplicar modelos de espaços anteriormente visitados. Estas emoções estão associadas ao visitante. [...] fica claro que o próprio lugar tem um jeito dele, um estado emocional, independente do estado de espírito do visitante no momento do encontro”. (Norberg-Schulz <i>appud</i> Costa,	

	2008, p. 04)	
Sentimento		“Ser com o sentido ou sensação. Variação sensória ou emocional refletida e participada ao Eu consciente” (Meneghetti, 2012, p. 243).
Símbolo, sinal, significado do lugar		“Algo que vai junto a um outro que não se vê. É o sinal ou imagem que está a indicar outro mais importante e concreto. Sinal convencionalizado por um real, ou significado” (Meneghetti, 2012, p. 245).

Fonte: elaborado pela autora (2025)

O quadro acima foi estruturado a fim de reunir e visualizar, com mais funcionalidade nesta pesquisa, os termos empregados na arquitetura, bem como a maneira pela qual os arquitetos usam esses conceitos na academia — os quais, na maioria das vezes, são criados por teóricos, professores e pesquisadores da área. Nesse caso, apresentaram-se os conceitos sob a visão de Norberg-Schulz e sob a ótica de Meneghetti, evidenciando a forma como os interpretam e discorrem em suas obras científicas.

#### **4.3 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE NORBERG-SCHULZ E MENEGHETTI USANDO O MÉTODO RACIONAL**

O método racional consiste em investigar e explicar fenômenos a partir do cumprimento de um conjunto de etapas, tais como observação, formulação de hipóteses, experimentação e análise de uma abordagem específica. Cada autor possui uma técnica própria e uma sistemática particular de planejar e executar as tarefas para alcançar os resultados propostos em sua hipótese.

Enquanto a ciência se dedica ao estudo dos fenômenos visíveis, a filosofia busca a causa raiz apriorística deles. Por sua vez, a ontopsicologia direciona-se à apreensão do núcleo essencial do Ser: o Em Si ôntico. Portanto, seu objetivo específico é identificar para onde a dinâmica natural e autêntica da vida está direcionando aquela individuação específica.

As categorias de análise descritas no Quadro 2 atuaram como ferramentas e fios condutores desta investigação, com o propósito de verificar a técnica que cada autor empregou para alcançar os objetivos de seus respectivos sistemas teóricos.

Norberg-Schulz baseou-se nos fenômenos e na experiência vivenciada, utilizando um método racional e dedutivo a fim de criar uma arquitetura concreta com espaços qualitativos de dimensão existencial, valorizando os efeitos psicológicos que envolvem o indivíduo. Portanto, o arquiteto parte da experiência sensível para conceber uma espacialidade tangível, na qual o homem constitui sua existência.

Meneghetti faz uso da causa e da informação apriorística — anteriores ao fenômeno — para identificar o que o homem é e criar o ambiente do homem verdadeiro: o lugar mestre que o qualifica, o amplifica e o exalta em sentido espiritual e metafísico. Usa o critério organísmico como informação de natureza para chegar a uma expressão do que é a arquitetura ontológica, como lógica do Ser. Restitui o nexa ontológico, habilitando a projeção de uma espacialidade intrínseca ao Ser e produzindo a correspondente fenomenologia na existência. Meneghetti entra, e colhe a dimensão do prazer, da vida, da alegria e do conceito de convívio com o espírito, promovendo a comunhão dos espíritos livres, construtores de beatitude.

No Quadro 5, apresenta-se o método racional de Norberg-Schulz e de Meneghetti, bem como suas contribuições para a ciência.

Quadro 5 – Método racional dos autores selecionados

<b>Método</b>	<b>Descrição</b>	<b>Autor</b>
Método de orientação e identificação: processo racional dedutivo a partir da vivência	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Usa a pessoa como método de observação no ambiente e aplica a vivência ou experiência como fenômeno na criação e preservação de espaços existenciais, aplicando símbolos e significados (correspondência entre homem e ambiente).</li> <li>- Busca a dimensão existencial determinada por estruturas do nosso ser-no-mundo: fenomenologia do lugar; estrutura do lugar; espírito do lugar.</li> <li>- Cria o método de orientação e identificação: caráter (ambiente concreto); espaço (sistema de relações) e a reunião (“coisificação”/o que vem para fora no mundo e reúne).</li> <li>- Faz uso da ontologia com a visão de Heidegger, mas não possui o critério para resgatar o nexa ontológico do homem.</li> <li>- Seu instrumento de medição são critérios sensitivos e racionais sobre o fenômeno (fenomenologia existencial) a fim de conceber a</li> </ul>	Cristian Norberg-Schulz

	obra de arte como uma “concretização” de uma situação de vida e pertencimento ao lugar/arquitetura concreta. - Relaciona a estética e a experiência sensorial.	
Método bilógico: processo racional indutivo-dedutivo com novidade dos princípios complementares do Campo Semântico, Em Si ôntico e Monitor de Deflexão	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Usa a pessoa como método de observação no ambiente e colhe por evidência.</li> <li>- Usa como critério o Em Si ôntico do homem como princípio formal inteligente que faz autóctise histórica.</li> <li>- Seu fim é a auto-realização e a criatividade do homem.</li> <li>- A metafísica é uma de suas aplicações.</li> <li>- O campo semântico, através do corpo como instrumento, colhe a informação primeira (critério organísmico) por imagem (eu apriori), antes do fenômeno, e o Eu lógico histórico atua no real.</li> <li>- O monitor de deflexão é um desviador, uma interferência, que impede a percepção do real.</li> <li>- O homem exato e auto-realizado é capaz do nexu ontológico (metafísica do ser).</li> </ul>	Antonio Meneghetti

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Ao realizar a análise dos métodos racionais dos autores, constata-se que a teoria de Norberg-Schulz é construída sobre o fenômeno do lugar — o elemento que dá caráter — e fundamenta-se na observação das vivências dos sujeitos no espaço. Essas experiências são somadas às percepções do autor em suas viagens de coleta de dados e conteúdos para suas pesquisas, bem como às suas relações com o ambiente, apoiando-se principalmente na teoria heideggeriana. A tentativa de retornar às coisas mesmas não significa que o arquiteto possua um critério para chegar aos resultados e resolver a necessidade do usuário na arquitetura, embora muitos tenham seguido sua teoria e seu conceito sobre o *genius loci*. Talvez Norberg-Schulz tenha alcançado a fenomenologia da arquitetura por meio de como esta é fenomenizada e vivenciada, mas não a fenomenologia do Ser como se refere Meneghetti, embora o arquiteto norueguês tenha tido acesso à ontologia em seus estudos. Pode-se dizer, portanto, que o saber explicitado por Meneghetti é a resposta para o que se deixa em aberto na obra de Norberg-Schulz.

Em contraponto, Meneghetti demonstra que é preciso um critério que fundamente a pesquisa e proporcione um resultado equivalente ao humano. Esse critério é o Em Si ôntico do homem. O autor acessa, antes do fenômeno, a informação pura para fazer a leitura do espaço e criar este ambiente dotado de uma ordem espiritual e vital, idêntica ao que é

humano. Para a Concepção de uma arquitetura ontológica, faz-se necessário o emprego desse critério, o qual consiste em colher o lugar a partir de si mesmo e saber ouvir o próprio Em Si para poder atuar e, posteriormente, cultivar o máximo daquele sítio. Assim como a natureza oferece as diretrizes basilares de sustentação, o interior do homem guarda a matriz virtual que rege qualquer desenho criativo, único e original. Para alcançar esse estágio, é fundamental a presença do homem autêntico; nesse sentido, a ontopsicologia propõe a autenticação do sujeito para a criatividade e a realização pessoal.

#### 4.4 A VISÃO DO TERMO *GENIUS LOCI* ENTRE CULTURAS

Norberg-Schulz foi um arquiteto que percorreu o mundo e visitou muitas cidades e culturas para compreender a identidade de cada lugar. Meneghetti, por sua vez, visitou e conviveu com várias culturas, fazendo levantamentos e observações *in loco* em diversos países para ter a evidência da identidade de cada povo<sup>59</sup>. Como *caposcuola* da corrente artística OntoArte, o autor construiu complexos arquitetônicos ecobiológicos na Rússia, no Brasil, na Itália, na Letônia e na Ucrânia, sempre escolhendo o "lugar gênio" que exalta o humano em cada um desses locais.

Assim como Meneghetti, Norberg-Schulz percorreu diversos países e, por meio da vivência em múltiplas cidades, descreveu suas percepções e as publicou em seus livros, registrando o modo como percebia e sentia cada espaço. Como exemplo dessa produção, destaca-se a obra *Meaning in Western Architecture* (1975). Muitos arquitetos aprenderam a analisar o entorno a partir de suas investigações e passaram a lecionar nas academias sob a perspectiva de Norberg-Schulz.

Não é possível pensar em um homem sem alma ou em um humano sem espírito. O lugar, por sua vez, além de conter características próprias e naturais daquele contexto territorial, transmite ordem, possui essência e reflete a alma — ou seja, o estado psíquico atual daquele que o constrói. Independentemente de fazer história, o verdadeiro espaço permanece e sua identidade mantém-se preservada. Se o ambiente é bom, promove a expansão e a exaltação do sujeito; se é ruim, oprime. Existem muitos exemplos históricos que representam a relação entre o homem e o ambiente no mundo com a função de encontro espiritual. Conhecer os elementos que geram prazer e alegria em um espaço evoca a responsabilidade de

---

<sup>59</sup> As experiências e relatos de Antonio Meneghetti evidenciadas em diversos países podem ser vistas nas diversas obras de sua autoria e nas próximas páginas dessa pesquisa.

preservá-lo e mantê-lo, pois, uma vez experimentada essa expansão interior, é a partir dessa vivência que se torna possível o desenvolvimento exterior e a criação de novas obras.

#### 4.4.1 CASES DE *GENIUS LOCI* AO REDOR DO MUNDO

Situado no sudeste da atual Turquia, o complexo de Göbekli Tepe<sup>60</sup> abriga o santuário mais antigo do mundo, datado do período Mesolítico. Erguido seis mil anos antes de Stonehenge e sete mil anos antes das pirâmides egípcias, o sítio arqueológico constitui “um monumento que vigiou este território por mais de onze mil anos” (YouTube, 2025, 00:59). A estrutura, descoberta por arqueólogos em 1995, possui dois complexos que se acredita serem de natureza social ou ritual, datando do décimo ao oitavo milênio a.C. O monumento é descrito como um provável templo sagrado devido à forma das edificações, as quais apresentam paredes esculpidas e contêm dois pilares centrais em todas as estruturas encontradas. Esses pilares estão direcionados para o oeste, o que, nas culturas do Crescente Fértil, representa o nascente ou o renascer.

Ainda na Turquia, destaca-se o tradicional banho turco — o *hamame*<sup>61</sup> —, variante islâmica desenvolvida pelos Omíadas que herdou a tipologia das termas romanas, as quais, por sua vez, também receberam influência da cultura grega. Trata-se de uma prática ancestral difundida a partir do Oriente. O banho turco funciona como uma espécie de bálsamo para o corpo e para o espírito, na medida em que proporciona relaxamento, paz e bem-estar, configurando-se como um espaço de relação e renovação espiritual entre o homem e o ambiente.

---

<sup>60</sup> Göbekli Tepe (*Monte com Barriga* ou *Monte com Umbigo* em turco) situado no sudoeste da atual Turquia é o topo de uma colina onde foi encontrado um santuário, no ponto mais alto de um encadeamento montanhoso que forma a porção mais a sudeste dos montes Tauro, a aproximadamente 15 km a nordeste de Şanlıurfa (Urfa) no sudeste da Turquia. É famosa pelas suas grandes estruturas circulares que contêm enormes pilares de pedra – os megalíticos mais antigos conhecidos do mundo. O sítio arqueológico foi classificado como Patrimônio Mundial pela UNESCO em 2018. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%B6bekli\\_Tepe](https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%B6bekli_Tepe). Acesso em: 10 jul.2025.

<sup>61</sup> Hamame (Hama ou Amã, do árabe, significa águas quentes) também conhecido como banho turco, banho a vapor ou sauna a vapor, é um tipo de banho que consiste em permanecer em um ambiente quente e cheio de vapor. Após algum tempo nesse ambiente, o banhista mergulha ou se molha com água fria ou quente. A origem do banho turco parece estar associada a tratamentos médicos para desobstrução de poros e hidratação de pele. A transpiração abundante ajuda a eliminar as impurezas do corpo e é particularmente benéfica para as pessoas que têm retenção de líquidos. É uma tradição oriental muito antiga, também usada pelos gregos e romanos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hamame>. Acesso em: 10 jul.2025.

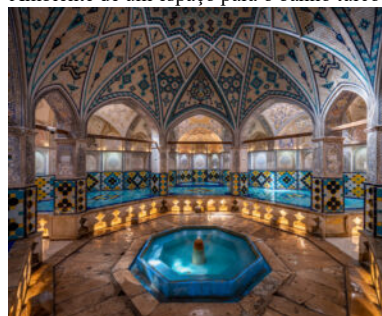
Figura 15  
Göbekli Tepe, Turquia.



Fonte: <https://ronei.arq.br/gobekli-tepe/>

O assentamento foi habitado desde cerca de 9500 a.C. até pelo menos 8000 a.C., durante o Neolítico Pré-Cerâmico.

Figura 16  
Ambiente de um espaço para o banho turco (Hamam), Turquia.



Fonte: <https://lugaresdememoria.com.br/hammam-o-balsamo-da-turquia/>

O banho turco, ou Hamame, que consiste em permanecer em um ambiente quente e cheio de vapor. Após algum tempo nesse ambiente, o banhista mergulha em ou se molha com água fria ou quente.

A Catedral de Chartres é a mais representativa e completa catedral gótica da França e uma das mais impressionantes obras arquitetônicas do mundo. Está localizada em um sítio muito particular, considerado por Meneghetti como a superforça de um *genius loci*, conhecido por suas águas e seus minerais, o qual coincide com uma constelação espacial. Todas as grandes catedrais góticas francesas centram-se no simbolismo da Virgem, dispostas em projeção aos astros da constelação de Virgem — a deusa da colheita e da justiça. A profecia da virgem parturiente originou sete catedrais na França. Esse constitui um número emblemático, associado historicamente aos sete reis de Roma, aos sete pecados capitais, às sete cores do arco-íris, às sete virtudes e aos sete *chakras*. Todas as demais sete catedrais — Amiens (1220–1288), Bayeux (1077–séc. XIX), Évreux (séc. X), Reims (1211–1275), Rouen (1145–séc. XIX) e Paris (1163–1345) — convergem para a Catedral de Chartres (1145–1221). As próximas figuras representam cada uma dessas edificações:

Figura 17  
Catedral de Amiens, França.



Fonte: <https://www.istockphoto.com/br/foto/amiens-catedral-fran%C3%A7a-gm975962504-265452554?searchscope=image%2Cfilm>

É uma das maiores catedrais góticas da França, com o seu grande volume interior de aproximadamente 200 000 m<sup>3</sup>, localizada na cidade de Amiens a 100 km a norte de Paris. É listada como Patrimônio Mundial da UNESCO (1981).

Figura 18  
Catedral de Bayeux, França.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral\\_de\\_Bayeux](https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_de_Bayeux)

Também chamada de Notre-Dame de Bayeux é uma catedral normando-românica, localizada na cidade de Bayeux na região da Baixa-Normandia. Foi o lar original da tapeçaria de Bayeux e é um monumento nacional da França. O local é antigo e já foi ocupado por santuários romanos.

Figura 19  
Catedral de Evreux, França.



Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/%C3%89vreux\\_Cathedral](https://en.wikipedia.org/wiki/%C3%89vreux_Cathedral)

A catedral é dedicada a Nossa Senhora de Évreux, fica a 80 km a oeste de Paris, localizada na região da Normandia. É um monumento nacional, construída no século X, e a nave conserva as arcadas semicirculares do período românico.

Figura 20  
Catedral de Reims, França.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral\\_de\\_Reims](https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_de_Reims)

Localizada na região de Champanhe, construída no século XIII, a Catedral de Notre-Dame de Reims forma, juntamente com a Catedral de Chartres, a dupla de catedrais góticas mais importantes da França.

Figura 21  
Catedral de Rouen, França.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral\\_de\\_Ru%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_de_Ru%C3%A3o)  
Da catedral original de 1063 resta apenas a cripta. Em 1145, o arcebispo Hugo III de Amiens começa a construção de uma nova catedral, em estilo gótico, em substituição ao antigo edifício, na cidade de Ruão (Rouen), a noroeste da França, na região da Normandia.

Figura 22  
Catedral de Notre Dame de Paris, França.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral\\_de\\_Notre-Dame\\_de\\_Paris](https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_de_Notre-Dame_de_Paris)

A Catedral de Nossa Senhora de Paris é uma das mais antigas catedrais francesas em estilo gótico. Iniciada sua construção no ano de 1163, é dedicada à Virgem Maria e situa-se na *Île de la Cité* em Paris, rodeada pelas águas do rio Sena..

Figura 23  
Catedral de Chartres, França.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral\\_de\\_Chartres](https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_de_Chartres)

Chartres é a mais representativa e completa catedral gótica da França e uma das mais impressionantes obras arquitetônicas do mundo. A catedral é dedicada ao culto mariano, daí seu nome Notre Dame de Chartres.

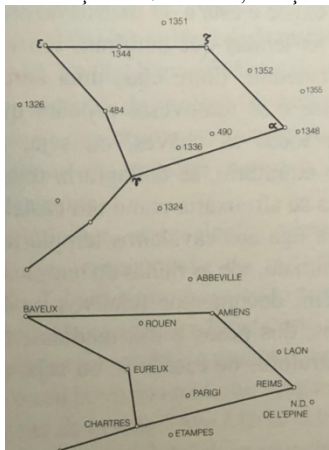
Figura 24  
Teto no interior da Catedral de Chartres, França.



Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto/the-stained-glass-windows-above-the-choir-imagem-royalty-free/159952676?phrase=catedral%20de%20chartres&adppopup=true>

No total, o edifício conta com mais de 150 janelas medievais com vitrais, a maioria delas do século XIII, que proporcionam um magnífico efeito luminoso ao interior do templo.

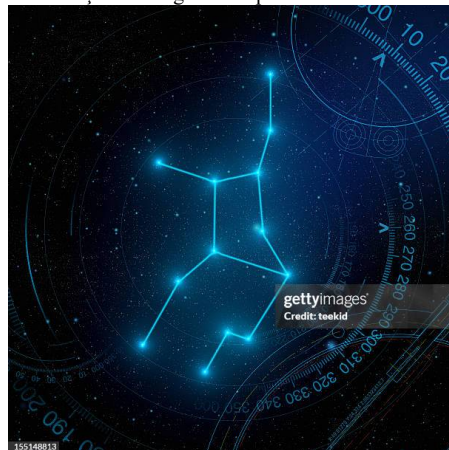
Figura 25  
Localização das 7 catedrais, França.



Fonte: Seis Mulheres e a Imaculada Conceição, Meneghetti, 2013.

A profecia à virgem parturiente cria 7 catedrais na França. Todas as grandes catedrais são centradas sobre o significado da Virgem, dispostas em projeção aos astros da constelação de Virgem.

Figura 26  
Constelação de Virgem e mapa astronômico.



Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto/virgo-constellation-imagem-royalty-free/155148813?adppopup=true>

A constelação de Virgem (Virgo) é a segunda maior do céu e abriga Espica (Spica), seu astro mais brilhante. Além de suas estrelas, Virgem é mundialmente famosa na astronomia por abrigar o Aglomerado de Virgem, um massivo super-aglomerado composto por cerca de 2.000 galáxias.

Desde a época dos sacerdotes celtas, as águas de Chartres — ou o “poço dos fortes”, onde se encontravam as linhas energéticas terrestres<sup>62</sup> — já eram conhecidas e consideradas miraculosas, existindo a 33 metros de profundidade. Observa-se que o sítio onde foi inserido o santuário, no advento do cristianismo, constitui um local rodeado por montanhas, vegetação e pelo rio. Os druidas<sup>63</sup> já prestavam culto nesse espaço, assim como, precedentemente a eles, havia um núcleo megalítico de culto à deusa Carmela<sup>64</sup>, portadora da pedra sagrada. A esse respeito, o autor aponta que “muitas são as lendas que surgiram em torno desta enigmática catedral. Entre elas, uma narra que, caso se descobrisse e se removesse a pedra que constitui a

<sup>62</sup> Linhas energéticas terrestres são conceitos místicos, esotéricos e de radiestesia que descrevem redes invisíveis de energia cruzando o planeta. Embora não tenham comprovação científica, reúnem diversas teorias sobre alinhamentos geográficos e campos eletromagnéticos. Os principais tipos incluem: Linhas de Ley, Rede de Hartman e Chakras Planetários.

<sup>63</sup> Druidas (no feminino druidesas ou druidisas) eram pessoas encarregadas das tarefas de aconselhamento e ensino, e de orientações jurídicas e filosóficas dentro da sociedade celta. Os druidas assumem o papel de diretores espirituais de rituais, conduzindo a realização dos ritos, e não de mediadores entre os deuses e o homem. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Druida#Fontes\\_cl%C3%A1ssicas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Druida#Fontes_cl%C3%A1ssicas). Acesso em: 18 dez.2025

<sup>64</sup> O culto à deusa Carmelle (também conhecida como a Virgem Carmelle ou *portadora de pedras*) é uma lenda sincrética associada ao misticismo celta-druidico, mitos do folclore francês e tradições de pedreiros. O nome Carmelle foi interpretado etimologicamente na região como “aquela que traz a pedra”, estando ligado à origem das formações rochosas sagradas. Disponível em: [https://www.academia.edu/41868508/NOTRE\\_DAME\\_DE\\_CHARTRES\\_TEMPLARE\\_V\\_LARCA\\_E\\_LA\\_W\\_OUIVRE](https://www.academia.edu/41868508/NOTRE_DAME_DE_CHARTRES_TEMPLARE_V_LARCA_E_LA_W_OUIVRE). Acesso em: 18 dez.2025.

chave de todas as chaves — ou seja, aquela que determina o equilíbrio —, deflagrar-se-ia uma queda em cadeia e esta desmoronaria como um castelo de cartas” (Meneghetti, 2013, p. 93).

Figura 27  
Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, França.



Fonte:  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Sanctuary\\_of\\_Our\\_Lady\\_of\\_Lourdes](https://en.wikipedia.org/wiki/Sanctuary_of_Our_Lady_of_Lourdes)  
Vista do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes a partir do castelo da cidade.

Figura 28  
Gruta de Massabielle em Lourdes, França.



Fonte:  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Sanctuary\\_of\\_Our\\_Lady\\_of\\_Lourdes](https://en.wikipedia.org/wiki/Sanctuary_of_Our_Lady_of_Lourdes)  
A gruta de Massabielle, o ponto mais famoso do santuário, possui centenas de réplicas espalhadas pelo mundo, conhecidas como "grutas de Lourdes".

A conhecida e estupenda cidadela de Machu Picchu — termo que em quíchua significa “velha montanha” —, também chamada de "cidade perdida dos Incas", é um complexo inca da era pré-colombiana localizado no topo de uma montanha, a 2.400 metros de altitude, no vale do rio Urubamba, no Peru. O sítio arqueológico constitui “um lugar onde o espírito da terra ainda respira entre pedras vivas” (YouTube, 2025, 43:29). A cidadela emerge entre as nuvens, nas alturas dos Andes peruanos, como um mistério intocado pelo tempo. Construída no século XV, essa cidade perdida foi redescoberta apenas em 1911, preservada pela selva e protegida pelas montanhas. As ruínas, com seus terraços e templos de pedra, revelam a habilidade extraordinária dos incas em arquitetura e astronomia. Cada pedra parece ter sido colocada com precisão matemática, alinhando-se com os solstícios e outros eventos celestes. A função original de Machu Picchu ainda desperta debates, sendo considerada tanto um centro religioso quanto um retiro real. A paisagem ao redor, com seus picos dramáticos e vegetação exuberante, reforça a sensação de estar em um lugar sagrado. Trata-se de mais que um monumento: é “um portal para um espírito de uma civilização que ainda ecoa na vastidão dos Andes” (YouTube, 2024, 05:45).

Figura 29  
Machu Picchu, Peru.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Machu\\_Picchu](https://pt.wikipedia.org/wiki/Machu_Picchu)

As ruínas, com seus terraços e templos de pedra revelam a habilidade extraordinária dos incas em arquitetura e astronomia. Cada pedra parece ter sido colocada com precisão matemática alinhando-se com os solstícios e outros eventos celestes.

Na obra *OntoArte: o Em Si da arte*, Meneghetti descreve sua experiência ao visitar Machu Picchu, no Peru:

Fiquei muito tocado pelo tipo de pedras e por como foram colocadas. [ ] ...era um lugar para mim familiar, isto é, podia mover-me naquele local como se eu o tivesse feito: reconhecia a posição daquelas pedras em relação à montanha, ao horizonte, em relação ao sol, a sensação de segurança, de privacidade, o elemento de vida pública e de vida privada, o elemento da guarda, dos amigos, do trabalho, de mediação solar etc. Pela primeira vez, encontrei-me diante de algo que eu não podia mudar, porque me coincidia em modo estupefante e, portanto, após alguns instantes, eu memorizara todo o lugar. Não precisava procurar, reconhecia e basta. [ ] Em Machu Picchu, vi o uso *organísmico* do homem verdadeiro. Como primeira hipótese, foi fundado por um homem sábio com a sua gente, que representava o vértice do equilíbrio da intelectualidade cósmica naquela ocasião. [ ] Quem fez aquele lugar era extremamente uma mente avançada, completa. Segunda hipótese. É uma passagem de inteligência, sempre na forma da constante H, uma passagem que se deteve e concluiu os seus dias naquele lugar. Quem fez Machu Picchu, decidiu-o como última chegada para concluir a sua existência. Machu Picchu é um lugar que destrói quem não está à altura, mas o ato coexiste de modo solar. [ ] Portanto, reencontrei, reconheci algo onde a minha inteligência viveu. [ ] Portanto, é nesse sentido que encontro algo da minha espécie que evoluiu tantíssimo e que viveu beatífico. Não encontro alienação à minha inteligência, à minha sensibilidade, encontro correspondência, portanto vivi – poderia dizer – onde era minha casa quando queria estar sozinho, onde era a minha casa quando queria ver a família, onde era a minha casa onde queria ver os amigos, etc. (Meneghetti, 2003, p. 272).

Desse modo, a descrição sobre Machu Picchu mostra um exemplo de como um sábio reconhece outro sábio. Trata-se de uma demonstração do potencial uso *organísmico* para construir a arquitetura do homem autêntico, consolidando um *genius loci* de exaltação espiritual humana para o desfrute e a soma de outras inteligências.

No Butão — um reino onde a natureza é compreendida como um espírito sagrado —, a história e a cultura locais registram uma harmonia entre o meio ambiente e a arquitetura que revela uma sabedoria ancestral. Nesse contexto, entre a vegetação alpina e as coníferas, surgem as fortalezas monásticas conhecidas como *dzongs*<sup>65</sup>, as quais apresentam elementos arquitetônicos que definem a identidade nacional. Essas estruturas são edificadas sem a utilização de projetos formais, sendo construídas com base em visões espirituais e tradições orais, o que preserva as técnicas artesanais de madeira, alvenaria e murais sagrados:

cada janela e telhado inclinado é pensado para se integrar à paisagem criando estruturas que parecem crescer da montanha. Ao percorrer trilhas que conectam terraços, vales e sabedoria ancestral, o visitante no Butão presencia uma paisagem onde a religião ecoa nas rochas, a água banha muros monásticos e cada pedra carrega um ensinamento. Nesta terra de solos sagrados e marcos eruditos, a arquitetura não serve somente ao homem. Ela é a expressão física de uma ligação eterna entre o humano, o divino e o ambiente (Vídeo Youtube, 2025, min. 25).

---

<sup>65</sup> *Dzong* (do tibetano རྫོང་, Wylie *rDzong*, "fortaleza") é uma construção típica dos reinos budistas do Himalaia, particularmente do Butão, que tem as funções simultâneas de centro religioso, militar, burocrático e administrativo de determinada região. O estilo arquitetônico característico em que são construídos também leva o nome de *dzong*. Os edifícios são colossais em seu tamanho, com gigantescas paredes exteriores que cercam um complexo de pátios, templos, escritórios administrativos e as acomodações dos monges. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Dzong#:~:text=Dzong%20\(do%20tibetano%20%E0%BD%A2%E0%BE%AB%E0%BD%BC%E0%BD%84%E0%BC%8B,a%20ashtamangala%20ou%20a%20su%C3%A1stica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dzong#:~:text=Dzong%20(do%20tibetano%20%E0%BD%A2%E0%BE%AB%E0%BD%BC%E0%BD%84%E0%BC%8B,a%20ashtamangala%20ou%20a%20su%C3%A1stica). Acesso em: 10 jul.2025.

Figura 30  
Dzong de Trongsa, Butão.



Fonte:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Dzong\\_architecture#:~:text=But%C3%A3o,-editar&text=Os%20dzongs%20servem%20como%20centros,religios o%20e%20administrativo%20do%20governo.](https://en.wikipedia.org/wiki/Dzong_architecture#:~:text=But%C3%A3o,-editar&text=Os%20dzongs%20servem%20como%20centros,religios o%20e%20administrativo%20do%20governo.)

Edifícios com gigantescas paredes exteriores acomodavam os monges budistas, cercados por pátios, templos e escritórios administrativos.

Figura 31  
Dzong de Punakha e o rio Mo Chhu, Butão.



Fonte:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Dzong\\_architecture#:~:text=But%C3%A3o,-editar&text=Os%20dzongs%20servem%20como%20centros,religios o%20e%20administrativo%20do%20governo.](https://en.wikipedia.org/wiki/Dzong_architecture#:~:text=But%C3%A3o,-editar&text=Os%20dzongs%20servem%20como%20centros,religios o%20e%20administrativo%20do%20governo.)

Construção típica dos reinos budistas do Himalaia com funções tanto de centro religioso como militar, burocrático e administrativo.

É preciso entender o termo *genius loci* para empregá-lo. Nem todo lugar possui o gênio, ao passo que outros são “lugares mestres” por sua elevada energia e presença espiritual. É comum encontrar o termo em literaturas, poesias e na arquitetura. Tibulo e Catulo foram poetas que escreveram com esse propósito (Meneghetti, 2003, p. 269).

Catulo e Tibulo foram poetas líricos da Roma Antiga, mas com estilos e focos distintos. Catulo, um poeta "neotérico" — do latim *poetae novi*, ou “novos poetas” —, inovou com temas pessoais e coloquialismos, sendo um mestre do amor e do ódio em sua obra, o *Liber Catullianum*. Tibulo, por sua vez, destacou-se na poesia elegíaca, caracterizada por sentimentos delicados e um foco na vida simples e tranquila, com suas obras reunidas no *Corpus Tibullianum*<sup>66</sup>.

O termo *genius loci* também se refere às culturas e espacialidades de ilhas mediterrâneas como a Córsega e a Sardenha, notórias por suas antigas construções de pedra — a exemplo dos nuragues e das estruturas torreanas —, bem como aos sítios megalíticos conhecidos de alinhamento, como os cromeleques, menires e dólmenes. Essas manifestações

<sup>66</sup> "Corpus Tibullianum" (Corpo Tibuliano) é o nome dado a uma coletânea de poesias latinas, em grande parte elegias, atribuídas ao poeta romano Tibulo (c. 54-19 a.C.) e a outros poetas de seu círculo, como a poetisa Sulpícia. A obra é geralmente composta por quatro livros, sendo que os dois primeiros são atribuídos com certeza a Tibulo, enquanto os outros contêm poemas de poetas do círculo de Messala. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tibulo#:~:text=regia%20bella%20pede.-,Obra,prescinde%20da%20ornamenta%C3%A7%C3%A3o%20mito%C3%B3gica%20alexandrina.>

encontram-se distribuídas em complexos na forma de círculos ou elipses, compostas por pedras agrupadas e dispostas em posições horizontais e verticais. Muitas vezes, tais monumentos apresentam dimensões monumentais que transcendem a escala humana, exercendo diferentes funções, como a de santuários, casas mortuárias ou observatórios agrícolas.

Figura 32  
Nuraghi, Sardenha, Itália.



Fonte:

<https://www.istockphoto.com/br/foto/ru%C3%ADnas-de-nuraghi-su-nuraxi-di-barumini-idade-do-bronze-sardenha-it%C3%A1lia-gm2115131743-567184689?searchscope=image%2Cfilm>

Os nuraghi são construções megalíticas únicas da Idade do Bronze encontradas na Sardenha, Itália. Existem cerca de 7.000 dessas misteriosas torres de pedra cônica na ilha, construídas entre 1800 e 500 a.C..

Figura 33  
Monumentos de pedra e paisagem em Córsega, França.



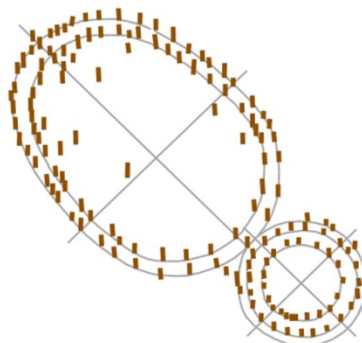
Fonte:

[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Corsica\\_Prehistory\\_Palaghju\\_megaliths.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Corsica_Prehistory_Palaghju_megaliths.jpg)

Menires alinhados na localidade megalítica de Palaghju, perto de Sartena. Remontam a cerca de 9000 anos a.C. as primeiras localidades paleolíticas de pedras e esboços de escultura, achadas na Córsega, na região de Porto-Vecchio. O neolítico se concluiu por volta de 1800 a.C. na Córsega.

Os cromeleques, caracterizados como um conjunto de pedras em forma de círculo, integram-se ao período Neolítico. Essas manifestações são constituídas por agrupamentos de menires — os quais podem ascender às dezenas —, dispostos em elipses, círculos, semicírculos ou retângulos, compondo um recinto aberto ou fechado. Arqueólogos e historiadores interpretam a utilidade desses monumentos como marcadores de propriedade, instrumentos de rituais associados à vida agrária, elementos de cultos astrais ou como um "calendário" astronômico.

Figura 34  
Planta de Cromeleque II (Neolítico Médio)  
Almendres, Portugal.



Fonte:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cromeleque\\_dos\\_Almendres](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cromeleque_dos_Almendres)

O Cromeleque dos Almendres é o maior monumento megalítico da Península Ibérica. Localizado a 12 km a oeste de Évora, Portugal, o complexo é formado por 95 monólitos de granito dispostos em dois círculos ovais. Erguido entre o Neolítico Médio e o Neolítico Final c. 6.000 a 3.000 a.C., o espaço servia para rituais e observações astronômicas. Além da formação principal, algumas pedras apresentam gravuras e relevos (como círculos e linhas onduladas).

Figura 35  
Dólmen circular de Cava dei Servi  
Sicília, Itália.



Fonte:  
<https://pt.wikipedia.org/wiki/D%C3%B3lmen>

O Dólmen de Cava dei Servi é uma estrutura megalítica circular datada do início da Idade do Bronze. Localizado na província de Ragusa, sudeste da Sicília, destaca-se por seu formato atípico e integração com a paisagem rochosa. : Arqueólogos associam a estrutura à cultura de Castelluccio (aproximadamente entre 2200 e 1500 a.C.). O monumento prova a existência de rituais funerários megalíticos na Sicília, dividindo opiniões acadêmicas sobre ter sido influenciado por construtores do Mediterrâneo Oriental ou ter evoluído localmente.

Figura 36  
Menires 1 e 2 de Lavajo,  
Alcoutim, Portugal.



Fonte: <https://citaliarestauro.com/o-que-sao-menires-e-cromeleques/>

O conjunto dos Menires do Lavajo situa-se no topo de uma colina com 155 m de altitude, entre dois cursos de água, o Vale do Lavajo e o Barranco do Lavajo, sendo um dos poucos monumentos megalíticos de funções não funerárias, situado na região do Sotavento algarvio. Os menires datam provavelmente do período de 3500 a 2800 a.C., que é geralmente considerado como parte da fase de transição entre os finais do Neolítico e os inícios do Calcolítico.

Os menires caracterizam-se como monólitos individuais de formato alongado ou ovoide, cravados na terra em posição vertical. O termo menir — ou *menhir*, proveniente do bretão *men* (“pedra”) e *hir* (“comprida”) — designa um monumento megalítico pré-histórico formado por um bloco rochoso alongado fincado no solo. Assim como o dólmen, essa estrutura é encontrada em diferentes locais do mundo, sendo Stonehenge, na Inglaterra, um dos exemplares mais conhecidos. As pedras verticais, as quais chegam a ter cinco metros de altura e pesar quase cinquenta toneladas, foram dispostas de maneira a formar um círculo, complementadas por blocos horizontais assentados sobre o topo, o que confere o aspecto de um grande anel pétreo. Stonehenge foi construído em etapas, com início por volta de 3100 a.C. e conclusão em 1500 a.C.

Um dólmen é um monumento funerário megalítico, composto por um conjunto de pedras verticais — os ortóstatos — que sustentam uma grande pedra horizontal, formando

uma câmara. Construídos pelas sociedades humanas desde o final do Neolítico na Europa (entre os milênios V e III a.C.) e também no Extremo Oriente, os dólmenes eram originalmente cobertos por terra e fragmentos rochosos, constituindo montes funerários. Com o passar do tempo, tais coberturas sofreram processos de erosão e desgaste, revelando a estrutura de pedra subjacente.

Em Calçoene, no estado do Amapá, Brasil, no Parque Arqueológico do Solstício, existe um círculo de pedras que se supõe ter sido construído como um antigo observatório indígena. O círculo de Calçoene foi apelidado de "Stonehenge do Amapá", em referência ao Stonehenge da Inglaterra. No Brasil, também existem dólmenes semelhantes, os quais ainda carecem de estudos e catalogação.

Figura 37  
Parque Arqueológico do Solstício, Calçoene, Amapá, Brasil.



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2024/06/23/stonehenge-brasileiro.htm>

O Parque Arqueológico do Solstício, abriga um círculo megalítico de pedras, composto por 127 blocos de granito, cada um com até 4 metros de altura, dispostos verticalmente em um círculo com mais de 30 metros de diâmetro às margens do rio Rego Grande, no topo de uma colina. Embora as pedras não tenham sido submetidas a técnicas de datação, a datação por carbono de fragmentos de cerâmica indicou que o sítio tem entre 500 e 2000 anos. O padrão que esses sítios megalíticos seguem sugere que pode ter sido usado como um local cerimonial e que sua estrutura e significado cultural eram compartilhados por diferentes comunidades indígenas no Brasil pré-colombiano.

Figura 38  
Stonehenge, Salisbury, Wiltshire, Inglaterra.



Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Summer\\_Solstice\\_Sunrise\\_over\\_Stonehenge\\_2005.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Summer_Solstice_Sunrise_over_Stonehenge_2005.jpg)

Stonehenge é uma estrutura composta, formada por círculos concêntricos de pedras, que chegam a ter 5 metros de altura e a pesar quase 50 toneladas, localizada na Inglaterra, no condado de Wiltshire, na Planície de Salisbury. No monumento identificam-se três distintos períodos construtivos: Período I (c. 3100 a.C.); Período II (c. 2150 a.C.); Período III (c. 2075 a.C.). As teorias atuais a respeito da finalidade de Stonehenge sugerem uso simultâneo para observações astronômicas e a funções religiosas, sendo improvável que estivesse sendo utilizado após 1100 a.C..

A história de Roma inicia muito antes de seus edifícios monumentais. A cidade nasce em uma região vulcânica, formada pela miscigenação de muitos povos vindos de diversos lugares, sendo que as áreas vulcânicas são reconhecidas pelo seu vigor natural. Os musgos são as primeiras espécies a se desenvolverem no ambiente após uma erupção vulcânica, funcionando como sinais de alta vitalidade. Da mesma forma, as borboletas amarelas, as

espécies polícromas, os beija-flores e as rãs compõem um ecossistema caracterizado pela harmonia natural e pela força vital. Roma, conhecida como a cidade das sete colinas, foi organizada, primeiro por assentamentos primitivos e, mais tarde, o seu urbanismo antigo foi planejado a partir de dois grandes eixos de traçado retilíneo e simétrico: o *Cardo* (norte-sul) e o *Decumanus* (leste-oeste). Diferente dos gregos, que edificavam as obras arquitetônicas individuais em relação às cidades, os romanos construíam seus edifícios integrados com o entorno, dando unidade ao conjunto arquitetônico. Segundo Norberg-Schulz, “Roma é toda um grande *genius loci*”:

Roma é geralmente conhecida como a Cidade Eterna. Obviamente, esse nome indica algo mais do que apenas uma história muito longa; ser "eterna" implica que a cidade sempre conservou sua identidade. Roma, de fato, não pode ser entendida como uma mera coleção de relíquias de diferentes períodos. Nenhuma explicação é necessária para nos conscientizarmos do caráter "eterno" da arquitetura romana; é imediatamente evidente, quer estejamos diante de um edifício da Antiguidade clássica ou de uma estrutura barroca. A qualidade "eterna" de Roma reside, portanto, em uma capacidade muito forte, talvez única, de auto-renovação (Norberg-Schulz, 1979, p. 01).

Figura 39  
Panorama urbano de Roma, Itália.



Fonte: <https://www.istockphoto.com/br/foto/skyline-de-roma-com-o-coliseu-e-f%C3%B3rum-romano-a-it%C3%A1lia-gm946597442-258494942?searchscope=image%2Cfilm>

A história de Roma abrange 28 séculos. Apesar da mitologia romana datar a fundação de Roma por volta de 753 a.C., o local é habitado há muito mais tempo, tornando-se um importante assentamento humano por quase três milênios e uma das mais antigas cidades continuamente ocupadas da Europa.

Figura 40  
Primeiros assentamentos, Cidade das 7 colinas/Roma.



Fonte: <https://www.romanoimpero.com/2009/06/primi-insediamenti.html?m=0>

Roma é muitas vezes referida como a "Cidade das Sete Colinas" devido à sua localização geográfica, e também como a "Cidade Eterna", por conta de sua longa história, e porque ele inicia como uma cidade, mas depois ela se torna em um império.

Se o propósito for ilustrar um bellissimo *genius loci* na Itália, pode-se contemplar a cidade de Assis. Meneghetti afirma que “um homem de superior mentalidade sente-se bem em Assis”, caracterizando esse sítio como “a grande mestra de tantos artistas, onde nasceu o

sol que foi Oriente para todo o mundo” (Meneghetti, 2003, p. 266). A esse respeito, o autor demonstra que Assis é:

Uma cidade que gera prazer corpóreo, berço que produziu mais santos, artistas e particulares pensadores, em proporção, e que depois se dirigiram para diversas partes do mundo. Desenvolve um afinamento místico, do mais alto misticismo nos homens dotados. É religiosa, olímpica e diabólica. Em Assis, podem-se encontrar todos os extremos do espírito: do diabo ao deus. A grande basílica de Assis foi construída sobre três princípios místicos. Há a basílica tumbal inferior, a basílica inferior e a superior. Assis retoma o princípio do homem cosmoteândrico (cosmo = deus = homem) (Meneghetti, 2003, p. 266).

Figura 41  
Assis, Itália.



Fonte: <https://viajoteca.com/o-que-fazer-em-assis-na-italia/>

Assis é uma comuna italiana na região da Úmbria, mundialmente famosa por ser o berço de São Francisco e Santa Clara. Rica em história medieval e religiosa, é Patrimônio Mundial da UNESCO.

Figura 42  
Rocca Maggiore, Assis, Itália.



Fonte: <https://viajoteca.com/o-que-fazer-em-assis-na-italia/>

A Rocca Maggiore é um castelo que serviu como principal fortificação defensiva da cidade de Assis e do vale do Tescio, dominando a área por mais de oitocentos anos.

Na cultura oriental, constatam-se, sem dúvida, belíssimos encontros com o *genius loci*. A influência da cultura oriental ancestral e tradicional contribuiu para construir lugares ímpares, com jardins exuberantes, expressivos e repletos de significados. A população, educada para o respeito à natureza desde a infância, orienta-se pelo valor de uma religião que preconiza a ordem, a limpeza e a presença dos elementos naturais como água, madeira, ar e fogo. Kyoto — a antiga capital do Japão — possui uma atmosfera de primor estético e proporção. A esse respeito, destaca-se que, “no Japão, há mais de 100 mil cerejeiras em flor em cada primavera, mais de mil jardins zen, rastelados todos os dias, 160 mil templos que guardam segredos antigüíssimos. Uma terra onde o sagrado e o profano dançam juntos” (YouTube, 2025, 00:47). O templo budista *Kiyomizu-dera* (séc. VIII), situado nas colinas de

Higashiyama, em Kyoto, constitui “um santuário de equilíbrio entre o homem e o mundo ao seu redor. Quem o visita, muitas vezes, sai de lá levando algo que não se explica. Só se sente” (YouTube, 2025).

Figura 43  
Templo Kiyomizu-Dera, Kyoto, Japão.



Fonte: <https://viajadaqui.com.br/2020/12/03/kyoto-a-cidade-dos-samurais/>

O Templo Kiyomizu-dera ("Templo da Água Pura") é um dos cartões-postais mais famosos de Kyoto, no Japão. Fundado em 778 d.C., é famoso por sua arquitetura suspensa em madeira, sem o uso de pregos, e pela bela vista panorâmica.

Figura 44  
Casa e jardim, Lagoa tradicional de Koi, Kyoto, Japão.



Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto/traditional-japanese-koi-pond-in-kyoto-japan-imagem-royalty-free/1182679050?phrase=kyoto&adppopup=true>

Os jardins japoneses são jardins tradicionais cujos projetos são acompanhados pela estética e ideias filosóficas japonesas, evitando ornamentação artificial e destacando a paisagem natural.

Os japoneses demonstraram grande maestria, no âmbito construtivo, mantendo preservados muitos desses lugares. Por essa razão Kyoto é reconhecida como um expressivo núcleo de *genius loci*. Sob essa perspectiva o autor assevera que “é muito belo o confim último da capacidade intuitiva de um profissional: chegar a colher a identidade que já existe em um lugar” (Meneghetti, 2018, p. 167) ao referir-se sobre a experiência de entrar na individuação e na formalização de um *genius loci*.

Caracterizada pelo profundo vínculo entre o homem e a natureza, a China é a terra de montanhas sagradas e majestosamente elevadas ao céu, além de berço da seda e de antigas tradições. Sobre Pequim — capital chinesa —, Meneghetti relata sua experiência sobre a concepção do *genius loci* em lugares onde os imperadores viviam no período entre os séculos XV e XVII. Sempre acompanhados por sábios, sacerdotes e filósofos que cuidavam de sua educação, esses pensadores atuavam como arquitetos do espírito, responsáveis por criarem os espaços do imperador:

Recordo-me que no passado eu era curioso para conhecer aqueles povos que tiveram arquitetos capazes de significar um *genius loci*, mesmo se era já difícil encontrar quem conhecesse a experiência disso. Por exemplo, em Pequim, nos lugares do imperador, havia grandes sábios, mestres arquitetos que sabiam intuir onde se encontrava um *genius loci* e, se não existisse, eram capazes de construí-lo. [...] o imperador foi sempre considerado de descendência divina, não no sentido que nascesse de Deus, mas no sentido que devia ser o mediador da vontade de Deus para proteger o seu povo. [...] Quando o imperador se encontrava em um momento de crise [...] ele era levado nesse espaço geométrico: se escolhia um certo lugar de terra, possivelmente próximo ao palácio imperial, e se colocava um determinado tipo de planta, de água, de rocha, e então um espaço absoluto. Experimentei estar em um desses lugares, e efetivamente havia uma convergência de todas as linhas daquele território; era como estar dentro de um núcleo onde se recolhiam vários radares. O imperador podia considerar a situação e pensar na solução. Trata-se de impérios que, talvez por arquitetura ou por outro fator, sobreviveram por séculos, [...] Nesses grandes impérios não era tão importante a pessoa, mas o núcleo de sábios, de sacerdotes, de filósofos, que eram arquitetos do espírito, da inteligência, que se reuniam em torno daquele que representava o tema de sustentação de toda a nação. Quando visitei um dos *genius loci* construídos por esses arquitetos, que os atuais chineses não entendem, me dei conta que na China, e assim também em Roma Antiga, tinham um determinado conhecimento de arquitetura naturística para individualizar a suprema sabedoria em um local com o escopo de manutenção de todo o grupo social (Meneghetti, 2018, p. 166).

O relato de Meneghetti sobre os espaços absolutos projetados na China imperial expande a compreensão do *genius loci* para além de um mero dado preexistente da natureza, revelando a possibilidade de sua emulação consciente por meio do desenho arquitetônico. Ao descrever a atuação dos sábios e filósofos como "arquitetos do espírito", a análise demonstra que a manipulação de variáveis físicas — como a água, a rocha e a vegetação — operava como uma engenharia psicossomática e geométrica de altíssima precisão. Esse arranjo espacial não visava à espetacularização estética, mas sim à construção de um suporte físico que atuasse como um centro de convergência energética e informacional, capaz de restaurar a clareza cognitiva e o equilíbrio existencial do governante em momentos de crise. Sob a ótica da ontopsicologia, o sucesso e a longevidade milenar desses impérios residiam, portanto, na capacidade dessas lideranças de silenciar o Eu lógico e alinhar-se à verdade contida no ambiente. Assim, o *case* da China imperial valida o critério de que o espaço construído cumpre sua função ontológica máxima quando deixa de ser um mero abrigo físico e passa a funcionar como um neurônio territorial ativo, mediando de forma direta à relação entre a existência histórica do sujeito e a universalidade do Ser.

Figura 45  
Lugar do Imperador, Pequim, China.



Fonte: <https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/forbidden-city-imperial-place-beijing-china-2518650007>

O "Lugar do Imperador" em Pequim refere-se aos majestosos complexos palacianos das dinastias Ming e Qing. O principal marco é a Cidade Proibida, o grandioso palácio de inverno. Para os dias quentes, os imperadores também utilizavam o Palácio de Verão, um refúgio com extensos jardins e lagos.

Figura 46  
Cidade Proibida, Pequim, China.



Fonte: <https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/china-beijing-tower-forbidden-city-2506140067>

A Cidade Proibida, localizada no coração de Pequim, é o maior complexo palaciano do mundo. Construída entre 1406 e 1420, serviu como residência para 24 imperadores das dinastias Ming e Qing. Hoje, o local não é mais restrito e abriga o famoso Museu do Palácio.

São inúmeros os exemplos de lugares no mundo que demonstram a relação entre o homem e o ambiente, envolvendo suas respectivas culturas, arquiteturas e territórios — desde a escolha do sítio e da forma de implantar as edificações até a importância de preservá-las, sendo muitas delas tombadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Ao analisar a história desses países e sua cultura, percebe-se que muitos dependeram de grandes líderes e sábios que souberam respeitar com fidelidade o espírito do lugar, além de criarem legislações que preservassem o bem natural e edificassem sobre o território em harmonia e em função dos seus habitantes.

#### 4.5 A IDENTIFICAÇÃO DO *GENIUS LOCI* NO LUGAR

Alguns autores criaram termos e teorias para identificar espaços de vitalidade com a presença do “espírito do lugar”, tomando como base referencial os fenômenos gerados pelas experiências nesses ambientes, as percepções vivenciadas e as memórias afetivas despertadas. Para Meneghetti, os *genius loci* apresentam variáveis e determinadas características que os diferenciam, não sendo todos iguais: “vão de dez, quinze metros aos cinquenta metros. Podem

ter uma atitude feminina ou masculina. Além disso, possuem os elementos-chave para interpretar a centralidade magnética natural do lugar” (Meneghetti, 2003, p. 270).

O autor sinaliza as diretrizes para reconhecer e compreender o *genius loci*:

O *genius loci* é uma entidade em si mesma com precisa centripetação; uma vasta área de pontos-força que converge evolutivamente em um lugar mestre que, por sua vez, é o resultado da evolução dinâmica de todos os outros pontos (os quais fazem um epicentro que, depois, reforça e redistribui). Mais do que um Eu pensante, é um Em Si ôntico naturístico<sup>67</sup>, que não tem a lógica racional por nós usada, mas possui a lógica da identidade funcional: um equilíbrio de forças que se impõe dominando todo o resto. Encontrando-se em um lugar mestre, é como falar dentro de uma vidência semântica<sup>68</sup> operativa de vida. Um lugar no qual é quase exasperado o silêncio, enquanto tudo em torno possui movimento e vida. Mas ali as coisas estão como em um epicentro de hiperatividade e os sentidos humanos se uniformizam permanecendo em tensão de escuta prazerosa (Meneghetti, 2003, p. 271).

Faz-se necessário identificar, no lugar, o ente ou a inteligência que dirige e aproxima todos os pontos de força, partindo dele mesmo como centro e em convergência com a própria evolução de todos os elementos que o compõem. A ação mestre dada pelo regente no lugar resulta na evolução dinâmica de cada epicentro presente, estendendo-se às demais potências que também evoluem e se desenvolvem. Assim, cada força se reforça e redistribui esse dinamismo. A lógica da identidade funcional dada pelo Em Si ôntico reverbera o que é funcional para cada sujeito ou núcleo dinâmico. É a soma dessas instâncias, de vários entes que entram em harmonia e equilíbrio, que faz com que, por meio de uma imposição soberana, a expressão majoritária predomine sobre o conjunto, em uma superior unidade de ação.

Para identificar as dinâmicas de um lugar, a ontopsicologia utiliza o campo semântico<sup>69</sup>, uma das descobertas precípuas de seu arcabouço teórico. Trata-se de um conhecimento sensorio-visceral dado por natureza ao humano, cujo portador é o próprio corpo físico do homem. O campo semântico “é uma informação que se estrutura no corpo como medianicidade de intenção real” (Meneghetti, 2015, p. 31), sendo que “esta operação se insere

---

<sup>67</sup> Em Si naturístico: o total do Em Si orgânico no holístico ambiental; é o feixe dos instintos positivos, finalizados exclusivamente a uma forma de narcisismo e de agradabilidade no fato de existir (Meneghetti, 2012, p. 86). Ver: Meneghetti, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

<sup>68</sup> O autor usa esse vocábulo com acepção exclusiva na escola ontopsicológica, diferente do significado conferido pela psicolingüística. O termo denota que a comunicação é um ato e é possível colhê-la em antecipação a qualquer símbolo (Meneghetti, 2003, p. 271). Ver: Meneghetti, Antonio. **Ontoarte – O Em Si da Arte**. Florianópolis: Ontopsicológica Editrice, 2003.

<sup>69</sup> O campo semântico é a *comunicação-base que a vida usa no interior das próprias*. Transdução de forma ou informação sem deslocamento de energia. A forma ou vetor se transporta de um conteúdo energético a outro. [...] É a informação-base que acontece antes de todos os sentidos, antes de todas as emoções, antes de toda consciência, em antecipação a qualquer símbolo (Meneghetti, 2012, p. 38). Ver: Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

entre o dado primário orgânico e a relação metabólica do ambiente” (Meneghetti, 2015, p. 31). O ambiente<sup>70</sup> constitui um campo onde relações e variáveis se determinam entre pontos de força que interagem entre si, podendo amplificar ou reduzir a saúde psíquica dos usuários e do próprio lugar. Se o lugar possui um espírito, existe uma informação, uma forma que age no interior das individuações e da própria natureza como força e virtualidade.

Observa-se, no exemplo de Yalta, na Crimeia, como Meneghetti percebe e identifica a genialidade da arquitetura composta no ambiente:

Ialta, na Crimeia, um país estupendo, uma terra mágica, com uma enorme cultura da qual o Ocidente não sabe nada. Existe aquele Mar Negro que é negro por profundidade de vida, não porque é sujo, e nessa natureza particular se observam diversos casarões e construções. O ponto que maravilhou é que, de Dostoiévski ao Czar, qualquer um sabia que de vez em quando precisava ir a Ialta por motivos de saúde espiritual e física. Eu tenho a experiência de saber discriminar e vi que as casas estavam posicionadas em um modo técnico que tinham o máximo encontro de vitalidade com a natureza do lugar: as portas, as janelas, o lugar eram colocados de modo tal para ter uma osmose vital com o contexto da natureza (Meneghetti, 2017, p. 41).

Nessa descrição, constata-se o efeito que um lugar pode causar quando se necessita de mais vigor e do restabelecimento da saúde física e espiritual. Provavelmente, quem projetou naquele sítio soube colher a identidade de cada elemento que fazia parte do entorno — como os materiais, as cores, a forma e a relação com a paisagem. Por esse motivo, na ação projetiva de um arquiteto e urbanista, deve estar incorporado ao planejamento o princípio de colher, por evidência, a vitalidade do lugar em profundidade, de modo íntimo, percebendo suas informações corpóreas.

---

<sup>70</sup> *Lat. ambitus entis*= o cerco ou espaço daquele ente. Colocação de sentido de uma individuação em um inteiro. Espaço territorial ou mental de uma individuação, de uma relação ou de asserção dinâmica. Espaço de interação de um sujeito: essa interação pode reforçar ou desagregar seja o sujeito que as suas relações (Meneghetti, 2012, p. 21). Ver: Meneghetti, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

Figura 47  
Ialta, casas nas montanhas, Criméia, Ucrânia.



Fonte: <https://pt.dreamstime.com/vista-dos-arredores-da-cidade-de-yalta-crimea-casas-bonitas-nas-montanhas-image224328094>

Ialta é uma cidade turística costeira localizada ao sul da Península da Criméia. Aninhada entre o Mar Negro e as montanhas, a região é conhecida historicamente pelo seu clima ameno e arquitetura palaciana.

Figura 48  
Ialta, Mar Negro, Criméia, Ucrânia.



Fonte: <https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/yalta-city-embankment-birdseye-view-2097047668>

Ialta se estende por terraços nas encostas dos Montes da Criméia, que formam uma barreira natural de pinheiros protegendo a cidade dos ventos frios do norte. A cidade abriga locais históricos como o Palácio de Livadia, antiga residência de verão da família imperial russa e sede da famosa Conferência de Ialta em 1945.

O resultado do projeto de um arquiteto que sabe colher o espírito do lugar amplificará o espírito daquele que o habitar e contemplar. Sob essa ótica, o autor assevera que, “depois que se aprende a ordem vital de si mesmo, aprende-se a ordem espacial relativa a si mesmo e, no final, entende-se a ordem de interação com o lugar ou ponto positivo da vida” (Meneghetti, 2017, p. 42).

#### 4.6 O CONCEITO DE *GENIUS LOCI* NO ÂMBITO DO ESPAÇO EXISTENCIAL

Como contribuições científicas para o ser humano no âmbito do espaço existencial e fenomenológico, destacam-se os exemplos dos centros ecobiológicos construídos pelo professor Antonio Meneghetti na Rússia, na Letônia, na Ucrânia, na Itália e no Brasil, apresentados no Quadro 6. A esse respeito, o autor conceitua que “o *genius loci* é a presença de uma superior unidade de ação” (Meneghetti, 2003, p. 271). O núcleo inteligente do lugar, *genius loci*, pode ser transformado por uma inteligência superior em condições de coordenar um espaço para obtenção de uma maior função e ressaltos estéticos. Sob essa ótica, assevera-se que “o gênio usa tudo mantendo em crescimento cada coisa segundo o critério da função do máximo operador daquele espaço: o homem” (Meneghetti, 2003, p. 271). Nas Figuras 49 a

56, dispostas no Quadro 6, é possível contemplar imagens dos centros ecobiológicos como exemplos de *genius loci* construídos a partir da lógica de Antonio Meneghetti:

Quadro 6:

Centros ecobiológicos criados por Antonio Meneghetti ao redor do mundo em seus *genius loci* particulares

Figura 49  
Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro/RS, Brasil.



Fonte:  
<https://almanaqueliterario.com/a-historia-por-tras-do-recanto-maestro2>

Figura 50  
Centro Ecobiológico Lizori. Umbria, Itália.



Fonte:  
<https://www.facebook.com/lizori>

Figura 51  
Centro Ecobiológico Marudo, Itália.



Fonte:  
<http://www.ontopsicologia.org.br/ontopsicologia/ontopsicologia-no-mundo>

Figura 52  
Centro Ecobiológico Bérnia, São Petersburgo, Rússia.



Fonte:  
<http://www.ontopsicologia.org.br/ontopsicologia/ontopsicologia-no-mundo>

Figura 53  
Centro Ecobiológico Niotan, Ekaterimburgo, Rússia.



Fonte:  
<http://www.ontopsicologia.org.br/ontopsicologia/ontopsicologia-no-mundo>

Figura 54  
Centro Ecobiológico Diostan, Magnitogorsl, Rússia.



Fonte:  
<http://www.ontopsicologia.org.br/ontopsicologia/ontopsicologia-no-mundo>

Figura 55  
Centro Ecobiológico Vitolga, Kiev, Ucrânia.



Fonte:  
<http://www.ontopsicologia.org.br/ontopsicologia/ontopsicologia-no-mundo>

Figura 56  
Centro Ecobiológico Lizari, Riga, Letônia.



Fonte:  
<http://www.ontopsicologia.org.br/ontopsicologia/ontopsicologia-no-mundo>

Nesses centros ecobiológicos, Meneghetti aplicou o conceito de "ecobiologia"<sup>71</sup>, o qual se mostra fundamental para se compreender, de modo conexo, a dinâmica do *genius loci*. A ideia de ecobiologia, pode ser melhor entendida a partir da seguinte descrição conceitual, que indaga “com qual biologia se pode facilitar para ter uma natureza próxima às necessidades humanas, mas também como os indivíduos podem colaborar com o espírito da natureza, entendida como terra” (Meneghetti, 2017, p. 95). Em todos os projetos dos centros

<sup>71</sup> “Ecobiologia” é uma palavra criada por Meneghetti como um conceito novo, que une ciência, arte e homem na alma da terra, entendida como expressão de um projeto universal, de uma providência divina. Segundo o autor, a terra pode ensinar coisas maravilhosas também às pessoas mais inteligentes. Ver: Meneghetti, Antonio. **Projeto Terra**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

ecobiológicos, o autor empregou o método da ontopsicologia, com critério científico fundamentado na informação do Em Si ôntico.

Torna-se interessante destacar como Meneghetti “reuniu a positividade da natureza ao projeto biológico do humano” (Jornal Recanto Maestro, 2012, n. 8). Nesse sentido, constata-se, na experiência do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, como “essa combinação ordena-se e se reforça quando segue o projeto ecobiológico que a natureza cria de modo privilegiado em alguns lugares do planeta” (Jornal Recanto Maestro, 2012, n. 8). Evidencia-se, assim, a presença de um gênio ordenador que rege todo o conjunto, englobando a vegetação, as águas, os animais, a terra, o céu, as edificações e a força vital. Antonio Meneghetti reconheceu essa “genialidade nativa” em alguns lugares do mundo, ainda livres ou abandonados, tais como: nos Urais, na Finlândia (região da Carélia do Sul), na Letônia, na Itália (nas províncias da Úmbria e de Sabina), em Santo Ângelo e no Recanto Maestro, no Brasil.

Meneghetti foi um verdadeiro mestre em descobrir esses lugares, saber identificá-los como *genius loci*, ordená-los e construí-los respeitando o projeto de natureza de cada um. Segundo o autor, o importante não é estar ali junto à árvore ou em qualquer outro local, mas “coexistir com o universo da vida – a força” (Jornal Recanto Maestro, 2012, n. 8), complementando que “a vida não é um espaço, não é uma dimensão, é uma generatividade” (Jornal Recanto Maestro, 2012, n. 8). O projeto Recanto Maestro é também “o inspirador do nascimento de outros centros como este em diversas partes do mundo: na Mongólia, no Cazaquistão, na Alemanha e na Itália, tendo ocorrido tentativas de sua implantação também na Argélia” (Jornal Recanto Maestro, 2012, n. 8). Dessa forma, conclui-se que “o Recanto Maestro crescerá e permanecerá um critério de referência de como fazer” (Jornal Recanto Maestro, 2012, n. 8).

Do ponto de vista de Meneghetti, não tocar ou não alterar a natureza, como alguns ambientalistas preconizam, significaria viver na conservação da fixação, o que remete ao princípio da regressão. Ao contrário, se a intervenção for realizada do modo exato, constitui um serviço social ao humano, a exemplo do Recanto Maestro — antes uma terra abandonada, e hoje um centro de inteligência onde se promovem as culturas da arte, do belo, da música, da gastronomia, da hotelaria, do turismo e de tantos outros saberes de modo superior.

Entrar nos segredos de como a natureza vive não significa necessariamente viver nas montanhas ou no campo, uma vez que a passagem é a metanoia interior. Sob essa perspectiva, constata-se que “é o Em Si ôntico que tem a passagem com a vida” (Meneghetti, 2017, p. 43),

e “o conhecimento científico primário da ontopsicologia consente a passagem do gênio do planeta Terra, porque os Em Si são sempre 'uno' entre si e, portanto, se conhecem, são sempre amigos” (Meneghetti, 2017, p. 43). Com a competência e o conhecimento sobre “os segredos de como a natureza vive eterna”, pode-se entrar na dimensão do “gênio técnico lógico da vida” (Meneghetti, 2017, p. 43). Essa dinâmica não se refere a uma teoria: “é simplesmente técnica de ciência da vida” (Meneghetti, 2017, p. 43). É, portanto, técnica e prática de como as coisas são, de como a natureza é e age. A esse respeito, o autor detalha a sua abordagem da seguinte forma:

Depois, em casa, se pode ter a imagem de uma árvore, de um Cristo, de uma Nossa Senhora, de um Buda, de Maomé etc., isso é tudo relativo. O que produz maior funcionalidade é a realização total, seja no plano chamado “material” – que depois não existe, porque tudo é a mesma coisa – seja no plano metafísico. Substancialmente o homem que funciona está intimamente com o Deus da Vida (Meneghetti, 2017, p. 43).

A experiência de conhecer diversos lugares, outros países, e diferentes culturas permite evidenciar — por meio das sensações corpóreas — a informação do gênio no planeta, especificamente como inteligência do lugar, sejam esses espaços naturais, nativos, construídos ou alterados pelo homem. A investigação desenvolve-se em um planeta que demonstra existir vida há bilhões de anos. Várias cidades construídas são consideradas sagradas na Europa, nas Américas e no Oriente; de igual modo, existem caminhos sagrados trilhados por vários mestres. Esse estudo permite, portanto, compreender todas as vibrações energéticas que circundam esses locais sacros, a fim de mitigar o mistério e descortinar a factualidade do que realmente é.

Mesmo no Brasil, constata-se espaços dotados dessa inteligência do planeta Terra. Trata-se de uma informação conectada com o cosmos e com o Ser universal, o qual é unívoco a todos os seres e estabelece diálogo por meio de um campo energético quântico<sup>72</sup>, cada qual em sua constante específica. Plantas, animais, pedras, rios e águas são regidos por uma constante própria, assim como o homem é regido pela constante H<sup>73</sup> — a “forma que

---

<sup>72</sup> Na física, o campo quântico é a base da matéria e da energia. Segundo a Teoria Quântica de Campos (TQC), não existem partículas isoladas flutuando no vácuo. Em vez disso, o universo é permeado por campos fundamentais invisíveis, e tudo o que chamamos de matéria — como elétrons e quarks — são simplesmente oscilações ou “vibrações” localizadas nesses campos. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zegyo\\_b-X7o&t=28s](https://www.youtube.com/watch?v=zegyo_b-X7o&t=28s). Acesso em: 18 dez.2025.

<sup>73</sup> Da inicial H do *lat. homo* = homem. Intencionalidade de natureza no específico humano. Valor prioritário elementar deduzido da intrínseca forma que individua e especifica o humano enquanto tal e o distingue de todas as outras formas ou modos de existir, ou fenomenologias do ser. De fato, constitui o ponto de observação da

especifica a energia elementar ou existencial do Em Si ôntico humano” (Meneghetti, 2012, p. 60). É a constante H que o determina como humano, distinguindo-o de todas as outras formas ou modos de existir, ou fenomenologias do Ser.

A constante H é a determinante da estética, à medida que o objeto reflete as suas funções. Um espaço deve, portanto, ser gerado segundo a intencionalidade da constante H, o que consiste em reconhecer o lugar antes de este se tornar fenômeno no espaço. Dessa forma, não se trata apenas de ler o lugar, mas de possuir o critério que o constitui. Sob essa ótica, o autor afirma que, “por constante H, entende-se, portanto, o que é mais comum e simples, dentro da operatividade do que é o Em Si, o Eu *a priori*, a alma” (Meneghetti, 2003, p. 257).

O belo é relativo ao lugar e ao momento, de acordo com a situação, enquanto a função nasce do conceito de relação entre o sujeito e o objeto. Sendo o homem a medida de todas as coisas, pode-se mensurar o lugar — ou o objeto — pelo modo como se relaciona com o sujeito, segundo as coordenadas de sua função individual, visto que tudo se baseia na constante H. A condição para usar esse instrumento crítico é “o homem que alcança a consciência de saber-se como homem” (Meneghetti, 2003, p. 259).

Ao adentrar nesses locais sagrados — seja um espaço na natureza ou no interior de uma edificação — com a consciência do que realmente representam como verdadeiros santuários experimentam-se alterações vibracionais, mesmo sem uma percepção direta por parte do sujeito. Quando consagrados pelo Ser, esses ambientes tornam-se sagrados e passam a nutrir o homem. A partir disso compreende-se a razão pela qual os “sacerdotes de Baco, de Apolo, de Zeus amavam os *lucus*, os bosques sagrados: eram lugares onde existiam os *genius loci* e onde apropriados sacerdotes ensinavam a arte da vida” (Meneghetti, 2005, p. 275).

#### **4.7 O EMPREGO DO *GENIUS LOCI* NO AMBIENTE HUMANO**

O emprego do *genius loci* no ambiente humano torna-se possível a partir do amor, do cuidado e da fidelidade ao próprio lugar, de modo simples, abrangendo desde a casa até o jardim. Para saber construir esse ambiente e mantê-lo, é preciso fazer com que o lugar permaneça simbiótico à exaltação pessoal do indivíduo, sem jamais traí-lo. Essa premissa inclui, por exemplo, manter a casa limpa, organizada, estética e funcional em relação à identidade do sujeito. Enquanto se estrutura a simbiose com o próprio lugar e ocorre a sua

---

relação metafísica: o ser pode objetivar-se porquanto inerente à função possível da constante H. (Meneghetti, 2012, p. 60). Ver: Meneghetti, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

metabolização, determina-se a ação da psique no comportamento; ou seja, refazem-se novos hábitos funcionais à própria natureza como projeto, estando presente, atento e em observação. Deixá-lo sujo, desorganizado e sem harmonia configura uma traição ao próprio Em Si.

Deve-se conhecer e cuidar do *genius loci* individual de modo personalíssimo, em exaltação e conforto ao próprio Em Si ôntico, em constante e avançada abertura sobre o Eu lógico histórico, com emanção de prazer. A esse respeito, o autor conceitua que “o Eu lógico histórico é um medidor, sintoniza. Ao passo que o Em Si ôntico vê e controla, está sempre em antecipação” (Meneghetti, 2005, p. 299).

Ao entrar em um ambiente, é preciso saber individuar o núcleo informático, identificá-lo como ente e perceber sua vitalidade ou se há anomalias, o que serve tanto para a pessoa quanto para o lugar. Essa percepção permite identificar quem é o indivíduo e o estado em que este se encontra. O mesmo vale para o sítio espacial: consiste em discernir que local é esse e o estado em que se encontra — se limpo, sujo, desordenado, degradado ou exuberante —, bem como se gera prazer ou desordem no interior do sujeito. O corpo é o primeiro instrumento a perceber essa dinâmica, constituindo a morada e a palavra da alma humana.

Meneghetti expõe que, caso ocorra uma perda psicológica no sujeito que fez contato com algo que o maculou, ao entrar na sua casa este logo perceberá e “sentirá uma distonia no ambiente” (Meneghetti, 2003, p. 274). Trata-se de uma desarmonia no lugar entre os elementos que compõem o espaço — uma desproporção, seja nos materiais, nos móveis ou nos objetos —, a qual altera seu bem-estar e o prazer sobre as coisas que mais gosta dentro da própria casa. “É necessário, portanto, saber parar para retomar o ponto da própria ecceica presencialidade” (Meneghetti, 2006, p. 62). Para que o indivíduo sintase senhor do próprio lugar novamente, é imprescindível o belo ordenado em função de si mesmo, de modo eficiente no ambiente. Meneghetti propõe que, para encontrar-se dentro do próprio espírito e voltar a ouvir o sopro vivo do seu lugar e o elemento que o engrandece faz-se necessário colher sua música, desfrutar dos objetos, e apreciar os elementos que geram prazer a si mesmo. O silêncio é uma das ferramentas que guardam a canção de um íntimo sereno e eficaz nesta retomada, oportunidade na qual se colhe uma espécie de paz em deleite e solitude.

Em outras palavras, se o indivíduo atua em conformidade com a sua identidade de natureza, sendo igual ao seu Em Si, o *genius loci* o amplifica e contribui para o seu engrandecimento. Se o sujeito se encontra em discordância com o projeto de natureza, a inteligência do lugar amplifica essa discordância. O *genius loci* permite compreender, de fato,

que as coisas não estão bem e que é preciso mudar o modo de agir, redirecionando as escolhas, os hábitos e as seleções que o indivíduo faz para si.

Primeiramente, um líder precisa saber quem ele é. Na sequência, faz-se necessário compreender o que é e o que não é sobre o lugar, como ente, para decidir como será a arquitetura e a quem esta servirá. O líder sábio é aquele capaz de investir numa terra e com mudanças coerentes no espaço em relação ao que é natural, vital, e ecobiológico, construir um edifício que se consolida como um *genius loci* vivo. Essa edificação, sintonizada com a dinâmica do Ser, constitui um paraíso integral dentro de um ecossistema vivo, com funções humanas, promovendo uma ação generativa, propagação e multiplicação de múltiplos pequenos *genius loci* em expansão. Essa configuração resulta em qualidade de vida, desenvolvimento e evolução para a população e para toda uma região.

Por exemplo, quando o professor Meneghetti projetava os edifícios habitacionais, existia a clareza sobre o perfil do usuário final. Do mesmo modo, ao destinar suas pinturas e esculturas em leilões, evidenciava-se a premissa de que o adquirente possuía uma grandeza equivalente ao espaço que iria habitar. Essa mesma lógica aplicava-se às demais obras de OntoArte, as quais eram direcionadas aos sujeitos que se encontravam em identidade com a natureza da obra de arte em si — considerando aquela produção específica naquele determinado momento.

Após a aquisição de um apartamento, de uma casa ou de um objeto de arte, compreende-se que a manutenção desse espaço ideal passa a ser de responsabilidade do sujeito — agora estabelecido como senhor e gestor daquela habitação e de seus componentes. Ao estar em sintonia harmônica com o contexto ecobiológico holístico, o indivíduo deve direcionar sua atenção aos pequenos detalhes da vida diária, mantendo-se receptivo aos indicadores do real no momento presente, o que reflete a máxima de "vestir a armadura e colocar também o capacete", conforme preconizava o professor Meneghetti, referindo-se a responsabilidade interior de cada um para proteger e salva-guardar o que lhe é próprio.

Portanto, criar o próprio *genius loci* privado, saber cultivá-lo no misticismo cotidiano e estabelecer um espaço exclusivo em função do sujeito que ali habita — por meio da inserção de elementos como flores, aromas e decorações com as cores e objetos que geram prazer ao íntimo, contemplação, entusiasmo e curiosidade — alegra o Em Si, porque o ambiente torna-se reversível ao indivíduo, faz identidade. Essa dinâmica constitui um convite ao convívio de modo íntimo, espiritual e pessoal com a própria personalidade, configurando-se como um modo de ampliar o corpo, relaxar e amplificar a própria criatividade.

Viver em estética gera um íntimo prazer para quem sabe experienciar o belo. Respeitar o próprio lugar ecobiológico é ser fiel à própria identidade e ao ambiente, de modo vital e espiritual. A prática estética com critério organísmico reforça e mantém a inteligência e a presença do gênio do lugar — o mestre regente, o Em Si ôntico.

No Quadro 7, apresenta-se uma diretriz de Antonio Meneghetti, extraída de sua obra *Em busca da alma*, com o propósito de tornar prático e funcional um ambiente ecobiológico holístico em função do sujeito. Essa abordagem reúne características de espírito estético, ético e conceito naturístico.

Quadro 7 – Emprego e manutenção do *genius loci* individual no miricismo cotidiano

SÍNTESE PRÁTICA PARA MANUTENÇÃO DO <i>GENIUS LOCI</i> INDIVIDUAL	
O QUE APRENDER	COMO APLICAR
1. “Amar a propriedade da própria estética, amar o belo para a própria dignidade” (Meneghetti, 2006, p.62).	Seja no ambiente ou consigo mesmo, ao vestir-se, ou ordenar sua casa, ao escolher os móveis e objetos, o armário, as roupas, a estante, os livros, a cama, lembrar do próprio belo, cultivar o próprio prazer em fazer.
2. Não adiar as ações que deve realizar deixando para depois. Não acumular, não passar “anos no provisório de tantas coisas que são um limite” (Meneghetti, 2006, p.62) para si mesmo.	Arrumar aquela garagem, aquele depósito, aquele armário... Manter a casa, a louça, as roupas, os sapatos, o escritório, os livros, os materiais, a despensa, o carro, limpos e organizados de modo simples e funcional para si.
3. Ao realizar alguma coisa “lembrar sobretudo de fazê-la para si mesmo, não para mostrá-la” (Meneghetti, 2006, p.62). Ser independente nas suas escolhas sem depender de opiniões externas ou alheias.	Ao comprar algo que gosta, ou quando faz algo belo, viver para si. Desfrutar seu próprio prazer com alegria. Ser simples nas próprias escolhas e viver com profundidade e intimidade pessoal.
4. Conhecer a própria proporção. “Aprender a dar a melhor casa à primeira dimensão do próprio corpo,” (Meneghetti, 2006, p.62) sua alma, seu espírito. Lembrar-se que o Em Si é o melhor amigo, e a alma é uma informação ativa. “Amar o belo para a própria dignidade” (Meneghetti, 2006, p.62).	Conhecer o próprio design, nos móveis, nos tapetes, nas luminárias, nos quadros. Cultivar a própria moda, as vestes, os sapatos, os chapéus. Experimentar o prazer nas escolhas enquanto organiza suas tarefas, respeitando seu corpo, e o que é função a ele. Conhecer o belo de si mesmo para fazer as próprias escolhas, saber o que é para si.

<p>5. Quando as coisas não vão bem, “saber parar para retomar o ponto da própria ecceica presencialidade.” (Meneghetti, 2006, p.62). Saber olhar para si, não para fora, pois a chave de volta se abre do interior, e está sempre no sujeito.</p>	<p>Retornar a si mesmo com ações simples e funcionais: colocar a sua música, cozinhar, viver o seu íntimo na própria morada, sem ir buscar a solução fora. Retomar-se em um ambiente que reforce a própria identidade, resgatando o belo de si mesmo. Aprender a ouvir e cultivar o silêncio.</p>
<p>6. Doar momentos eternos para si. “Saber fazer para si um santuário onde entrar de vez quando” (Meneghetti, 2006, p.62) na própria casa ou em algum lugar, onde possa ir e estar consigo mesmo, e ser partícipe de uma dimensão de prazer solitário, único e individual. Algo somente seu, como um paraíso. “São momentos que ajudam a constante de uma revolução interior” (Meneghetti, 2006, p.63).</p>	<p>Escolher um lugar da sua casa para desfrutar de um momento na varanda, tomando um café, observando a paisagem, ou lendo um bom livro na poltrona que você mais gosta. Saborear um bom café em um bar que lhe agrade. Parar para tomar um sorvete ou um suco de frutas em um lugar prazeroso na beira de um belo caminho e sentir o aroma das flores. “Lembrando-se do próprio belo, a alma será uma necessidade por consequência” (Meneghetti, 2006, p.62).</p>

Fonte: elaborado pela autora (2025)

O Quadro 7 demonstra, de modo geral, como é possível a aplicação prática dos conceitos de *genius loci* que se estudaram. Trata-se de uma proposta de fidelidade ao lugar com inteligência, bem como de fidelidade às escolhas do ambiente para si, atuando como reforço da identidade e da construção do próprio espaço como experiência para iniciar a mudança em si mesmo. Embora não se compreenda em sua totalidade, é importante recordar que o corpo metaboliza o lugar e “assimila continuamente também o lugar arquitetônico do ambiente onde estamos” (Meneghetti, 2017, p. 4). Portanto, justificam-se, claramente, estudos futuros para a ampliação desse exercício de conversão do conteúdo teórico em aspecto prático no dia a dia da convivialidade com o espaço construído.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar os conceitos aqui empregados, a título de conclusão, pode-se dizer que, para colher a alma do lugar, faz-se necessário um homem sadio, exato e em nexos ontológico. O presente trabalho de pesquisa permite ao leitor evoluir do sentido de *genius loci*, conforme visto pelo autor Norberg-Schulz, para a visão concebida por Antonio Meneghetti, constituindo esta uma das principais contribuições que se espera ter trazido nesta

investigação. Norberg-Schulz parte do objeto como fenômeno para identificar o *genius loci* no espaço — ou para criá-lo —, baseando-se na experiência e na vivência de seus usuários para conhecer o caráter do lugar. Por sua vez, Meneghetti parte da evidência, da causalidade antes de se tornar fenômeno. Para ter a evidência do que é real, ou seja, para colher por campo semântico e estar no mundo da vida, é necessário pertencer a ele com transparência, sem estereótipos, modelos ou memórias. É preciso estar em contato com o Ser, que é o nada e também o todo. Não é possível identificar a genialidade pura de um lugar com uma consciência impura, defletida, disforme ou alienada. O sujeito reconhece o seu entorno a partir de quem é, na mesma medida em que se conhece, de modo que não é possível atingir esse estágio sem realizar a metanoia.

A psicoterapia de autenticação leva o homem a essa transição da consciência alienada. A mente que percorre o Ser em sua plenitude encontra o poder da alma na essência da metanoia — o dinamismo de uma mente que atua para além e antes dos efeitos. A presença do *genius loci* é dada e percebida somente pelas coordenadas do espaço, sem o tempo. Nesse contexto, vive-se o eterno, no aqui e agora, visto que o *genius loci* “é o fulcro de apoio que fornece a segurança estática da eternidade” (Meneghetti, 2003, p. 271). Essa inteligência do lugar estabelece o ponto de ancoragem no qual o sujeito pode apoiar-se, desenvolvendo vidência e força.

O presente trabalho de pesquisa, portanto, permitiu investigar o problema e atingir os objetivos delimitados. Esse processo investigativo resultou em grande crescimento pessoal para a autora — crescimento este que se procurou apresentar nestas considerações finais. Para qualquer intervenção, o arquiteto precisa usar o critério da vida, o único sopro vital capaz de adequar o ambiente à dignidade do homem e ao espaço do ser humano. Para tanto, estar em nexos ontológico constitui-se como prioridade para o técnico criador, visto que, ao estar em contato com o Ser e sendo no Ser, torna-se possível conceber a Arquitetura Ontológica e produzir com criatividade.

Conhecer o próprio *genius loci* subjetivo — aquele que urge e pulsa no interior de cada arquiteto — é primordial para projetar a arquitetura do Ser como fenomenologia, possibilitando conceber o verdadeiro *genius loci* aplicável à exaltação humana.

De modo simples, o único critério que valida um ambiente permanece sendo o indivíduo, “sempre que esse indivíduo é autêntico, ou seja, conforme a projeção do conjunto, e que tenha em vitalidade todos os seus potenciais” (Meneghetti, 2005, p. 283).

Estar em abertura circular consente a interação com o dinamismo vital do ambiente, o qual propicia satisfação, realização e felicidade.

É o Em Si ôntico, como único critério base, que projeta, estabelece os resultados e determina a posição de ganho ou de diminuição do sujeito segundo os critérios da identidade funcional do portante. Esta constitui uma das grandes descobertas da ontopsicologia: o psicograma-base de como a natureza autocertifica a própria posição em relação ao real (Meneghetti, 2005, p. 284).

Se a pessoa é funcional para si, todos os núcleos, os pontos de força e os sujeitos inseridos na relação incrementam-se, tornando possível autogerir uma identidade vital em funcionalidade com o conjunto, em uma unidade de ação no ambiente.

A fidelidade ao *genius loci* pessoal mantém constantes o caráter e a coerência de tudo o que é crescimento íntimo e espiritual. Dessa forma, é a própria pessoa que constitui uma verificação de prazer erótico, manifestando a graça em seu próprio Em Si.

Não foi possível contemplar, nesta investigação, um estudo aprofundado sobre os critérios que levam a eleger lugares e cidades denominados "sagrados". Da mesma forma, ressalta-se a limitação quanto à contribuição analítica sobre as chamadas linhas de Ley — os pontos energéticos do planeta Terra e as forças místicas e transcendentais —, as quais são consideradas inválidas pela ciência por ainda carecerem de comprovação empírica. De igual modo, o mapeamento sobre as escolas orientais, os conceitos da geobiologia, os campos de frequência energética e demais vertentes correlatas constituem áreas que demandam maior investigação. Configuram-se, portanto, como temas recomendados para futuras pesquisas de continuidade do presente trabalho.

Muito ainda pode ser aprofundado e enriquecido sobre a interrelação entre o conhecimento do *genius loci* e o campo da arquitetura e urbanismo, em especial trazendo conceitos como morfologia urbana e paisagem, além de explorar outros autores que estudam o tema. A autora encerra esse texto já com ideias para novas pesquisas e com a intenção de avançar nos pontos aqui iniciados. Espera-se que este estudo seja um passo inicial para todos aqueles que se interessam pela temática do *genius loci*, especialmente os que trabalham levando em conta a visão da ontopsicologia e da OntoArte. Faz-se necessária a presença de líderes capazes de garantir a arquitetura ontológica para o humano — líderes realizados que intencionam o belo e a estética em função do homem e da construção de novos espaços, nos quais a ação do *genius loci* subjetivo, virgíneo e imaculado, seja o regente de uma nova arquitetura.

## REFERÊNCIAS

ALVES, L. A. dos Reis. **O conceito de lugar**. Arqtextos, 2007. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/24.280/8910> Acesso em: 09/09/2024.

CADORE, A. **Aldo Rossi e Borgorico: a influência do locus**. Artigo, 2021. Site Arqtextos mundo afora. Disponível em: <https://www.arqtextosmundoafora.com.br/post/aldo-rossi-e-borgoricco-a-influ%C3%Aancia-do-locus#:~:text=S%C3%A3o%20de%20sua%20autoria%20grandes,Berlin%2C%20Alemanha%2C%20dentre%20outros> Acesso em: 10/06/2025.

COSTA, R. **Fengshui: em busca do Genius Loci**. Arqtextos, 093.06, ano 08, fev., 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.093/170>

GALVÃO, P. **Educação física, infância e corporeidade: uma crônica sobre o Estágio Curricular Supervisionado I**. Monografia, 54 fls, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, 2026.

INOUE, L. M. **Morfologia urbana, paisagem e “genius loci”**. Oculum Ensaios, v. 19, e224903, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v19e2022a4903> Acesso em: 10/06/2025.

MARÇAL, M. S., et all. **Metodologia de narrativas autobiográficas: uma revisão sistemática**. *Psi Unisc*, 10, 2026, Artigo 19014. <http://doi.org/10.17058/psiunisc.v10i.19014>

MELO, J.; VICTAL, J. **Por uma arquitetura do lugar**. Arqtextos. 2023. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/24.280/8910> Acesso em: 25/09/2024

MENEGHETTI, A. **A Beleza Como Valor Para o Humano**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2021.

MENEGHETTI, A. **Arquitetura OntoArte no Brasil**. Associação OntoArte. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Associação OntoArte, 2020.

MENEGHETTI, A. **Criatividade e sensibilidade estética**. Ontopsicológica Editora Universitária. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2018.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. Ed. – Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Em busca da alma**. Vol. III. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2006.

- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. Ontopsicológica Editora Universitária - 4. Ed - Recanto Maestro: 2010.
- MENEGHETTI, A. **OntoArte: O Em Si da Arte**. Florianópolis, Ontopsicológica Editrice, 2003.
- MENEGHETTI, A. **Pedagogia ontopsiológica**. Ontopsicológica Editora Universitária, 3ª.Ed. Recanto Maestro, São João do Polêsine/RS, 2014.
- MENEGHETTI, A. **Projeto Terra**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.
- MENEGHETTI, A. **Residence ontopsiológico**. Ontopsicológica Editrice, 1ª.Ed. Recanto Maestro, São João do Polêsine/RS, 2005.
- MENEGHETTI, A. **Seis mulheres e a Imaculada Conceição**. Recanto Maestro, RS Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.
- NORBERG-SCHULZ, C. **Existência, espacio y arquitectura**. Editora Blume, Espanha, 1975.
- NORBERG-SCHULZ, C. **Genius loci – towards a phenomenology of architecture**. England: Edinburgh College Of Art Library, Ed. Rizzoli, 1980. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/261230535/Genius-Loci-Christian-Norberg-Schulz> Acesso em: 12/08/24.
- NORBERG-SCHULZ, C. **Genius Loci**. Milano: Electa S.p.A., 12ª.Ed. 2023.
- NORBERG-SCHULZ, C. **Genius loci of Rome**. Revista de Architectural Design, v.49, n.3/4, 1979 (online). Disponível em: <https://pdfcoffee.com/genius-loci-of-romechristian-norberg-schulz-pdf-free.html> Acesso em : 24/07/2024.
- REIS, E. Rodrigues. **Lugar do sentido**. Artigo, Rev. Nufen: Phenom. Interd. Belém, 2017. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912017000200008](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200008) Acesso em: 14/07/2024.
- RUA, E.D. **Resenha do livro: O Fenômeno do Lugar**. Cosac Naify, São Paulo, 2006.
- SILVA, G. P. da; CARVALHO, D. F. **Pesquisa narrativa autobiográfica: uma revisão de literatura de teses no período de 2019 a 2024**. Cadernos da FUCAMP, Monte Carmelo, v. 46, p. 1–21, out. 2025.

## PERIÓDICOS:

Revista Nuova Ontopsicologia. Ano XXVII. N. 2-2009/1-2010. Psicologica Editrice, Roma.

Revista Nuova Ontopsicologia. Ano XIV. N. 1 Gennaio 1996. Psicologica Editrice, Roma.

## SITES:

CASA WABI. Disponível em: <https://casawabi.org/en/exhibitions/genius-loci/#:~:text=Alexander%20Pope%20made%20the%20Genius,mana%20pools%2C%20or%20an%20equivalent> Acesso em: 15/12/25.

YI-FU TUAN. 2025, Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Yi-Fu\\_Tuan](https://pt.wikipedia.org/wiki/Yi-Fu_Tuan). Acesso em: 15/12/25

WIKIPÉDIA. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Brasil>

## VÍDEOS:

CANAL PAT6: Contexto. **Christian Norberg-Schulz**. Vídeo Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WS0Dp7oa84&t=363s> Acesso em: 07/07/2024

CANAL EpicExplorationaTV PT: **Maravilhas da Turquia/Entre Europa e Ásia/Os Lugares Mais Extraordinária da Turquia/4K**. Vídeo Youtube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ooj9Rw2T1A&t=322s> Acesso em: 14/06/2025.

CANAL EpicExplorationaTV PT: **Maravilhas da China | Os Tesouros do Reino do Meio | Os Lugares mais Incríveis da China | 4K**. Vídeo Youtube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIY0uJOCP6M> Acesso em: 14/06/25.

CANAL Maravilhas do Mundo: **As maiores obras da civilização já construída na Terra**. Vídeo Youtube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LKz-eKlclvU> Acesso em: 25/08/2025.

CANAL Mundo Real: **Botão 360° - por dentro do país mais fechado do mundo**. Vídeo Youtube, 2025. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Bd\\_Zm0orcNk](https://www.youtube.com/watch?v=Bd_Zm0orcNk) Acesso em: 25/09/2025.

CANAL FEITO GEO - Maravilhas do Mundo – **As maiores obras da civilização já construída na Terra**. Vídeo Youtube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LKz-eKlclvU> Acesso em: 14/06/25.

CANAL FEITO GEO – **Explore os 50 Patrimônios Mundiais da UNESCO Mais Fascinantes da Terra.** Vídeo Youtube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2lky8sSabdw&t=347s> Acesso em: 14/06/2025.

CANAL EpicExplorationaTV PT: **Maravilhas do Japão/Lugares mais incríveis do Japão/Guia de viagem 4K.** Vídeo Youtube, 2025. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NJZ\\_BB92nLs](https://www.youtube.com/watch?v=NJZ_BB92nLs) Acesso em: 14/06/2025.

MENEGHETTI, A. **Concerto em Sito Maestro.** DVD, 2000, Scandriglia, Itália.

#### **IMAGENS:**

SITE <http://www.ontopsicologia.org.br/ontopsicologia/ontopsicologia-no-mundo>

SITE <https://www.facebook.com/lizori>

SITE <https://almanaqueliterario.com/a-historia-por-tras-do-recanto-maestro2>

SITE [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal)

## **ANEXO I**

### **TIPOS DE REFERÊNCIAS CITADAS NO QUADRO 3 DO ITEM 3.3 REVISÃO DE LITERATURA - LEVANTAMENTO REALIZADO NO PROJETO DE TCC (2024)**

#### **ARTIGOS INTERNACIONAIS:**

MORRIS, M. **Genius Loci com Grits Inn at Middleton Place, perto de Charleston, EUA.** Revista Luz do Dia. DA11. 2009. Disponível em: <https://issuu.com/da-magazine/docs/da11>

REN, X. **Thin mask, thick mnemonic: the idea of the wall and genius loci in two contemporary buildings.** arq: Architectural Research Quarterly, 24 (1). pp. 37-48. ISSN: 1359-1355. Disponível em: [https://eprints.whiterose.ac.uk/id/eprint/154064/1/Accepted%20version\\_arq\\_23.4\\_Xiang\\_.pdf](https://eprints.whiterose.ac.uk/id/eprint/154064/1/Accepted%20version_arq_23.4_Xiang_.pdf)

VECCO, M. **Genius Loci as a meta-concept.** Journal of Cultural Heritage, 2020. Disponível em: <https://hal.science/hal-03489951/file/S1296207419301748.pdf>

#### **ARTIGOS NACIONAIS:**

COSTA, R. **Fengshui: em busca do Genius Loci**. Arqtextos, 093.06, ano 08, fev., 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.093/170>

CRUZ, L. **Arquitetura, vazio moderno e o espaço social**. Revista Paranoá, número 16, 2016.

INOUE, L. M. **Morfologia urbana, paisagem e “genius loci”**. Oculum Ensaios, v. 19, e224903, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v19e2022a4903> Acesso em: 10/06/2025.

GRAZIADEI, R. **Genius Loci, Martin Buber, Louis Kahn e o Meio Ambiente**. Categoria Ambiente, Blog nullus locus sine genio, 2015. Disponível em: <https://nulluslocussinegenio.com/2015/06/19/genius-loci-martin-buber-louis-kahn-the-environment/>

MARTINS, P. **Realidade e arquitetura contemporânea**. Oculum Ensaios, 14, Campinas, p.64-73, Julho-Dezembro, 2011. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/777>

MELO, J. e VICTAL, J. **Por uma arquitetura do lugar**. Arqtextos, 280.03, fenomenologia, ano 24, set., 2023. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/24.280/8910>

OLIVEIRA, L. **De Archytas a Franck: Uma recapitulação da formulação da teoria da espacialidade na arquitetura**. Revista Espacialidades, 2024, Universidade do Rio Grande do Norte.

ORRÚ, E. **Genius loci: ensaio sobre o lugar da Diferença na educação para todos**. Acta Scientiarum. Education, vol. 44, e52072, Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3033/303371539002/html/#:~:text=um%20esp%C3%ADrito%20guardi%C3%A3o,-.Um%20esp%C3%ADrito%20que%20brindava%20vida%20%C3%A0s%20pessoas%20e%20aos%20lugares,o%20conceito%20de%20genius%20loci>

RAMOS, F et all. **Reflexões sobre a construção histórica do conceito de espaço: uma aproximação**. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo, iau-usp, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/risco/article/view/187844/193331>

REIS-ALVES, L. **O conceito de lugar**. Arqtextos, 087.10, ano 08, ago., 2007. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.087/225>

REIS, E. **Lugar do sentido**. Rev. Nufen: Phenom. Interd. | Belém, 9(2), 109-123, mai. – ago., 2017. Disponível em: <https://arquitechne.com/recuperar-o-sentido-do-lugar/> ou [https://www.researchgate.net/publication/320210536\\_Lugar\\_do\\_sentido](https://www.researchgate.net/publication/320210536_Lugar_do_sentido)

SALES, D. Jr. **A arquitetura soteropolitana e o espírito do lugar**. *Arquitextos*, 211.01, Salvador, ano 18, fev., 2018. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/18.211/6870>

#### **LIVROS:**

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Editora Martins Fontes, 2003.

BEVILACQUA, F. **Genius loci. Il dio dei luoghi perduti**. Collana Focus, Editora Rubbettino, 2010.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. Zouk Editora, 2012.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 10.a Ed., Editora Vozes, 2015.

MENEGHETTI, A. **Arquitetura OntoArte no Brasil**. Associação OntoArte. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Associação OntoArte, 2020.

MENEGHETTI, A. **OntoArte: O Em Si da Arte**. Florianópolis, Ontopsicológica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, A. **Projeto Terra**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

MENEGHETTI, A. **Residence ontopsicológico**. Ontopsicológica Editrice, 1ª.Ed. Recanto Maestro, São João do Polêsine/RS, 2005.

MENEGHETTI, A. **Seis mulheres e a Imaculada Conceição**. Recanto Maestro, RS Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MUNTÂNOLA, J. **La arquitectura como lugar**. Colección Arquitectura y Crítica. Editora GG, Barcelona, Espanha.

NORBERG-SCHULZ, C. **Existência, espacio y arquitectura**. Editora Blume, Espanha, 1975.

NORBERG-SCHULZ, C. **El concepto de habitar: el asentamiento, el espacio urbano, el edificio público, la casa**. Editora Revertè, 2023, Espanha.

NORBERG-SCHULZ, C. **Genius loci – towards a phenomenology of architecture**. England: Edinburgh College Of Art Library, Ed. Rizzoli, 1980. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/261230535/Genius-Loci-Christian-Norberg-Schulz> Acesso em: 12/08/24.

NORBERG-SCHULZ, C. **Genius loci of Rome**. Revista de Architectural Design, v.49, n.3/4, 1979 (online). Disponível em: <https://pdfcoffee.com/genius-loci-of-rome-chrisian-norberg-schulz-pdf-free.html> Acesso em : 24/07/24.

NORBERG-SCHULZ, C. **Inteciones em arquitectura**. 2ª. Ed., Editora GG, Espanha, 1998.

PALLASMAA, J. **Habitar**. Editora Gustavo Gili, 2016, Espanha.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: arquitetura e os sentidos**. Ed. Bookman, 2016.

PALLASMAA, J. **Esencias**. Editora Gustavo Gili, 2018, Espanha.

PORTOGHESI, P. e CARAMIA, D. **Genius Loci: La vita profonda dei luoghi**. Collana EDA-QA Quaderni di Architettura, Prima edizione, Aracne, 2021, Roma.

ROGERS, E. **Gli elementi del fenomeno architettonico**. Prima edizione 1963. Ed. Marinotti, 2012, Milão, Itália.

ROSSI, A. **L'Architettura della città**. 1966, Itália.

#### **TESES E DISSERTAÇÕES:**

BERGONZINI, P. **O genius loci de villa sorra: patrimônio cultural para um desenvolvimento situado**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2013. Disponível em:

COSTA, E. **O genius loci na construção das cidades amigas da infância: uma análise do pmpi da cidade do Recife**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2022. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/observatorio/detalhamento/teses-e-dissertacoes/37077415?search=genius+loci&size=20&page=0>

FARSHADI, A. **Exploring the potential of applying genius loci as a concept in landscape architecture**. Master proposal, Landscape architecture, Estonian University of Life Sciences, 2017.

MELO, J. **A caminho de casa: lugares e culturas através da experiência cinematográfica**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2021. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/observatorio/detalhamento/teses-e-dissertacoes/35754742?search=genius+loci&size=20&page=0>

PARADEDADA, M. **Arquitetura da paisagem e modernidade: um estudo sobre representações e memória das Praças de Pelotas (1860-1930)**. Dissertação de mestrado, PUC-RS, 2003.

PINHEIRO, A. **Das ribeiras do Jaguaribe à capital: a concretização do genius loci nas casas rurais sertanejas**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2018. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/observatorio/detalhamento/teses-e-dissertacoes/30849356?search=genius+loci&size=20&page=0>

**SOUZA, J. O futebol na contemporaneidade e sua importância na identidade cultural como genius loci na cidade de Londrina.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2018. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/observatorio/detalhamento/teses-e-dissertacoes/30031761?search=genius+loci&size=20&page=0>